UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO - UBEE

Simplesmente Irmãos!

A história vocacional de Irmãos Maristas

Organização
Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa
Ir. Rafael Ferreira Júnior

Brasília/DF
Agosto de 2017

Província Marista Brasil Centro-Norte

Ir. Ataide José de Lima
Superior Provincial e Diretor-Presidente das Mantenedoras UBEE-UNBEC.

Ir. Adalberto Batista Amaral
Vice -Provincial

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz
Diretor Vice-Presidente

Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir. José de Assis Elias de Brito
Ir. Joarês Pinheiro de Sousa
Conselheiros

Ir. Renato Augusto da Silva
Ecônomo Provincial

Artur Nappo Dalla Libera
Superintendente de Operações Centrais

Dilma Rodrigues Alves
Superintendente Socioeducacional

Ir. José Augusto Júnior
Superintendente de Organismos Provinciais

Maria Manuela Quintas Lopes Suassuna
Superintendente de Desenvolvimento de Novos Negócios

Ir. Márcio Henrique
Ir. Rafael Ferreira
Organização

Adilson Ferreira de Souza
Revisor Ortográfico

Assessoria de Comunicação Organizacional
Projeto Gráfico e Diagramação

921

CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS. Simplesmente Irmãos! A história vocacional de Irmãos Maristas./ Organizado por Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa, FMS e Ir. Rafael Ferreira Júnior, FMS / – Brasília: Província Marista Brasil Centro-Norte, 2013. v.1.

2. Autobiografia. 2. Maristas – vida e prática. 3. Vida espiritual – espiritualidade. 4. Vocações. I. Província Marista Brasil Centro-Norte. II. Superintendência de Organismos Provinciais. III. Título. IV. Organizadores.

CDD 921

Este documento ou parte dele pode ser reproduzido por qualquer meio desde que devidamente referenciado.

Sumário

7 ***APRESENTAÇÃO***

13 ***Uma volta à fogueira de Santo Antônio***
Ir. Antônio Bruno da Silveira Sobrinho

19 ***Champagnat dia e noite velou por nossos passos!***
Ir. Arménio Marques Martins

23 ***Mais aprendi do que ensinei***
Ir. Benedito Odeto de Lima.

27 ***Desde que me entendo por gente***
Ir. Cassiano Lima Monteiro

31 ***Maria me quis um de seus Irmãos***
Ir. Claudio Jairo Gomes Espíndola

35 ***Ser Irmão é sê-lo simplesmente!***
Ir. Danilo Ferreira Silva

41 ***Ser Irmão para servir a Deus com amor e devoção***
Ir. Demilton Barbosa dos Santos

47 ***Ser irmão, simplesmente irmão!***
Ir. Dener Rodrigues de Souza

51 ***De babador ou sem babador***
Ir. Eugênio Franco de Jesus

55 ***Alegria e disponibilidade como marcas da vocação Marista***
Ir. Evilásio Pope

59 ***Como escapar de ti, como calar, se tua voz arde em meu peito?***
Ir. Fabrício Alves da Cruz

65 *Apaixonado pela missão marista*
Ir. Gentil Paganotto

73 *É fazendo os outros felizes que seremos felizes*
Ir. Gerson José de Lima

77 *Eu sou eu e minhas circunstâncias*
Ir. Joel Elias Giacomin

83 *Marcelino vive hoje nos que acreditam na juventude*
Ir. Joilson de Souza Toledo

89 *Ai de mim se não evangelizar!*
Ir. José Augusto Alves

95 *Sempre à disposição de Deus para o que Ele me reservar*
Ir. José Moreira de Freitas

99 *A história de um Irmão: José Nilton*
Francisco Deodato

103 **Uma "vocação tardia" fruto da Internet**
Ir. José Sotero dos Santos Neto

107 *Jardineiro de Deus*
Ir. José Vinco

113 *Calistemo, criativo e inovador*
Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz

125 *É Deus quem me escreve*
Ir. Julianderson André Ramos da Silva

131 *Consagrado a Deus, por inteiro, no amor*
Ir. Leonardo de Faria Stoch

137 *Educação a serviço da vida*
Ir. Lúcio Gomes Dantas

143 *A vocação brota do coração de Deus*
Ir. Maicon Donizete Andrade Silva

147 ***Com vocês eu aprendi a arte de amar***
Ir. Marcone André do Nascimento Correia

155 ***Educado pelo Mistério***
Ir. Natalino Guilherme de Souza

159 ***Sem Deus não seria possível!***
Ir. Pedro Ângelo Rezende de Miranda

163 ***Fui um menino arteiro. Não levava desaforo para casa***
Ir. Raimundo Barbosa

167 ***Hoje é pela graça de Deus que sou o que sou***
Ir. Roque Plínio Loss

173 ***Sinto-me liberto e feliz***
Ir. Severino Euzébio Leite

176 **ROTEIRO PARA LEITURA DE "SIMPLESMENTE IRMÃOS!"**

176 **PEDIMOS AO SENHOR DA MESSE**

179 **ENDEREÇOS DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL**

Queridos jovens, queridas jovens,

Com alegria fazemos chegar às suas mãos o segundo volume da coleção vocacional 'Simplesmente Irmãos!'. O primeiro volume veio à luz em agosto de 2013 e alcançou boa acolhida nas comunidades religiosas e, sobretudo, nos núcleos vocacionais da Província, razão pela qual julgamos oportuno dar prosseguimento, como fora previsto, a este projeto.

Assim como o primeiro volume, este segundo tem por objetivo dar a conhecer as histórias vocacionais dos Irmãos Maristas da Província Brasil Centro-Norte, e seus principais destinatários são, como antes, os jovens e as jovens que frequentam nossos Núcleos de Animação Vocacionais (NAVs) espalhados por todos os recantos de nossa Província.

Recolhemos, pois, para vocês, mais 31 relatos autobiográficos de Irmãos de diferentes faixas etárias, cada um deles num momento específico de sua caminhada vocacional: jovens ainda concluindo a primeira etapa de sua formação inicial, e outros já atuando diretamente nas obras apostólicas da Província; de meia idade, contando já vários anos de consagração como religiosos maristas; idosos, sempre dispostos a dar testemunho de sua realização pela escolha vocacional feita já há muitos anos. Todos eles muito felizes, como perceberão na leitura, por estarem "gastando a vida", dia após dia, gota a gota, no seguimento de Jesus Cristo e no serviço educativo, social e evangelizador de crianças, adolescentes e jovens.

"Vinde e vede!". Foi o convite feito por Jesus àqueles que, no contato com ele, se sentiram provocados por seu modo de vida, completamente entregue ao projeto de seu Pai – a edificação do Reino de Deus no mundo – e à promoção do bem das pessoas, especialmente das mais pobres, vulneráveis e excluídas. São Marcelino Champagnat é um dos muitos continuadores da missão de Jesus na história. Inspirado por Maria, a quem afetivamente chamava de Boa Mãe, há exatos 200 anos, ele abriu um novo caminho na Igreja e no mundo: o Instituto Marista!

Nós, Irmãos, leigas e leigos maristas, nos sentimos, hoje, comprometidos com o legado do Pe. Champagnat, e, convictos da beleza e atualidade da vocação marista, temos sido ousados em propor a jovens como vocês o mesmo que Jesus fez tantas vezes, a tantas pessoas, em seu tempo: venham e vejam! Motiva-nos a esperança de que a vida marista pode sim ser um caminho de realização para vocês, assim como tem sido para milhares de pessoas há tantos anos.

No final do livro encontrarão um roteiro que poderá ajudá-los a ler estas autobiografias vocacionais, quem sabe, com maior proveito pessoal. Recomendamos que, sempre que possível, leiam-nas em grupo, pois assim poderão partilhar com colegas de grupo e de trabalho suas impressões e sentimentos acerca do que leram. Vocês facilmente encontrarão nas redes sociais alguns dos Irmãos aqui autobiografados, assim poderão, caso queiram, dar prosseguimento ao diálogo que, de alguma forma, iniciarão na leitura deste livro.

Nós convidamos vocês, caros jovens, a viajarem pela vida desses Irmãos e, através de seus relatos vocacionais, perceberem a ação de Deus na vida de cada um deles. Igualmente os convidamos a manterem o coração aberto enquanto leem, pois o mesmo Deus que um dia chamou esses homens à vida consagrada continua chamando muito outros e outras ao mesmo caminho. E os alertamos: Ele costuma surpreender aqueles que deseja escolher! Às vezes, esconde seu chamado em meio às páginas de uma boa história. Virem, então, a página e se deixem surpreender por Deus: vocês terão 31 oportunidades para isso!

Boa leitura (e boas surpresas)!

Seus Irmãos,

Márcio Henrique Ferreira da Costa, FMS

Rafael Ferreira Júnior, FMS

Brasília – DF, 15 de agosto de 2017.

Solenidade da Assunção de Maria

"Parte da história de minha vocação está ligada ao testemunho de um grupo de "obreiros". Minha família mudara-se de Melburne para Sidnei. Num sábado, à tarde, meu pai foi visitar os dois colégios católicos não longe de nossa casa. Achou logo a escola, mas, não descobriu a residência dos Irmãos. Avistou um grupo de "trabalhadores" que estavam erguendo um muro nas dependências da escola. Meu pai perguntou-lhes onde poderia encontrar os Irmãos. Eles eram os Irmãos! Meu pai, que era um grande trabalhador, ficou encantado ao descobrir que esses homens eram Irmãos e logo decidiu-se a colocar o filho com eles. Fui matriculado na segunda feira seguinte. Cinco meses mais tarde, ingressava no Juvenato!"

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

"Querer ser Irmão é comprometer-se a ser santo"
Champagnat

Oração de um religioso Irmão

Rafael Ferreira Júnior, FMS

Senhor Jesus,

A aliança selada contigo no Batismo e na Consagração Religiosa, enche de alegria e sentido o meu viver!

Tu me escolhestes e me chamaste sem mérito algum de minha parte. Seduzido por tão grande amor quero gastar a vida que me deste seguindo teus passos, amando como amaste, vivendo como viveste.

Consagrado para AMAR, seja meu corpo extensão do teu, espaço sagrado para que te encontres com aqueles que o mundo profana e despreza. Crucificado contigo na dor dos pequenos, ressuscite com eles em Ti, que vences toda a morte.

Consagrado para SERVIR, ofereço-te meus pés para que te levem aos teus pobres e minhas mãos para que cures suas feridas. Toma também minha voz e juntos façamos falar os oprimidos que a injustiça silenciou.

Consagrado para ser IRMÃO, tenha meus olhos fitos em Ti, em quem reconheço o Irmão maior, o amigo fiel, o companheiro solidário.

Tua Palavra seja meu pão de cada dia e, convertido por ela, profetize em teu nome com ousadia e paixão.

A mim e aos meus Irmãos fizeste-nos operários de tua messe. Concede-nos, pois, trazer brilho nos olhos e fogo nos corações para que pela verdade de nosso testemunho fraterno o mundo creia em Ti e se ponha a caminho do teu Reino.

Acolhe, Senhor, o meu SIM ao teu chamado de amor! Por tuas mãos, consagra-me ao Pai, na força do Espírito Santo, e dá-me um coração em tudo semelhante ao teu.

Seguindo-te Casto, Obediente e Pobre, não queira outro amor que não seja o teu, outra vontade que não seja a tua, outro bem que não sejas Tu mesmo.

A Ti, Senhor, consagrei minha vida. Também a Ti confio minha perseverança e fidelidade. Amém.

Uma volta à fogueira de Santo Antônio

Irmão Antônio Bruno da Silveira Sobrinho

Nasci no município de Passos – MG, em 12/06/1935, na Fazenda Morro das Flores, no período das fogueiras de São João Batista, Santo Antônio e São Pedro. Meus pais e manos me disseram que deram uma volta à fogueira comigo, na mesma noite de meu nascimento. Esse sinal e gesto de minha família, por ocasião de meu nascimento, os conservo com carinho em meu coração.

No decorrer de minha infância, vivenciei intensamente os festejos de São João, Santo Antônio e São Pedro, em volta da fogueira, na fazenda. Os mastros dos santos eram bem enfeitados com o limão china e fitas. Muitos participantes: minha família, colonos e vizinhos. Ambiente alegre e de feliz memória.

Da minha família. Meus pais: João Bruno da Silveira (=João Pedro) e Maria da Silveira Machado (=Aruca), e meus treze irmãos. Fomos muito unidos e felizes. Os maiores se ocupavam das lidas na fazenda. Papai e mamãe administravam com competência, tranquilidade e acolhimento. Guardo com satisfação os gestos de acolhimento de meus pais para com pessoas desvalidas que residiam nas dependências da sede: com cama e alimentação. Achávamos tudo muito natural. Éramos visitados por parentes, amigos e vizinhos. Vizinhança muito boa. Na fazenda, nada de bebida alcoólica.

Em criança, brinquei muito de cavalo de pau; de fazendinha, debaixo das laranjeiras; de pique, com meus amigos. Com 9 anos em diante, já tirava leite com as duas mãos de muitas vacas: amarrava e ordenhava. Gostava de ordenhar vacas de peitos macios. Andava a cavalo pelos pastos e apartava o gado de leite, quando era preciso. Conhecia e dominava as tarefas próprias de fazenda. Às vezes, atendia alguns colonos na despensa, quando solicitavam alimentos. Hoje, percebo que eu era prestativo e que meu dia era prazerosamente bem ocupado.

Minha família era muito religiosa. De quando em quando, rezávamos o terço, na sala onde se encontram os grandes quadros do Sagrado Coração de Jesus e do Coração de Maria, ao lado de uma grande mesa. Tínhamos um oratório no quarto de meus pais. Percebia que o papai, aos domingos pelas 10 horas, ficava mais recolhido lá nos bancos do alpendre, justamente no horário da missa em Passos!

Em novembro de 1946, fiz a primeira comunhão, na Igreja Matriz, tendo sido preparado pela tia Nica, irmã de mamãe. Monsenhor Messias Bragança, era o pároco. Ainda conservo o livrinho de orações recebido na ocasião.

Fiz os primeiros estudos, na fazenda. Não me dedicava para aprender, apesar das boas oportunidades. Conhecia o alfabeto, as sílabas, a tabuada, assinava meu nome; algumas vezes, até fazia as anotações das tarefas diárias dos empregados, com caneta de pena molhada no tinteiro; tarefa habitualmente reservada ao papai e ao Paulo Bruno da Silveira, meu mano. Creio que esse "livro de registros" ainda é conservado na família.

Da caminhada vocacional. A idade para os estudos oficiais tendo chegado, fui para Passos. Fui matriculado no grupo Wenceslau Braz, no 4º ano primário. Já garoto, muitas novidades, não me esforçava para aprender; apenas presença em aula e muita desatenção. O ano passou e não prestei as provas finais. No ano seguinte, 1949, fui matriculado no grupo Tiradentes, na rua do colégio das Irmãs, novamente no 4ºano. Continuei no mesmo ritmo, sem nenhuma reflexão sobre os meus atos escolares. Nesse mesmo ano, de 1949, o Irmão Anselmo Pio, de batina, espanhol, recrutador marista, foi a Passos à procura de vocações para Irmão Marista. Hospedou-se na residência de dona Alcina Cardoso, mãe de Elmar e Astério Lemos, que já eram Irmãos de votos temporários. Irmão Anselmo mandou recado para minha família que queria conversar com Antônio e Joaquim, meu mano, na casa de dona Alcina. Como tínhamos recebido o recado e tendo muito respeito e consideração pelos padres, atendemos ao convite, com presteza. O Irmão nos recebeu, conversamos longamente, nos mostrou fotos de Mendes (fazenda, florestas, máquinas, pomares...), isso me agradou, pois já havia pensado em estudar em Escola Agrícola, fora. Isso posto, convidou-nos para irmos estudar para Irmão Marista, em Mendes. Concordamos e, assim, ficou estabelecido: dentro de um mês, preparar o enxoval para a viagem.

No dia marcado, meu mano Joaquim e eu, acompanhados pelo nosso irmão, Paulo Bruno, viajamos de trem para Ribeirão Preto, onde Joaquim, mais novo do que eu, ficou na casa de formação local e eu, com o Irmão Anselmo, continuamos viagem para São Paulo e de lá para Mendes, estado do Rio de Janeiro, onde chegamos em 12 de novembro de 1949.

Luís Silveira, nosso mano e acima de mim na família, estudava em Franca no colégio dos Irmãos. No final de 1949, terminou a 6ª série ginasial e foi para Mendes para ser Irmão Marista, em meados de dezembro desse mesmo ano. Analisando os fatos, penso que o Luís indicou para o Irmão Anselmo procurar, em Passos, nossa família, pois ele já convivia com os Irmãos.

Em Mendes, éramos ao todo uns 150 jovens no Juvenato São José, 70 no Noviciado e uns 30 Irmãos na comunidade dos idosos. O diretor era o Irmão Clóvis Elias, francês; o regente Irmão Luíz Ângelo, italiano; e os professores Irmão Zeno José (Ângelo Camata) e outros. Fiz as provas do curso de admissão para cursar a 1ª série ginasial e, posteriormente, a 2ª e a 3ª séries.

Fazíamos a limpeza da casa, dos pomares, descascávamos os legumes para o dia, estudávamos, tínhamos momentos de recreação, vários momentos de oração e missa diária. Dormíamos em grandes dormitórios: para os menores e para os maiores. Tínhamos que falar o francês nos recreios. O dia era bem preenchido. Vivi esse período feliz! A comunicação com a família era por carta. Recebi visitas de um dos meus irmãos. Pouco contato com as pessoas de fora. Era o costume da época.

No Postulado, cursei a 4ª série ginasial e alguns conteúdos da vida marista; no Noviciado, consagração religiosa, constituições maristas e documentos da Igreja e do Instituto. Terminei o período canônico em 22/12/1954, fiz a Consagração Religiosa no Instituto, tornando-me Irmão de votos temporários. No Escolasticado, em Curitiba, o curso científico, matérias religiosas e pastoral

Em 1958, comecei a lecionar no Colégio Marista do Cambuci, em São Paulo e, nos anos seguintes, lecionei e trabalhei em vários colégios da Província, hoje, Província Brasil Centro-Norte: como educador, professor, ecônomo, diretor e coordenador de comunidade. Fui feliz e bem acolhido nas comunidades e nos colégios, em que vivi e trabalhei. Ao Instituto Marista muito devo e sou grato. Tenho grande apreço pela minha Consagração Religiosa.

Valores maristas que muito prezo:

- as comunidades por onde passei, todas muito boas;
- a vida espiritual, a fraternidade, a vida comunitária;
- o espírito de trabalho, de família, de pertença;
- a missão: "tornar Jesus Cristo conhecido e amado";
- a devoção a Maria, a Champagnat e aos primeiros Irmãos;
- a educação das crianças e dos jovens, e sua formação religiosa;
- o estudo constante da Palavra e das atualidades.

Graças a Deus, venci com grandeza empecilhos inerentes à vida de qualquer pessoa, e percebo que o Senhor me levou muito para lá dos desânimos e das tensões. Vejo com bons olhos o valor dos momentos de oração, da convivência comunitária fraterna, do estudo assíduo e dos momentos de reflexão pessoal.

Louvado seja Deus!

"É o impacto da fé sólida que temos em nossa vocação, é nosso entusiasmo pelo dom que nos foi outorgado que criarão uma imagem cativante e capaz de inspirar os jovens"

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Champagnat dia e noite velou por nossos passos!

Ir. Arménio Marques Martins

Corria o ano de 1935... Na paróquia, a tia Prazeres era a animadora da JOC (Juventude Operária Católica) feminina. Um belo dia, a tia teve a iniciativa de fazer uma excursão com o grupo, até à fronteira com a Espanha. Como há uma ponte rodoferroviária entre os dois países, entre Tuy (Espanha) e Valença (Portugal), nesse exato momento cruzava a ponte o Ir. Norberto Ribeiro, diretor do Juvenato Marista de Tuy. Muito curiosa, tia Prazeres contatou o Ir. Norberto para saber que Congregação era essa, com esse hábito que ela jamais vira. Após o relato do Ir. Norberto, tia Prazeres convidou-o a ir até à casa dela, prometendo-lhe que angariaria meninos para esses tais Maristas. E assim foi: na semana seguinte lá estava o Ir. Norberto. Lembro-me bem, quando a tia Prazeres me apresentou, e o Ir. Norberto pousou a mão na minha cabeça e me perguntou: "Também queres ir?" À minha afirmativa ele respondeu: "Ainda és muito pequenino..." Eu tinha, então, apenas 8 anos e 8 meses! (nasci a 14 de abril de 1926, na Paróquia de Aguiar, em Barcelos – Portugal).

Nesse mesmo ano de 1935, o recrutador oficial, Ir. Jacinto, espanhol, que sempre se hospedava na casa de meus pais (como, aliás, todos os Maristas que por ali transitavam), apareceu para levar os 2 primeiros, meus primos. Daí para frente levas de meninos foram conduzidas para o Juvenato de Tuy, a ponto de o pároco se queixar de que o Ir. Jacinto lhe "roubava" todos os meninos da Cruzada. Quando completei 11 anos foi a minha vez, pois meu irmão Adelino já estava lá. Note-se que em Barcelos há Irmãos Lassalistas, Irmãos Hospitalares de S. João de Deus, Padres Espiritanos, Padres Passionistas, Franciscanos e o grande Seminário de Braga (a 20 km). Nunca se ouvira falar desses tais Maristas... "Desígnios de Deus"!

Anualmente, no juvenato de Tuy, o Ir. Norberto preparava um grupinho de juvenistas (portugueses e espanhóis) para enviar a Apipucos (Recife-PE). Em outubro de 1939, coube-me a minha vez (eu, com 13 anos apenas). Éramos 12 juvenistas, mas nosso grupo teve que esperar 2 meses; só conseguimos embarcar em janeiro de 1940, pois se iniciava a II Guerra Mundial e nenhum navio ousava atravessar o mar. Assim, no dia 8 de janeiro de 1940, o navio brasileiro, Almirante Alexandrino, surpreendido pela guerra na Europa, teve o atrevimento de cruzar o oceano conosco a bordo, lotadíssimo, com gente fugindo da guerra. Mas, após as Ilhas Canárias, fomos surpreendidos

por um submarino, que nos aprisionou e, por três dias, ficamos sob a mira dos torpedos, para nós o tempo todo direcionados: muito "chororó", muito desespero, muita prece... E, após negociações com o comandante do submarino, fomos liberados e autorizados a prosseguir. Que alívio!!!

Após longos 15 dias de mar, subimos a colina de Apipucos: era o dia 23 de janeiro. Fomos recebidos com muita festa, muita alegria, (o que nos deixou à vontade), embora tudo nos parecesse um pouco estranho, como as frutas, a fisionomia das pessoas e sua maneira de se expressar. Entrei no noviciado em 1944 e, após o escolasticado, fui enviado para o juvenato de Missão Velha – CE. Após 3 anos de atividade no juvenato, o Irmão Bernardo Aguiar, provincial, transferiu-me para Fortaleza, a fim de cursar a Faculdade. Formei-me em Letras Clássicas (Registro Nº F-5327) e mais tarde consegui diploma de Francês (registro D-18700).

No Colégio Cearense lecionei por quase 20 anos seguidos. De 1970 a 1981 lecionei em Lisboa, Portugal, por empréstimo; de regresso ao Brasil enviaram-me novamente para Fortaleza, a fim de substituir o Ir. André Guerrino Parisotto, operado de coração. Em 1985 transferiram-me para Apipucos, para acompanhar o Ir. Cirilo Manuel que dava sinais de esquecimento. E aqui estou até hoje (há 32 anos), com a graça de Deus!

Retrocedendo para janeiro de 1955, após 15 anos de ausência da família, fui pela 1ª vez visitar os meus pais. Como desembarcamos 5 Irmãos (todos de batina), meu pai não me reconheceu e perguntou muito aflito: "*Quem de vocês 5 é o meu filho?*" (não se admira: saí de casa com 13 anos e voltei com quase 30!!!).

Esse mesmo ano de 1955 foi o ano da beatificação de Champagnat. Para comemorar o evento, nossas famílias ergueram um pequeno nicho com a estátua de Champagnat, nesse local que deu tantas vocações Maristas (e ainda hoje lá está). Note-se que só perseveraram os 4 primos (éramos 8 da família Martins), justamente os que moravam nas 3 residências, no entorno do nicho, abrangidas pelo olhar atento de Champagnat: meu Irmão Adelino Martins (falecido na PUCRS), Felipe Martins (Ir. Porfírio, enterrado aqui em Apipucos), e Artur Martins (falecido em Lisboa, mas esteve em Apipucos; doente foi devolvido a Lisboa e lá se curou). Disso não tenho dúvida: *a perseverança foi uma dádiva, uma grande bênção de Champagnat, que dia e noite velou por nossos passos! "DEO GRATIAS"!*

Recife (Recanto Nazaré),
em 14 de abril de 2017 (no dia do meu 91º aniversário).

"Ser chamado é igualmente ser enviado;
toda aliança é também missão para o povo; toda vocação
específica constitui o chamado para ser simultaneamente
homem-de-Deus e homem-para-os-outros".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Mais aprendi do que ensinei

Ir. Benedito Odeto de Lima

Nasci em 12 de maio de 1944 na bucólica cidade de Paraisópolis – MG. Na pia batismal recebi o nome de Benedito Odeto Lima. Sou filho de Benedito Pereira Lima e Ana Pereira Rosa. Minha infância foi toda ela vivida em Paraisópolis. Minha mãe sempre foi da irmandade Filhas de Maria; meu pai, da irmandade Congregados Marianos. Todos os domingos eu e meus irmãos íamos à missa. Cada um recebia Cr$ 1 (um cruzeiro) para, após a missa, comprar um picolé na praça da matriz de São José de Paraisópolis.

Fiz o curso primário em escola pública, Grupo Escolar Bueno de Paiva, considerado o melhor da época. Todos os dias era oferecida uma sopa como merenda; quem não quisesse poderia trazer lanche de casa. Eu quase sempre trazia pão com ovo frito e suco de groselha. As carteiras eram conjugadas para dois alunos. Os meninos eram separados das meninas. O maior castigo era colocar um menino para sentar-se ao lado de uma menina, especialmente quando não fazia o dever de casa. Nessa época me preparei para fazer a primeira comunhão. Na prova oral tirei nota 10. Também me preparei para o sacramento da crisma.

Visita de um padre

Em 1957 esteve na cidade um padre vestido de batina, era, na verdade, o Ir. Anselmo Pio Madariga, marista, procurando vocações para o juvenato de Mendes – RJ. Pediu para levantar o dedo quem gostaria de ser como ele, que ele iria, depois, visitar os pais. Eu fui um deles. Anotou o endereço e hora da visita. Estava hospedado na casa paroquial. Chegando à casa, contei para meus pais a novidade. Foi um alvoroço a preparação para receber o padre: fazer bolo, fritar pastéis, fazer suco de groselha e café, deixar a casa bem arrumada. Às 14h, chegou o "padre" Anselmo, pois já era esperado; em casa, todos lhe pediram a bênção beijando a sua mão. Sentamos ao redor da mesa, e todos os olhos estavam fitos no Irmão, que explicou o que é ser Irmão Marista, e que eu seria candidato. Já foi logo pegando uma folha de papel onde estava escrito os itens do enxoval e documentos necessários para levar: certidão de nascimento, certidão de crisma, certidão de batizado e carta de recomendação do vigário. A folha com as orientações foi entregue para minha mãe preparar, pois deveria ir para Mendes em janeiro de 1958. Comigo iriam mais 3 colegas. Na época, quem tivesse um filho padre ou uma filha freira teria a salvação garantida.

Assim aconteceu. Enxoval preparado, meu pai me levou, juntamente com mais 3 colegas, para o juvenato de Mendes; fomos de trem de ferro, a viagem durou o dia todo. Às 18h, chegamos à estação de Mendes, onde o Ir. Anselmo estava nos esperando ansiosamente. Fomos num automóvel até a fazenda São José das Paineiras. Tudo deu certo. Meu pai ficou encantado com a recepção que teve. Fiquei assustado quando me vi junto de mais de 100 meninos no refeitório, onde fui apresentado para todos.

Tempo de formação e missão

No juvenato comecei a etapa de Admissão. Meu primeiro professor foi o Ir. Clovis Elias, que me marcou muito durante o tempo de formação. O Ir. Clóvis costumava dizer aos juvenistas que não queriam nada: "Meus amiguinhos, muitos vieram aqui para três coisas: brincar, comer e dormir".

Nunca me desanimei ou pedi para voltar para casa. Adquiri grande devoção a Nossa Senhora. Fui encarregado de abrir o oratório todos os dias de manhã e escolhido para fazer parte da congregação mariana. Também fui presidente do Grêmio no juvenato.

Após o juvenato, segui minha formação normal: Postulado, Noviciado e Escolasticado, este em Uberaba – MG. Concluído o Escolasticado, fui nomeado para a primeira comunidade em Montes Claros – MG. O diretor e superior era o Ir. Ladislau Figueiredo. Este Irmão me marcou com sua simplicidade, escuta, fraternidade e paciência com a comunidade. Aprendi a dar aulas sob sua orientação. Dava aula de Ensino Religioso nas 5ªs e 6ªs séries.

Depois de Montes Claros, fui para a comunidade de Uberaba, onde concluí a faculdade de Pedagogia. Depois, fui nomeado diretor de 5 colégios, cujas localidades são estas: Montes Claros - MG, Patos de Minas - MG, São Vicente de Minas - MG, Colatina - ES e Silvânia - GO. Isso tudo durante 20 anos. Na direção de cada colégio eu passava 5 anos, e em cada um, quase sempre, eu era também o superior da comunidade.

Tive três experiências de vida Marista, todas muito significativas para mim: a direção de colégios, a comunidade de inserção e o trabalho como formador. Aconselho meus confrades a fazerem essas três experiências maristas, pois ajudam a gente a crescer em idade e também em sabedoria todos os dias.

Sinto-me feliz fazendo os outros felizes durante este tempo de missão e evangelização. Em 50 anos como Irmão Marista posso dizer, de dentro do meu coração, que MAIS APRENDI DO QUE ENSINEI.

"A vocação me é dada para o meu crescimento e santidade, mas também para que os outros encontrem em mim uma mediação que promova seu crescimento e santificação".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

CADA VEZ MAIS

Desde que me entendo por gente...

Ir. Cassiano Lima Monteiro

Sempre imaginei que sabia tudo de mim, que tinha minha história na palma da mão. Mas não foi bem assim que aconteceu quando me pediram para falar da minha história vocacional. Parece que as palavras faltam. Nada fácil falar de mim mesmo. Porém, foi um exercício gostoso relembrar minha caminhada vocacional, pois me proporciona trazer ao coração caminhos, pessoas, lugares, cheiros, sabores, alegrias, desafios... Fez-me resgatar coisas que não deveria ter deixado pelo caminho. Fazer memória é necessário!

Desde que me entendo por gente conheço os Irmãos Maristas. Quando chegaram à minha cidade em 1991, foram morar no mesmo bairro que eu, na mesma rua, em frente à minha casa. Que graça! Cresci vendo os trabalhos que os Irmãos desenvolviam na minha comunidade, que, por sinal, era muito carente. Eles eram sinal de Deus e de valorização da pessoa. Quanto bem me fizeram e continuam fazendo ao meu povo! O testemunho dos Irmãos sempre me encantou e me questionou, mas, devido às circunstâncias da vida, acabamos nos distanciando. Contudo, depois o reencontro seria definitivo: tornei-me um deles, Irmão Cassiano! Como os caminhos de Deus são loucos aos nossos olhos. Eu, um Irmão Marista?! Só pela bondade e graça de Deus!

Ah, quase me esqueci! Sou Cassiano Lima Monteiro, nasci no dia 05/09/1990, no bairro João Paulo II, na cidade de Iguatu - CE. Filho mais novo de Sra. Inês Barbosa e do Sr. João Monteiro. Meus irmãos chamam-se Ricáscio e Ricardo. Cresci no João Paulo II e de lá só saí para ser Irmão Marista. Minha família é simples e sempre vivemos com o necessário. Apesar dos grandes desafios, a gente era bem feliz.

Reaproximei-me dos Irmãos quando decidi estudar na obra social que eles tinham no meu bairro. Que bom que entrei naquela obra! Vivi experiências que foram muito significativas para minha vida. Fiz tudo que tinha direito: reforço escolar, grupo de estudantes, esporte, capoeira, dança, grupo vocacional... Devo muito do que sou hoje ao tempo que passei lá. Não tendo mais idade para ser educando, passei a ser educador social, voluntário na Obra Social Marista.

A obra era um espaço no qual me sentia muito feliz, seguro, querido, protagonista e, principalmente, era um lugar onde, quase sem perceber, ia me apaixonando pela Congregação Marista. Como falei anteriormente, não podendo mais permanecer na obra como educando, decidi me tornar um educador voluntário e fui aceito. Na unidade fazia um pouco de tudo: cozinheiro, zelador, educador de sala de aula, dança, teatro... *É, o social é isso!* Devo muito àquele lugar, aos Irmãos, aos educadores, aos amigos e às crianças e adolescentes que lá estudavam. Assim, animado com os trabalhos na comunidade e na obra Marista, minha afeição por Jesus Cristo, Nossa Senhora, Champagnat e pela vida marista foi crescendo a cada dia e, com isso, resolvi dar um passo maior e mais radical no seguimento a Cristo sendo um Irmão Marista.

Em uma conversa com o Ir. Hyndson Duarte, hoje não mais Irmão, ele me convidou para participar do grupo vocacional. Gostei da proposta e aceitei. Porém, quando fui ao meu primeiro encontro, tive vergonha de entrar e passei adiante. Mas logo depois perdi a vergonha e fui firme. O grupo vocacional me ajudou a refletir sobre minha história de vida, meu Projeto Pessoal, minha vocação e vivência na comunidade eclesial.

A comunidade eclesial foi para mim um espaço em que me sentia bem, feliz, completo, desafiado, realizado e, principalmente, onde encontrava Deus. Lá, dedicando, dia após dia, minha vida à pastoral comunitária, alimentei e reafirmei também meu desejo de ser Irmão. Ao atuar na catequese, na Pastoral do Menor e em outras pastorais, sentia-me um colaborador na construção do Reino de Deus em minha comunidade. Oh, como a comunidade me fez bem e até hoje me faz quando volto lá! Naquele lugar cresci muito, fiz vários trabalhos e cultivei muitas amizades. Perdi o contato com alguns; outros, infelizmente, esqueci, e outros muitos, felizmente, continuam gravados no meu coração. Sempre fui bom em cativar as pessoas e construir boas relações. Posso dizer, enfim, que o espaço da comunidade foi um verdadeiro "laboratório" para mim. Não saí de lá pronto e acabado, mas saí, sim, carregando uma grande bagagem para vida.

Por quantos caminhos já andei! Quantas mudanças em minha vida, algumas das quais jamais imaginei um dia experimentar. Mas, nesses dias, ao retomar minha história vocacional e redigir alguns pontos, percebi o quanto Deus tem caminhado ao meu lado, mesmo que não O tenha visto em muitas situações. Sou grato a Ele por Sua vida em minha vida.

O desejo de ser Irmão Marista foi gradativamente crescendo em mim e sendo animado pelos familiares, amigos e Irmãos. Alguns amigos garantiram que eu não passaria nem dois meses na Congregação, mas, ao que parece, a vontade de Deus foi outra. Então, em 2009 fiz um retiro vocacional (REMOV), em Lagoa Seca-PB, e, após muita oração e reflexão, dei meu sim a Deus e à Congregação dos Irmãos Maristas. Graças a Deus fui apoiado em minha decisão. Após alguns meses de preparação do coração e das malas, ingressei, em fevereiro de 2010, na casa do Pré-Postulado, em Vila Velha - ES. Devo dizer que me custou muito deixar minha comunidade, meus familiares e amigos, mas nunca os tirei do coração. Ah, foi a primeira vez que saí do Nordeste! E que viagem longa! Contudo, a agradável companhia do meu Irmão Marcone André amenizou muito as dificuldades do caminho.

Em Vila Velha, quanto mais o tempo passava, mais fui me apaixonando pela vida Marista. *Eu era feliz e sabia.* Como era só um ano, em 2011 fui para Londrina-PR. Nesta cidade também passei por belíssimas experiências que não esquecerei, mas lá só permaneci o primeiro semestre, quando fui transferido para Belo Horizonte - MG com meus coirmãos de formação. Finalizei minha etapa de postulado lá mesmo. O meu noviciado foi em Passo Fundo - RS. Ah, saudade! Fiz minha experiência de estágio apostólico em Itapejara D'Oeste - PR. No final de 2013 professei meus primeiros votos e segui para Belo Horizonte, onde passei três anos cursando a Teologia, minha primeira faculdade. Hoje estou em Maceió - AL, vivendo a fraternidade com os Irmãos Humberto Gondim e Maurício Dantas. Aqui, como Irmão, realizo a missão evangelizadora juntos às crianças, jovens e adultos no Colégio Marista, e também na Igreja local.

Termino lhes dizendo que busquei escrever, da melhor forma possível, partes da minha história de vida e vocacional, de acordo com a proposta que me foi lançada. Escrevi aquilo que me veio ao coração. Então pensei: se é o coração que fala, é a verdade que fala, e é o que deve ser escrito. Por meio destas linhas você conheceu um pouco de mim, Ir. Cassiano Lima Monteiro, e percebeu que desde que me entendo por gente senti que Deus me quis.

Espero que voltemos a nos encontrar! Abraços.

FILA
Wild route

Maria me quis um de seus Irmãos

Ir. Cláudio Jairo Gomes Espíndola

Olá!

Sou Ir. Cláudio Jairo. Nasci no ano de 1974 em uma cidade do interior de Pernambuco, chamada Garanhuns, distante de Recife 231 km. Fui o sexto e último filho do casal Julia e Jurandir. Todos homens e com os nomes iniciados com a letra J.

Cresci num ambiente familiar acolhedor. Além dos 06 filhos, moravam na nossa casa uma tia, irmã da minha mãe, uma prima e sempre recebíamos visitas do pessoal do sítio, familiares da minha mãe. A casa estava sempre cheia de gente.

Na rua da nossa residência havia uma Igreja dedicada à Nossa Senhora do Carmo, onde íamos às missas dominicais e onde meus pais animavam um grupo de jovens daquela comunidade.

Minha tia era catequista. A "chefe" da catequese da paróquia. Meus pais, assessores de grupo de jovens. Mês de maio sempre recebíamos o andor de Nossa Senhora do Carmo em casa. Ela "dormia" lá conosco. Íamos em procissão buscá-la em uma das casas da comunidade e no outro dia, também em procissão, a levávamos para outra família, entre cantos e Ave-Marias.

Quando completei nove anos de idade, nos mudamos de bairro e de paróquia. Foi quando fiz minha Primeira Comunhão na paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cuidada pelos Padres Redentoristas.

Na nova comunidade, não recebíamos o andor de Nossa Senhora, mas participávamos das novenas da Campanha da Fraternidade que geralmente aconteciam nas casas. Cada noite era em uma casa e a nossa também estava incluída.

Nas noites da Semana Santa, minha mãe e eu, saíamos às ruas à noite e eu sempre era escolhido para sair à frente com a Cruz Santa, conduzindo a procissão, entre paradas para reflexões e orações.

Adolescente, comecei a participar do grupo de jovens da comunidade, na qual um dos meus irmãos já participava. Cheguei a ser o coordenador desse grupo e mobilizei os participantes para o aniversário do mesmo. Foi muito interessante e marcante esse movimento, pois estreitamos os laços de amizade e nos envolvemos nas tarefas com responsabilidade.

Fui catequista na paróquia. Íamos eu e outra catequista para um bairro que estava surgindo, no qual a Igreja ainda não estava estruturada. Reuníamos as crianças em uma garagem que uma das famílias cedia. Foi um período muito interessante de início de evangelização das crianças e do bairro que surgia.

Entre o grupo de jovens e a catequese, fui levando minha vida cristã. Certa vez conversando com uma amiga, ela me disse que iria ser freira. Fiquei surpreso com aquilo e ao mesmo tempo intrigado. E me perguntava: ela terá mesmo coragem de abandonar tudo?

Minha amiga não entrou num convento. Na verdade, nem chegou a conversar com nenhuma freira a respeito. Logo, ela estava namorando e casou-se tempos depois. Mas eu fiquei inquieto com aquele "chamado" (dela).

No nosso grupo de jovens começaram a participar conosco os seminaristas Redentoristas. Eram dois que nos acompanhavam. Certa vez, eu criei coragem e conversei com um deles sobre o meu desejo de ser missionário – motivado por aquele "chamado" da minha amiga – eu queria ir para outras terras evangelizar. E ele, como um bom Redentorista, me perguntou: "por que você quer ir tão longe se tão perto de nós tem um campo grande de missão?" Foi então que comecei um acompanhamento vocacional com eles.

Padre eu não queria ser. Eu queria me consagrar e servir de outra forma. Então, Pe. Silvano, que era responsável pela Animação Vocacional Redentorista, me falou da vocação do Irmão. Achei muito interessante e senti que cabia ali todo o meu desejo de responder ao chamado, que, agora, claramente, era para mim.

Após o período do itinerário vocacional redentorista, fui convidado a entrar para a casa de formação, mas titubeei e não quis fazer aquela experiência naquele momento. Era o ano de 1991. Eu tinha 16 para 17 anos de idade. Afastei-me do grupo vocacional. Mas o padre insistiu comigo para que eu não fechasse meus ouvidos ao chamado do Senhor. E me indicou três Congregações só de Irmãos, para que eu pudesse conhecer e, quem sabe, me identificar com alguma delas. A Marista me chamou a atenção, até porque sua sede era em Recife.

Escrevi uma carta para o Ir. Alexandre Lobo, que era o Coordenador Vocacional da Província. Era o ano de 1993. Disse-lhe que gostaria de saber sobre os Maristas e seu carisma. Dias depois, o carteiro chega à nossa casa com a resposta do Irmão. Fiquei encantado. Recebi um livrinho intitulado "Somos Irmãos". E não tive dúvidas de que era ali que, com aqueles Irmãos, eu gostaria de me consagrar a Deus e à Virgem Maria.

Aos 18 anos de idade iniciei minha trajetória no Instituto dos Irmãozinhos de Maria. No ano de 1994 fui fazer uma experiência em Maceió - AL, morando na Comunidade dos Irmãos, para conhecer a missão e carisma maristas. E já no ano seguinte eu estava na Casa de Formação.

Ao longo do tempo fui percebendo cada vez mais que o chamado de Deus na minha vida tinha a ver com a pessoa de Maria, mãe de Jesus. Ela foi presente em minha vida desde sempre.

Vivi experiências marcantes na trajetória marista. Em Fortaleza, no Ceará, passei 06 anos, onde trabalhei na equipe de formação do Noviciado, do Pré-Postulantado e na Coordenação de Pastoral do Colégio Cearense. Depois fui transferido para Teresina, no Piauí, onde também morei 06 anos. Uma vivência maravilhosa na periferia daquela cidade. Senti-me com o pé no chão daquela terra e perto daqueles mais caros a São Marcelino Champagnat.

Hoje, 23 anos depois do início de tudo, revisando minha trajetória vocacional e marista, não tenho dúvida de que Deus me chamou, de que Maria me quis um de seus Irmãos. Viveria tudo novamente se me fosse concedido voltar no tempo. A graça e a fidelidade do Senhor em minha vida são belos dons que d'Ele tenho recebido já há tantos anos.

Que São Marcelino Champagnat rogue por mim, por minha vocação, para que eu continue cultivando em minha vida os valores maristas que tanto lhe aprazia o coração: a simplicidade, a humildade e a modéstia.

Ser Irmão é sê-lo simplesmente!

Ir. Danilo Ferreira Silva

"O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra."

Jo 4,34

Olá! Saudações Maristas!

Eu sou o Irmão Danilo Ferreira Silva, nasci em Patos de Minas, no Alto Paranaíba, Minas Gerais, no dia 06 de outubro de 1992, na Maternidade do Hospital Imaculada Conceição. Sou filho caçula de Leomar Santos Silva e Ana Maria Ferreira Silva, e tenho uma irmã mais velha, chamada Tainá Ferreira. Tenho também uma sobrinha que se chama Lays Cristina Ferreira.

Sou de uma família católica muito piedosa, que há muito tempo vem transmitindo suas devoções aos seus entes queridos. Assim sendo, ainda criança, fui educado e catequizado pelos meus pais. A transmissão da fé e das tradições religiosas às novas gerações em nossa família é um costume herdado dos meus bisavós paternos, Pedro Alves e Maria Francisca e João Augusto e Maria Jacinta; e também maternos como Ana Caetana e José Felisberto, que foram repassados para meus avós paternos Cecília e José Augusto (Juca) e maternos Maria José e Manoel Jerônimo. Mas não foi apenas neles que me inspirei no cultivo de minha vida cristã, mas também em vários de meus vizinhos, que eram, na maioria, pessoas idosas. Fui muito incentivado por eles em meu caminhar de fé. Lembro com carinho, por exemplo, de D.ª Joana, D.ª Maria Rosa, D.ª Fiúca, Sr. Lázaro e D.ª Maria, D.ª Ângela, D.ª Aparecida, e das minhas catequistas "Abadinhinha", Simone, Versoni, Vilma, Silvana, e tantas outras senhoras e senhores, como D.ª Ana, D.ª Fia, D.ª Julieta, Sr. Divino e D.ª Petrina, Sr. Mané e D.ª Dormelinda, que me educaram com virtudes sólidas que nutriram minha vida e vocação.

Minha mãe e meu pai sempre cuidaram para que, além da fé, eu tivesse uma educação que garantisse meu futuro. Meus primeiros anos de vida escolar foram no Centro de Educação Infantil Branca de Neve; depois fiz meu pré-escolar na Escola Municipal Maria Inês Rubinger de Queiroz; o ensino

fundamental, eu o realizei numa escola estadual que recebeu o nome de Monsenhor Fleury, um padre que foi benfeitor dos Irmãos Maristas e que muito contribuiu para a vinda da Congregação para Patos de Minas; e concluí o ensino fundamental e o médio na Escola Estadual Dona Guiomar de Mello. Nesses espaços garanti boas amizades com colegas de classe, professores e funcionários, que ajudaram a discernir meu projeto de vida.

Sempre muito participativo em minha Paróquia de Nossa Senhora da Abadia, atuando, por exemplo, nos grupos de oração e nas novenas de Natal, comecei meu despertar vocacional. Também por meio dos meus vizinhos comecei a participar da Pastoral da Criança, do Apostolado da Oração e da Pastoral da Juventude, onde conheci os Irmãos Maristas.

Mas a história de minha vocação começou quando eu ainda era criança. Primeiro eu quis ser frade capuchinho, mas como não tinha idade suficiente para entrar na Ordem, e não tinha tido nenhum acompanhamento vocacional, decidi esperar. Daí, depois de alguns anos, já na Crisma, nós, crismandos, fomos fazer um dia de retiro no Seminário Maior 'Dom José André Coimbra' (este bispo também teve participação na vida dos Irmãos, pois foi ele quem abençoou a pedra fundamental da Capela Sagrado Coração de Jesus Eucarístico, na casa marista de Mendes-RJ). Nesse retiro, meu primo e amigo, Luís André, me apresentou a um seminarista dizendo-lhe que eu tinha desejo de ser padre. Após breve conversa, ele anotou meus dados pessoais. Alguns dias depois recebi uma carta me convidando para fazer os encontros vocacionais no seminário. No terceiro encontro, no entanto, recebi uma carta que me informava a decisão do seminário de dar uma pausa em meu processo de acompanhamento vocacional. Os reitores me achavam muito jovem ainda para continuar. De fato, eu tinha apenas 15 anos naquela época.

Neste tempo, fiquei ajudando nas pastorais da Paróquia e da Comunidade Santa Rita, quando fui convidado pelo meu amigo Lucas José (Lucão) a fazer parte da Pastoral da Juventude que se iniciava na paróquia. Aceitei o convite e comecei a participar das reuniões, que foram me ajudando a ter uma sensibilidade nova para com a comunidade eclesial, a sociedade, os pobres, e todos aqueles com quem dividíamos nossos encontros, realizávamos a partilha de vida, exercitávamos a solidariedade... Foi neste grupo que conheci João Otávio, que viria a ser um grande amigo para mim. Com ele eu partilhava minhas coleções de cédulas e moedas antigas. Foi João Otávio quem colaborou no meu envolvimento com os Irmãos Maristas, me possibilitando que os conhecesse melhor.

Foi na festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia, de 2008, numa quarta-feira, pelo que me lembro, que Lucas, João Otávio e eu, fomos, juntos, à missa. Naquele dia os meus dois amigos ficaram do lado de fora da igreja, enquanto eu fiquei lá dentro. Assim que terminou a celebração, os dois me cercaram na porta da igreja e João me disse: "Quero te apresentar uma pessoa!". No momento, eu pensei que seria alguma brincadeira dos dois. Então me levaram até o outro lado da nave lateral da igreja, onde eu podia avistar quatro senhores na porta. Assim que nos aproximamos deles, João disse: "Danilo, esses aqui são os Irmãos Maristas!". No início fiquei surpreso. Claro, naquele momento, não podia prever que acabara de conhecer quatro Irmãos que, mais à frente, seriam para mim meus primeiros formadores na vida marista.

O primeiro Irmão ao qual fui apresentado foi o Ir. José Machado, que chamava a atenção pela sua estatura, baixinho, e mostrava um jeito simples e atento; o segundo foi Ir. Ladislau Figueiredo, mais conhecido como "Ir. Lau", com seu jeito engraçado, cheio de trocadilhos e piadinhas, dono de um sorriso largo, com sua habitual palmadinha nas costas das pessoas sempre motivando todos à alegria; depois ao terceiro deles, o Ir. Walter Godofredo, o "Ir. Godó", um homem forte, alto, com sua aparência alemã, e um coração grande, sempre disposto a incentivar as pessoas a buscar o melhor na vida; e por último o quarto Irmão, José Henriques, o "Ir. Juquinha", homem culto, humilde, também divertido com suas trovas, prosas e poesias. Naquela noite fui gentilmente convidado a conhecer a casa deles e sua experiência de vida comunitária, bem como o Colégio Marista, que eu nunca tinha tido oportunidade de visitar.

Assim, em outubro, quando visitava a casa do João, recebi uma cartinha do Ir. Machado me convidando para participar do grupo vocacional marista. Imediatamente respondi que sim. Em 06 de outubro de 2008, dia do meu aniversário, fui comprar uma Bíblia para mim, e, ao me encontrar com João Otávio, ele me convidou para visitar a Mostra Literária no Colégio Marista. Aceitei seu convite. Na Mostra encontrei o Ir. Machado, que me apresentou o colégio e a comunidade dos Irmãos. Foi naquele dia que comecei a sentir acender em mim a centelha da vocação marista. Ir. Machado e eu, então, acordamos que nos reuniríamos todos os sábados para conversarmos sobre o Instituto Marista, a vida dos Irmãos e a vocação religiosa. O Irmão me acompanhou até as vésperas do XXI Capítulo Geral Marista, quando foi chamado a Roma para colaborar no evento como tradutor da língua francesa. Ficou em seu lugar, me acompanhando, o Ir. Ladislau Figueiredo, que se tornou um grande mestre para mim, contribuindo muito no meu processo de autoconhecimento e amadurecimento humano e vocacional.

Começava, então, a firmar mais concretamente meus pés e meu coração no chão do Instituto. No ano seguinte (2009), fui duas vezes a Silvânia-GO participar de encontros vocacionais, que aconteceram no Aprendizado Marista Padre Lancísio. No segundo encontro, realizado em outubro, num diálogo com o Ir. José de Assis, eu decidi, de fato, fazer a experiência de vida religiosa Marista e pedi meu ingresso na casa de formação.

No ano de 2010, entrei para o Pré-postulantado, primeira etapa da formação, em Vila Velha – ES. Tinha mais nove jovens como companheiros: Ádamo José; André Soares; Cassiano Lima; Fernando Lucas Magalhães, o Nandão, também de Patos de Minas; Francisco Bezerra, o Chico; Marcone André; Nelson Xandoca; Raiff Gomes e Víctor Brito. Em 2011, fomos para o Postulantado, em Londrina – PR, e no segundo semestre para Belo Horizonte - MG, onde concluímos essa etapa formativa. Em 2012 seguimos para o Noviciado, em Passo Fundo - RS, etapa apaixonante e muito significativa em minha vida, pois me ajudou a compreender melhor o meu jeito de ser e solidificou minha opção pela vida Marista. No segundo ano de noviciado, tive a feliz oportunidade de realizar seis meses de estágio apostólico em Ponta Grossa – PR, tempo ímpar vivido com minha "gente bunita".

Depois da primeira profissão religiosa (votos), já como Irmão Marista, comecei a etapa do Juniorato I, em Belo Horizonte, durante a qual realizei, de 2014 a 2016, o curso de Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino. A faculdade foi um momento propício para amadurecer a fé, aprofundar os conceitos teológicos, e crescer enquanto pessoa humana e cristã. Também pude, nesse tempo, contribuir com o CEM - Centro de Estudos Maristas. Integrado à sua equipe, vi crescer ainda mais meu encantamento pelo patrimônio e pela espiritualidade maristas nele guardados, o que me ajudou muito a conhecer mais e a amar mais minha vocação e o Instituto.

Terminado o meu tempo em Belo Horizonte, fui enviado para Colatina - ES, onde resido atualmente. Aqui tenho a graça de viver numa comunidade mista, pois além dos Irmãos Antônio Gava e Arnaldo José, vive conosco a leiga Maria Goretti, diretora de nosso colégio. No Colégio Marista de Colatina e na Escola Marista São Marcelino Champagnat, contribuo com o trabalho pastoral-pedagógico; também sou chefe no Grupo de Escoteiros, acompanho grupos de jovens paroquiais e faço assessorias nas comunidades eclesiais sempre que sou solicitado.

Devo dizer que sou muito feliz nesse maravilhoso estilo de vida que Deus me convidou a viver. Por isso, agradeço muito a Ele pela minha consagração religiosa, pelo apostolado que posso realizar entre crianças e jovens, pelos dons artísticos com que me presenteou para o serviço do Evangelho e a dinamização da missão marista. Agradeço também a algumas pessoas, em especial pela companhia na caminhada feita até aqui: minha família, meus amigos, os Irmãos Ladislau (*in memorian*), Machado, Walter (*in memorian*), José Henriques (*in memorian*), Rafael Ferreira, Vitor Pravato, Rubens Falqueto, Tercílio Sevegnani, Silfredo Klein, Adalberto Amaral, Wellington Medeiros e Ataíde Lima, além de jovens e crianças com os quais tenho convivido nesses anos de vida marista. Tenho tanto o que agradecer a tantas outras pessoas! Por isso, àquelas que, por falta de espaço, não são citadas aqui, reafirmo que as guardo eternamente no coração.

Ser Irmão é sê-lo simplesmente! Por isso, sigo empenhado a viver minha vocação com alegria, coragem e fé, sabendo que ganho por Deus o mundo, pessoas e lugares, como extensão do meu primeiro amor: Jesus, a quem encontro nos braços de Maria, Nossa Boa Mãe. Nos passos de Marcelino Champagnat, nosso Pai Fundador, aposto o que tenho e sou porque sei que faço parte de um projeto pelo qual vale a pena "gastar a vida".

Agradecido pela atenção que você me deu ao ler minha história vocacional, deixo aqui duas frases que, quem sabe, podem ser uma boa inspiração em sua vida. A primeira é do personagem Gandalf, do livro *O Senhor dos Anéis*, que diz: "Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos foi dado". A segunda é do livro *Harry Potter e as Relíquias da Morte:* "É o grau de comprometimento que determina o sucesso, não o número de seguidores". Que saibamos, você e eu, nos comprometer, ao máximo, com o projeto de Deus no tempo que Ele nos concede a cada momento.

Meu abraço fraterno, em Cristo.

Ser Irmão para servir a Deus com amor e devoção

Ir. Demilton Barbosa dos Santos

Olá! Quero contar-lhe um pouco de minha história de vida, especialmente o aspecto vocacional. Você está, assim, convidado a percorrer comigo parte de meu caminho, a rever acontecimentos, e a conhecer pessoas que têm marcado minha trajetória de vida desde que, pela primeira vez, eu senti despertar em mim o chamado de Deus para a vida religiosa consagrada.

Sou o Irmão Demilton Barbosa dos Santos, tenho 29 anos, nascido no dia 04 de fevereiro de 1988. Sou natural de Surubim, uma cidade do interior de Pernambuco, que fica a 120 quilômetros de Recife. Sou o filho mais novo de José Ilton dos Santos e Maria Anália Barbosa dos Santos, que juntos tiveram cinco filhos contando comigo: Nadja Barbosa, Nedja Barbosa, Dênis Derkian e Nélia Barbosa.

Vivi minha infância na Rua Manuel Lourenço, onde até os dias de hoje meus pais residem. Também a casa ainda é a mesma onde criaram seus filhos, que ali cresceram e aprenderam os valores que os guiaram na vida. Tivemos momentos significativos e difíceis como família, mas nunca nos faltou a fé para continuar a caminhada.

Minha mãe trabalhou por muito tempo na área da educação; já meu pai teve diferentes trabalhos. Juntos buscavam acrescentar na renda da família o suficiente para alimentar e educar a todos. Ainda mais novo, lembro-me da dificuldade que tivemos quando meu pai não encontrava mais emprego. Todos ficaram tocados com a situação que estávamos vivenciando. Chegamos a viver somente do básico. Nessa época minha mãe custeava, com seu salário, ainda que baixo, o sustento de todos.

Meus irmãos começaram a sair desde muito cedo de casa para tentar a vida no Recife ou no Rio de Janeiro. Indo os três mais velhos em busca de um novo começo fora, ficaram em casa apenas minha irmã, Nélia, e eu. Como éramos os mais jovens da família, precisávamos ficar para terminar os estudos.

Meus estudos foram realizados no Colégio Marista Pio XII, em Surubim mesmo. Como minha mãe era funcionária do colégio, onde trabalhou por muito tempo na biblioteca, tive a oportunidade de ganhar uma bolsa

de estudos. Entrei na educação infantil e fui até o 3º ano do ensino médio. Tive muitas dificuldades no aprendizado, mas gostava de aprender coisas novas, e era esforçado para realizar as atividades escolares. Desde muito cedo comecei a participar das ações que o colégio propunha, mas do que mais gostava eram as atividades do SOR (Serviço de Orientação Religiosa), que atualmente se chama Setor de Pastoral. No SOR, participava do antigo EDA-REMAR (Embarcação de Amizade e Reembarcação de Amizade), e era catequista. Gostava muito de contribuir com os trabalhos que o setor realizava na época em que eu era estudante.

Minha vocação surgiu de um convite que me foi feito para ingressar no GOV (Grupo de Opção de Vida). Na época em que decidi fazer parte do grupo, o ex-Irmão Edvan Aquino era responsável pelo acompanhamento dos participantes e também diretor do colégio Marista. Lembro-me como se fosse hoje. Era noite e eu estava na quadra de esportes do colégio assistindo ao treino de handebol, e em um dos espaços da quadra estava o Edvan Aquino lendo um livro. Decidi abordá-lo para perguntar como fazer para ser Irmão Marista, e ele, então, me convidou para participar do GOV. O grupo se reunia aos sábados e era famoso por ter um número significativo de adolescentes participando dele. Quando decidi entrar, estava na 8ª série, que corresponde hoje ao 9º ano do ensino fundamental II.

Mas além do Edvan Aquino também passaram em minha vida, enquanto estudante e, mais tarde, vocacionado e formando, os Irmãos Amador Rodrigues, Achilles Scapin, José Getúlio, Isaac Costa, Roberto de Souza, Renato Augusto, Lúcio Dantas, Vitor Pravato, José Machado, Baptista Santos, Raimundo Barbosa, dentre outros. Sou muito grato a todos eles pelo bem que me fizeram, e guardo a cada um na memória até os dias de hoje. Foi muito significativo para mim poder contar com eles que, com muita simplicidade, de forma direta ou indireta, me ajudaram tanto em meu processo de descoberta e confirmação vocacional.

Após quatro anos de caminhada no grupo vocacional, fui convidado a participar do REMOV (Retiro Marista de Opção de Vida), em Lagoa Seca – PB. Sendo uma experiência significativa em minha caminhada, ela se mostrou uma oportunidade ímpar para eu rezar minha vida, resgatando a experiência vivida no tempo em que estive participando do GOV. Decidi, depois de bonita experiência de retiro, optar pela vida Marista. Após um tempo, recebi do Ir. Vitor Pravato, então coordenador da animação vocacional, a confirmação de que deveria me preparar para ingressar no Pré-Postulantado, primeira etapa da formação marista, que era realizada em Fortaleza – CE.

Fui logo atrás de toda documentação e materiais necessários para entrar na Casa. Por isso, Cristina Barbosa (ex-coordenadora do Setor de Pastoral) e Norma Sueli (minha madrinha de Crisma) decidiram me ajudar realizando um arrecadação das coisas que eu precisava levar. Assim que elas terminaram o trabalho, percebi que já tinha mais do que o suficiente para levar para Fortaleza, então decidi deixar uma parte em casa. Nesta época, eu fazia uns bicos como garçom no *buffet* chamado Piancó Artes e Festas. O proprietário era o Piancó Neto. Foi um tempo muito positivo em minha vida, em que aprendi muito. Mas, como tinha optado por tornar-me Irmão, saí do *buffet* a fim de mudar-me para Fortaleza.

Enfim, chegou o dia de partir. Meus pais logo começaram a chorar, porque eu iria embora; eu também não contive as lágrimas. Fui para a rodoviária de Surubim, rumo a Recife para tomar outro ônibus em direção a Fortaleza. Quando cheguei ao Ceará, fui recepcionado pelos Irmãos Romero Rodrigues, Jarbas de Sousa e José Getúlio. Foram tempos significativos e de muito aprendizado nas terras cearenses. Mas não aguentei de tanta saudade de meus pais. O Irmão Romero, que era meu formador, falou-me que ia visitar meus pais e que já estava com as passagens compradas para Recife, rumo a Surubim. Assim que ele terminou de falar, eu disse que iria com ele. O Irmão Ficou muito assustado, mas aceitou minha decisão. Foi quando viajei de avião pela primeira vez. Era um voo da antiga TAM, que hoje se chama LATAM. Foi alegria em dobro para mim: primeiro porque eu estava voltando para casa, e segundo porque viajaria de avião. Era muita felicidade!

Passei um ano em Surubim, quando o desejo de voltar à vida Marista bateu forte. Decidi, então, comunicar-me outra vez com o Ir. Vitor. Quando voltei para minha cidade mantive o contato com os Irmãos da comunidade local. Na época, o ex-Irmão Marisaldo Barbosa, que era diretor do colégio marista, acolheu-me e ajudou-me. Pude, assim, voltar com as atividades de pastoral e também como catequista. Como tudo havia mudado novamente em minha vida, eu precisava trabalhar; então voltei a ser garçom nos finais de semana.

Como o desejo de voltar para a Congregação não me deixava, escrevi para Ir. Vitor (até hoje guardo esta carta como recordação). Todo o tempo que fiquei em Surubim, após meu retorno do Pré-Postulantado, ajudou-me muito a parar, a olhar minha vocação com outra ótica e, sobretudo, a refletir sobre a possibilidade de retornar à casa de formação, para servir a Deus com muito amor e devoção. Após meu pedido ser aceito para retornar à vida Marista, comecei a organizar minha caminhada de regresso. No início, não disse a ninguém que estaria voltando.

Em fevereiro de 2009, fui a Belo Horizonte para participar do retiro de entrada na formação Marista, orientado pelo Ir. Davi Nardi. Logo após o encontro, viajamos de Belo Horizonte para Vila Velha – ES. Éramos nove jovens que iriam compor a Comunidade Marista Nossa Senhora da Penha, na etapa do Pré-Postulantado. Fomos recepcionados pelos Irmãos Renato Augusto e Romero Rodrigues. A casa fica localizada no bairro Riviera da Barra, na região da Grande Terra Vermelha. Lugar onde pudemos atuar profundamente a partir do carisma marista - "Tudo a Jesus por Maria e tudo a Maria para Jesus" – visto que o entorno é muito carente de tudo, sobretudo do conhecimento da pessoa de Jesus. Encontramos ali muitas comunidades eclesiais necessitando de apoio na catequese e nas demais iniciativas pastorais; muita gente precisando de uma palavra amiga e de gestos concretos de solidariedade; muitos jovens desejando espaços de partilha de vida e de sonhos... Enfim, um campo aberto para tornar Jesus conhecido e amado por todos. Também encontramos na Terra Vermelha uma igreja viva, dinâmica, atuante, que graciosamente nos abriu seus espaços para que pudéssemos contribuir na pastoral. Foram tempos significativos e importantes para minha caminhada pessoal e vocacional.

No ano de 2010, ingressei no Postulantado, em Belo Horizonte. Nossa casa se localizava no bairro Betânia. Os Irmãos Rubens Falqueto, Joilson Toledo e Afonso Murad acompanhavam-nos, ajudando-nos a viver nosso processo vocacional de acordo com as exigências da etapa formativa. Vivíamos numa comunidade leve, com muita simplicidade e grande dinamismo. Um ambiente que foi, de fato, propício ao desenvolvimento de meu processo formativo, bem como dos demais formandos. Durante o Postulantado, realizei meu apostolado na CRB-Conferência dos Religiosos do Brasil, regional de Minas Gerais, ocasião em que tive oportunidade de conhecer os processos e projetos conduzidos pela Conferência junto às comunidades religiosas do estado.

Em 2011 e 2012, realizei o meu Noviciado em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. No primeiro ano, chamado "canônico", estudamos as Constituições Maristas e a vida do Fundador da Congregação. As atividades eram mais internas, dentro da casa do noviciado mesmo. O segundo ano, o qual chamamos de "apostólico", tem como ponto alto o Estágio. Eu o realizei nos quatro primeiros meses do ano na cidade de Itapejara D'Oeste – PR.

No dia 25 de novembro de 2012, fiz meus primeiros votos. No mesmo ano, fui para Belo Horizonte, para a etapa do Juniorato I, durante a qual cursei Teologia. Foram três anos morando em terras mineiras. Tive o privilégio

de fazer pastoral na cidade de Pedro Leopoldo, especificamente numa comunidade rural chamada Canta Galo. Também atuei como catequista no Colégio Marista Dom Silvério e coordenei o regional da Animação Vocacional (Minas, Espírito Santo e Rio de Janeiro).

Em 2015, chegando ao final do Juniorato, fui convidado pelo Irmão Provincial para integrar a comunidade marista de Colatina – ES. Lá estive por seis meses; foi pouco tempo de missão. No dia 10 de junho de 2016, fui para Vila Velha, compor a comunidade do Pré-Postulantado onde estou até hoje. Faço parte da equipe formativa, e também busco ser presença significativa na Escola Marista Champagnat de Terra Vermelha com qual a contribuo semanalmente.

No dia 03 de fevereiro de 2017 iniciei o Itinerário Formativo de preparação à profissão perpétua em Cochabamba, na Bolívia. Aí vivi durante quatro meses com Irmãos do México, Espanha, Venezuela, El Salvador e Brasil. Foi minha primeira experiência internacional. Tudo o que vivi no Itinerário tem sido muito significativo em meu processo vocacional, sobretudo a possibilidade de poder reconhecer a graça de Deus e o amor d'Ele em minha vida. Regressei para o Brasil em 7 de junho de 2017. Desde então, juntamente com os Irmãos Joilson e Laquini, e os formandos Gabriel Brito, Pedro Ricardo, Evanilson Ferreira, Jardel Santana e José Elizaldo, componho a Comunidade Marista Nossa Sr.ª da Penha, em Vila Velha.

Como é bom escrever minha história pessoal! Como é gostoso reconhecer até onde consegui chegar desde os primeiros passos no caminho vocacional, e quantas pessoas me ajudaram – e me ajudam – na realização de meu projeto de vida!

Agradeço a você, jovem, que dedicou parte de seu tempo para ler esta autobiografia. Sugiro que você também escreva a sua, pois será, acredite, uma oportunidade ímpar para reconhecer as maravilhas que Deus tem realizado em sua vida. Desejo, por fim, que você também possa escutar Suas palavras e que perceba o chamado que Ele certamente lhe faz. Para tanto, é preciso continuamente perguntar-se: "O que Deus deseja de mim?". E lembre-se sempre de que Deus nos chama porque nos ama! Ele é bom para com seus filhos e filhas!

Ser irmão, simplesmente irmão!

Irmão Dener Rodrigues de Souza

Sou Dener Rodrigues de Souza, um Marista Irmão. Nasci em 30 de junho de 1991, na cidade de Silvânia – GO. Tenho 26 anos, dos quais já oito foram dedicados à caminhada formativa na Vida Consagrada Marista.

Por sermos religiosos, buscamos viver a vontade de Deus em nossas vidas. Ao olhar para minha jornada vocacional, tenho que começar agradecendo a Deus pelo chamando que Ele me fez e que se renova a cada dia. Trata-se de um chamado que não é distante, ainda que tenha começado em uma outra época, quando eu estava na convivência de minha família em Silvânia.

Deus chamou os jovens Maria de Fátima (02/09/1959) e Luiz Divino (05/11/1964), os uniu em matrimônio e lhes deu, respectivamente, a vocação de mãe e de pai. Confiou a eles primeiro a vida do meu irmão, Franklly Kamenach, nascido em 04/05/1990, e depois a minha. Nossa existência deu um sentido a mais à vida deles. Meu pai era pedreiro e minha mãe, cozinheira. Como as nossas condições financeiras eram poucas, afinal, éramos uma família pobre, eles lutaram sem medir esforços para nos educar, alimentar e vestir. A intensidade do amor que nossos pais nos dedicaram compensou a difícil situação em que vivíamos. Deus já se revelava nesse espaço.

Tive a oportunidade de estudar, do primário ao ensino médio (1997-2008), no Instituto Auxiliadora, colégio das Irmãs Salesianas, em Silvânia. A pastoral escolar foi uma rica e diferenciada experiência, bem como todas as demais vivências que tive junto aos grupos da AJS (Articulação da Juventude Salesiana) como voluntariado, orações, coroações de Nossa Senhora e missões juvenis.

As Filhas de Maria Auxiliadora foram as primeiras a me mostrar a vida religiosa consagrada. A ex-religiosa, Irmã Dorinha, foi a primeira a me questionar vocacionalmente e a me apresentar a vida dos padres Salesianos. No entanto, sentia que não era isso que eu buscava, pois queria algo que se aproximasse mais do jeito de ser e de fazer das próprias Irmãs.

Assim foi surgindo à minha frente o caminho da vida Marista. No ano de 2005, participei da missão da Semana Santa Jovem, nas comunidades rurais de Silvânia. Fui enviado à mesma comunidade que o Irmão José de Assis, que na oportunidade partilhou do carisma e da missão maristas.

No final de 2006 fui surpreendido com a saída da Irmã Dorinha da congregação. Foi justamente nesse momento que conheci Irmão Alexandre Lucena que, ao saber da minha caminhada, propôs-se a me acompanhar. O dia 3 de dezembro de 2006 marca a primeira vez em que pisei em uma casa marista.

Em 21 de abril de 2007 começou meu encantamento pela vida marista, através do trabalho voluntário no Aprendizado Marista Padre Lancísio. Vivenciar a missão marista neste espaço fez o meu coração vibrar. Os leigos e leigas, com seu testemunho e compromisso, também foram meus incentivadores. Destaco Marli Abreu e Aparecida Freitas que repetiram para mim o apelo de Champagnat: "Precisamos de Irmãos para tornar Jesus Cristo amado e conhecido".

Em 2008 fui acompanhado pelo Irmão Davi Nardi, ocasião em que, ao ver seu envolvimento social e seu compromisso pastoral e eclesial, senti nele que ser Irmão é ser um homem de Deus junto às pessoas. Foi assim que consolidei o desejo de me tornar Irmão. Nos anos seguintes vivenciei experiências de profunda inserção nesta opção de vida; foi um período de conhecimento pessoal e da Instituição.

Destaco, com gratidão, as comunidades, os companheiros de formação e as atividades pastorais e eclesiais experimentadas no pré-noviciado. Em 2009 ressalto o Pré-Postulantado, realizado na Comunidade Marista Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha – ES. Saliento como importante, em 2010, o Postulantado na Comunidade Marista da Betânia, em Belo Horizonte - MG. Menciono ainda a importância do acompanhamento pelos formadores Irmãos Renato Augusto e Rubens Falqueto. Na busca de crescimento cristão e humano, reafirmei muitos valores e tive oportunidade de descobrir e agregar outros.

A etapa do Noviciado, em Passo Fundo – RS, no período 2011-2012, foi um tempo de graça e de deixar-me conduzir por Deus. Essa caminhada foi apaixonante; descobri o verdadeiro Dener.

Em 2012, realizei o estágio apostólico do noviciado na Escola Social Marista Santa Marta, localizada na periferia de Santa Maria - RS, considerada a maior ocupação de terra para moradia da América Latina. Nesse espaço vivi com intensidade a missão marista junto às crianças e aos jovens pobres, no trabalho com a Educação Infantil, com a oficina de capoeira, com o grupo de estudos e a PJM. Sei a diferença que uma unidade social marista faz na vida dos que lhe são confiados, por isso tive a oportunidade de reafirmar meu compromisso com esta nobre missão.

Minha primeira profissão religiosa ocorreu no dia 25 de novembro de 2012, na capela do Colégio Marista Conceição, em Passo Fundo. Nós, um grupo de nove noviços, quisemos, em nossa celebração, transmitir nossa experiência

de Maristas do Brasil e assim chegamos ao lema, o qual permeou, inclusive, todo o tempo de preparação para a emissão dos Votos: "Somos Irmãos, simplesmente Irmãos". Desde então, esse lema também passou a se tornar nosso ideal de vida consagrada.

No período de 2013 a 2015 estive no Juniorato Champagnat, em Belo Horizonte, etapa que compreende a formação do Apóstolo Marista. Lá cursei Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e participei das formações específicas maristas dessa etapa. Estive engajado em várias pastorais maristas e eclesiais.

Desde 2016 estou na Comunidade Marista Madre Germana, localizada em Aparecida de Goiânia – GO, onde busco ser presença no Centro Marista Divino Pai Eterno (CEMADIPE), escola social que atende cerca de 600 crianças de 4 a 6 anos, e 120 adolescentes no Projeto Jovem Montagne. Também desenvolvo meu apostolado junto aos Maristas Leigos(as) do Movimento Champagnat da Família Marista. Com a equipe de coordenação, acompanho a vida de 30 fraternidades espalhadas pelas quatro regiões da Província. É um privilégio estar neste espaço e ver a fidelidade e o compromisso de vários leigos e leigas, que fazem do Carisma Marista seu jeito de seguir a Jesus Cristo e o seu projeto de Reino.

Comecei o ano de 2017 com muitos desafios, e o maior deles foi a perda da minha mãe, que faleceu no dia 01 de janeiro, por complicações pós-cirurgia cardíaca. Para mim este acontecimento marcou um novo começo em minha vida. Após este triste fato, segui para Cochabamba – Bolívia, para participar do IV Itinerário de Preparação aos Votos Perpétuos. Com todas as experiências lá vivenciadas, renovei minha vida e consagração na certeza do cuidado da minha mãezinha, tendo o exemplo de sua vida e serviço como inspiração do meu ser e viver a Vida Religiosa Consagrada.

Ao rever toda a minha história, percebo a dinâmica de Deus em minha vida. Esta me faz vê-Lo, senti-Lo e confiar Nele. Permite-me perceber Sua face, constatar Sua presença e confiar no Seu amor.

É um tanto complicado perguntar-me por que Deus me conduziu por esse caminho se Ele poderia levar-me a outros. Contudo, perfazendo toda essa trajetória de vida e experiência vocacional aqui narrada, não tenho dúvidas de que meu coração já era Marista antes mesmo de saber-se arrebatado por essa causa. Maria me pegou pela mão e me conduziu a Deus que me surpreendeu com Seu chamado.

Que Deus nos ilumine, o amor de Cristo nos envolva, a Boa Mãe nos conserve, e o espírito de Champagnat nos anime.

De babador ou sem babador

Irmão Eugênio Franco de Jesus

Foi em São Paulo, mais especificamente na rua do Carmo, que pela primeira vez, eu vi aqueles padres de "babador branco[1]". Quem diria que um dia eu seria um deles!

Eu, Eugênio Franco de Jesus, nasci na cidade do Rio de Janeiro, na Glória, aos 23 de fevereiro de 1924. Antes de eu completar um ano de vida, fomos morar em Santos – SP. Mamãe Luzia, papai Alcides, eu e minhas irmãs Maria Cecília e Maria Júlia. Com o tempo, viriam meu irmão Edgar e minhas irmãs Maria Hortência e Maria José. Maria Júlia, carioca de Copacabana, tornou-se religiosa, professando no Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. Em decorrência a um surto de malária, por orientação médica, fomos para São Paulo. Eu tinha nove anos.

Sou de uma família cristã muito religiosa. Papai e mamãe eram Terceiros Franciscanos. Papai era vicentino. Sua profissão era a de engenheiro arquiteto. Como funcionário da Companhia Docas de Santos gozava de regalias, de modo especial moradia. Mamãe era dentista. Estou vendo a sua foto de beca e tudo em cima do piano. Que eu saiba, ela nunca exerceu a profissão. Falo sobre isso, para destacar que não há classe social, nem lugar para ser chamado pelo Espírito Santo a seguir uma vocação.

A minha vida estudantil teve início em escola de freiras, no Colégio Coração de Maria, onde cursei da pré-escola ao 2º ano primário. Com dez anos, voltando para Santos, me matriculei mais uma vez no 2º ano primário do Ginásio Municipal Santista (Marista), conhecido como "Colégio dos Padres". Pela terceira vez faria esta série. Foi providencial... Logo me senti cativado pelo Irmão Joseph Claudien que era o professor do 2º ano primário.

Devido à maneira como o Irmão nos conduzia e ao amor que ele irradiava por Nossa Senhora, senti vontade de ser um deles. A partir desta convivência já me considerava chamado a ser Irmão Marista. Quando manifestei a papai o desejo de ser Irmão, ele me disse que eu era muito novo, pois tinha apenas dez anos.

---

1 O que eu trato aqui de "babador branco" é uma referência carinhosa ao RABÁ, complemento da batina que os Irmãos Maristas usaram por muitos anos.

Continuando a estudar no Colégio Marista, cheguei à 2ª série ginasial. Participava de todas as atividades extraclasses: cruzada eucarística, congregação mariana, orfeão, campanhas missionárias, entre outras. O Irmão Esteban, titular da 2ª série ginasial, muito carismático, foi o promotor mais direto da minha vocação Marista.

Deixando para trás dois anos de piano e uma preciosa coleção de selos, ingressei no seminário de Mendes – RJ. Lá fiquei para iniciar o juvenato em 1939. Eu tinha apenas 14 anos e era considerado, na época, uma vocação tardia.

Em Mendes repeti a 2ª série ginasial para não ir diretamente ao noviciado. Eu estava no postulantado cursando a 3ª série ginasial quando aconteceu no Brasil uma reforma do ensino, cancelando a 5º série ginasial e criando as três séries do 2º grau. Fiz, então, as 3ª e 4ª séries do 1º grau antes do meu ano de noviciado. Não desanimem, jovens, a caminhada tem os seus altos e baixos... Assim sendo, iniciei nova etapa de minha formação em Curitiba, cursando o 2ª grau do ensino médio.

A partir daí comecei a minha vida apostólica em Jaraguá do Sul, Santa Catarina, lecionando por dois anos no 2º ano primário. Retornando a Curitiba, cursei a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná, onde me formei em pedagogia com habilitação em filosofia, história geral e do Brasil e matemática.

Minha trajetória de educador marista se concretizou por décadas, priorizando um ensino de qualidade legado por São Marcelino Champagnat.

Não importa o que eu fiz. O que eu fiz, eu o fiz por ser Irmão Marista... de "babador ou sem babador"!

"Vocação e missão não são dois elementos separados; da mesma forma que a luz esparge a claridade segundo a própria natureza; como o fogo difunde o calor que está no seu interior, assim a vocação traduz-se espontaneamente em serviço, dado que este é parte integrante daquele".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Alegria e disponibilidade como marcas da vocação Marista

Ir. Evilasio Pope

Sou natural de Piaçu, distrito de Muniz Freire, no Espírito Santo. Nasci no dia 28 de outubro de 1942. Filho de Dionísio Pope e de Tereza Areias Pope.

Meu pai era filho de italianos, vindos de Bolonha, norte da Itália. Eles decidiram vir para o Brasil, junto com outros italianos, à procura de trabalho. Chegando, separaram-se do grupo e foram ganhar a vida. Meus avós, ao morrerem, deixaram dez filhos: sete homens e três mulheres. Cada filho homem ganhou uma pequena fazenda. As mulheres, naquela época, não tinham direito, nem à herança, nem ao estudo. Deveriam casar-se com um homem que tivesse boas condições de vida.

Meu pai casou-se três vezes: na primeira ficou viúvo, depois de dois anos de casado; na segunda vez, casou-se com a irmã da sua primeira esposa, sua cunhada, e dois anos e meio depois ficou novamente viúvo. Resolveu, então, voltar para a casa da família de suas esposas, para se casar com a segunda cunhada. Os amigos não aprovaram sua ideia e lhe disseram: "Você está acabando com a família desse homem!"

Foi então que, nesse tempo, apareceu uma mulher, mãe solteira, já com uma filha de dois anos. Ela havia sido expulsa da casa dos pais por ter engravidado antes do casamento. Meu pai casou-se com ela. Viveram 28 anos juntos, tiveram nove filhos: quatro homens e cinco mulheres.

Aos onze anos fiquei indiferente com minha mãe por causa de brigas com meu pai. Saí de casa e fui morar com meus parentes. Depois de um ano, voltei para casa dos meus pais.

Quando completei dezesseis anos, meus pais, meus irmãos e eu fomos morar na cidade de Castelo - ES. Mas apenas passados dois anos, papai e mamãe retornaram para a terra de onde saímos. Eu continuei na cidade, trabalhando como empregado numa padaria.

A religião para mim, só no nome. Mas com a vinda dos missionários Redentoristas a Castelo, para uma missão popular de dez dias, fui envolvido pela Graça de Deus e de Nossa Senhora da Penha. Por intermédio dos Redentoristas, comecei a frequentar a Igreja. Na época não havia grupos de jovens. Entrei, então, em um grupo chamado de Filhos de Maria. Eu estava com dezenove anos na ocasião.

Não havia missas durante a semana, somente aos domingos. No decorrer da semana, todas as noites, havia a reza do terço. A Igreja sempre cheia de homens, mulheres, crianças e jovens. Os padres eram Agostinianos.

Quando eu estava para completar vinte e quatro anos, houve, na paróquia, uma promoção vocacional, para atender aos jovens que quisessem ser padres ou religiosos (Irmãos). Sentia que era chamado para ser um religioso, ou seja, um Irmão.

Fui para o Seminário Agostiniano de Franca, em São Paulo, na companhia de um padre. No caminho, o ônibus no qual viajávamos passou em frente a um Colégio e o padre me disse que era um Colégio Marista. Olhei, mas não dei importância, porque não sabia quem eram os Maristas.

Ao chegar ao Seminário, comecei a observar tudo à minha volta e logo percebi que ali não era o meu lugar. Dentro de três dias fui ter uma conversa com o diretor da casa e falei para ele o que estava sentindo. Ele me deu um livro de orações e orientou-me a ir até Nossa Senhora para rezar, pedindo-lhe que ela me ajudasse a definir o meu destino. Voltei a ele, novamente, e decidi voltar para casa.

À noite, ele me levou até a rodoviária. No dia seguinte cheguei à minha casa, não satisfeito. Gostaria de ser um religioso.

Fui conversar com um amigo meu, que trabalhava em Vila Velha - ES. Eu frequentava todo final de semana a sua casa e convivia com sua família. Ele me falou que conhecia um Colégio, ali, em Vila Velha mesmo, com muitos padres. Na verdade, ele não sabia bem se eram padres, mas como eles usavam batinas... Pedi, então, a meu amigo que me levasse até lá, pois queria conhecê-los. Ao chegar, apertei a campainha e o Irmão Diretor, que estava passando em frente à porta, veio me atender, mas não me convidou para entrar. Foi logo perguntando: "O que você deseja?" Expliquei-lhe toda a minha história e minha busca vocacional. Ao final, ele pediu que eu retornasse para casa e pensasse durante um mês para ver se era isso mesmo que eu estava querendo.

Passado um mês, voltei e disse-lhe que estava decidido: eu queria, sim, ser Irmão Marista! Ele, então, mandou-me entrar. Era o dia 24 de junho de 1966. No dia seguinte, o Irmão administrador do colégio pediu-me que fosse trabalhar com o Irmão motorista do caminhão, que todos os dias ia até a fazenda prestar serviços.

Completado um mês, pensei: "O que estou fazendo aqui? Os Irmãos não estão me dando atenção".

Resolvi estudar. Os Irmãos mantinham uma escola social funcionando à noite. Fui até a livraria do colégio e pedi ao Irmão responsável uns dois livros. Ele, com muito custo, atendeu a meu pedido. Procurei o Irmão coordenador da escola e lhe comuniquei a minha entrada na mesma. Comecei a estudar, mas depois de três dias me arrependi de ter me matriculado. A escola era muito fraca! Os professores eram alunos do terceiro ano, que estudavam pela manhã no colégio. Pensei: "E agora, como sair dessa? Com que cara irei ficar? Vou permanecer na escola somente até sábado".

Para minha surpresa, no entanto, no sábado, pela manhã, o Irmão Elias Gilberto, diretor do Juvenato, me procurou e me disse: "Pensei em você ontem, e hoje venho lhe trazer uma proposta: estudar no Juvenato. Só tem um detalhe, lá todos são menores de idade, por isso não sei se você irá se adaptar a eles". De fato, todos os juvenistas estavam abaixo dos quinze anos. Então eu disse ao Irmão Diretor: "Vamos experimentar!"

No juvenato havia 119 formandos na ocasião. Agora, com a minha chegada, passaram a ser 120. Foram a partir de então quatro anos de formação: dois no juvenato e dois no Noviciado. Após o Noviciado fomos todos para o trabalho nas obras maristas: uns nas escolas e outros, como eu, nas comunidades de inserção. E assim estou até hoje, passados já 50 anos, assumindo, com alegria e disponibilidade, minha Vocação com Irmão Marista.

Como escapar de ti, como calar, se tua voz arde em meu peito?

Ir. Fabrício Alves da Cruz

"Você não sabe o quanto eu caminhei /pra chegar até aqui /Percorri milhas e milhas antes de dormir /Eu nem cochilei /Os mais belos montes escalei / Nas noites escuras de frio /Chorei, ei, ei /Ei! Ei! Ei! Ei! Ei! (...) A vida ensina /e o tempo traz o tom /pra nascer uma canção /Com a fé do dia a dia /encontro a solução..." (Cidade Negra).

Esta música, do grupo Cidade Negra, me faz recordar alguns fatos importantes da minha história de vida, bem como da minha caminhada vocacional. Então, estão preparados? "Bora lá mais eu!".

Sou Fabrício Alves da Cruz – Ir. Fabrício. Nasci no estado de São Paulo, em um lugar chamado Capão Bonito, no dia 01/05/1980, mas me criei em Carrancas, sul de Minas Gerais. Sou o primeiro filho e o neto mais velho. Minha mãe se chama Creuza Alves Aparecida. Tenho mais dois irmãos: Érika Caetana e João Batista Caetano.

Eu fui criado pelos meus avós desde os quinze dias de vida. Nessa época minha mãe trabalhava fora para ajudar no meu sustento e educação. Minha vida, hoje, se pauta nos valores passados pelos meus avós, que sempre me levaram à Igreja e foram incansáveis em me motivar a ser uma pessoa melhor. Deus sempre esteve presente em minha vida. "*Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes que saísses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações*" (Jeremias 1, 5).

A minha história vocacional teve seu início em São Vicente de Minas. Éramos um grupo de 8 jovens na época. O primeiro Irmão Marista que eu conheci foi o Ir. Ivanor Pereira, mas o meu processo de acompanhamento vocacional começou mesmo com o Ir. Guilherme Soares. O ano era 2002. Após alguns encontros, no ano seguinte, o Ir. Guilherme foi transferido para outra comunidade, quando, então, o Irmão Rubens Falqueto foi encarregado de dar continuidade ao trabalho vocacional. Ele nos acompanhou durante o ano de 2003.

Os encontros eram sempre animados, dinâmicos e bem preparados. A cada novo encontro eu ficava mais encantado e percebia algo diferente surgindo em mim, algo que Deus queria me dizer, mas ainda não compreendia bem o que era.

A presença dos Irmãos entre nós, sua acolhida calorosa e o modo como nos tratavam – sempre de braços abertos para nos receber – nos davam a impressão de que, quando nos recebiam em sua casa, eles estavam à espera de alguém importante: um parente, um amigo... Com uma acolhida assim, sempre ficava, ao término de cada encontro, o desejo de voltar com mais frequência. Eu falo na primeira pessoa do plural porque seria injusto da minha parte só falar de mim e esquecer os meus amigos, os quais fizeram o processo vocacional comigo. Dentre eles destaco dois que, como eu, chegaram a ser Irmãos Maristas: Wesley Adenilton e José Rogério. Nós fazíamos parte do mesmo grupo de jovens de Carrancas, e participamos juntos de alguns encontros no Centro Marista de Pastoral – CMP, em São Vicente de Minas.

Até o final de 2003, eu mantive o roteiro de encontros e de acompanhamento com o Ir. Rubens, junto à comunidade religiosa. No início de 2004, contudo, eu percebi que precisava pensar mais um pouco sobre minha decisão vocacional. Tomei, então, a iniciativa de dar um tempo e busquei fazer outras experiências de vida.

Eu tinha o sonho de morar fora de Carrancas, e nessa época surgiu a oportunidade de me mudar para Angra dos Reis - RJ. Nos quatro anos em que morei lá conheci pessoas que se tornaram muito significativas em minha vida e que me ajudaram em meu discernimento vocacional, que ficou em estado de latência por três anos, até chegar o momento certo de retomá-lo.

Foi no meu terceiro ano, naquela cidade, que comecei a perceber que a semente da vocação que havia sido plantada em mim e que, até então, tinha estado em silêncio, começara a romper sua casca, a querer germinar, provocando o desejo de experimentar algo novo e mais significativo em minha vida.

Nesse período comecei a fazer um acompanhamento com o Pe. Gilberto Stanisce, um dos responsáveis pelo meu regresso à Congregação Marista. Ele me ajudou muito em meu discernimento. Depois de muitas conversas, eu tomei a decisão de recomeçar os encontros vocacionais. Agora, sem mais dúvidas, retomei, decidido, os contatos com os Irmãos.

Meu primeiro passo foi pedir contas do meu trabalho. Depois eu fui encaminhado para conversar com o Ir. Roque Loss, na comunidade da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Sabendo que retornaria para Carrancas, ele me encaminhou para a comunidade de São Vicente de Minas, lugar de encanto aos meus olhos e também do coração. Eu estava, finalmente, voltando ao lugar onde tudo havia começado. Lembro também, com gratidão, de Madalena, uma leiga de Carrancas, que coordenava o grupo de jovens da paróquia local, pois ela foi uma das principais responsáveis pela retomada de meu caminho vocacional junto aos Irmãos.

No ano de 2007, eu, enfim, estava de volta e com uma carta de recomendação do Pe. Gilberto, pároco da Paróquia Santíssima Trindade, onde eu participava, cantando no coral da Igreja durante as missas de domingo. Na comunidade religiosa de São Vicente de Minas estavam, naquele momento, os Irmãos Gilson Lima, Airton de Carvalho e Hélio Big. Nesse mesmo ano, após participar do Retiro de Opção Vocacional – REMOV e do encontro de Revitalização, eu decidi fazer a experiência com os Irmãos Maristas e pedi para ingressar na casa de formação.

Em fevereiro de 2008 fui morar em Montes Claros – MG para fazer o pré-postulantado, a primeira etapa de formação para a vida religiosa. Foi um momento de muitas descobertas. Agradeço muito ao Ir. Rubens que, novamente, estava fazendo parte da minha história. Eu poderia citar aqui vários outros Irmãos que me ajudaram no decorrer do itinerário formativo, contudo, para não me alongar demais, limito-me a citar apenas dois deles, os quais eu não poderia, de forma alguma, deixar de nomear: Ir. Rafael Ferreira e Ir. Joarês Pinheiro, que tanto me ajudaram na minha caminhada. São duas pessoas que eu amo muito e continuam sendo Irmãos significativos para o meu coração e para a minha vida. Bom, daí pra frente Deus foi o principal responsável por eu ter chegado aqui. Disso não tenho dúvida!

Em 2011 fiz a primeira profissão religiosa. Foi um momento muito marcante para mim, o qual ficará registrado eternamente em meu coração. Agora, com alegria, eu olho para trás e vejo o quanto caminhei, mudei, cresci... "*A vida ensina /E o tempo traz o tom /Pra nascer uma canção /Com a fé do dia a dia...*" (Cidade Negra).

Hoje como Irmão Marista, eu me sinto feliz por fazer parte de uma família que cuida de outras famílias. Eu me sinto realizado quando estou no meio das crianças e dos jovens ajudando-os, de alguma forma, a encontrarem e/ou a darem um novo sentido para suas vidas. Gosto de ver no sorriso das crianças e dos jovens a presença amorosa de Deus e a presença acolhedora de Maria.

Obrigado, Senhor, pelas graças que tem me dado, sobretudo por me fazer conseguir chegar aonde cheguei. À Boa Mãe, Maria, eu peço que sempre esteja em meus caminhos, me ajudando e intercedendo junto a Deus pela minha vida e pela minha vocação. A Champagnat, nosso Fundador, a minha eterna gratidão por ter colocado em minha vida os Irmãos Maristas, que tanto me ajudam em tantas coisas, de tantas formas.

Se você quer saber se sou feliz na escolha que fiz, digo que sim, e muito! Como não seria se, como Irmão, posso contribuir com a obra Marista, fazendo de seu carisma meu projeto de vida?! Fazer Jesus Cristo conhecido e amado entre crianças, jovens e adultos, eis o que alegra meu coração e me realiza como homem consagrado a Deus.

"Aceitar a vocação que me é dada, é aceitar que pouco a pouco todo o meu ser, com sua vontade de viver, amar e agir se centre em Cristo. O Pai é que me escolhe, o Espírito é que me prepara para colher o chamado, mas é Jesus quem me torna evidente o apelo divino porque é em união pessoal e em colaboração com Ele que sou chamado".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Apaixonado pela missão marista

Irmão Gentil Paganotto

Nasci em 11 de agosto de 1931, no município de Castelo, no Estado do Espírito Santo. Meus pais: José Paganotto e Brasilísia Rosalina Bolsanello. Ainda criança fui morar no Rio de Janeiro e ali aprendi as primeiras letras. Meu pai trabalhava na Marinha e prestava também serviços numa loja como marceneiro. Alguns anos depois, voltou para seu estado de origem, após adquirir uma fazenda. Somos 4 irmãos (duas irmãs e dois irmãos).

Cresci num ambiente religioso, pois meu pai era da liga do Apostolado e responsável pela equipe que dirigia a Igreja, e minha mãe fazia parte do Apostolado da Oração. Todas as noites éramos convidados e convocados pela minha avó (italiana) a rezar o terço. Como eu não gostava de rezar, um dia, quando percebi que ela estava chamando todos para a oração, tomei outro rumo. Na minha volta ela me chamou a atenção dizendo: "*Gentil, você pode fugir, mas um dia Nossa Senhora vai pegá-lo!*". Com o retorno de meus pais para o Espírito Santo, perdi 3 anos de estudo, pois para onde nos mudamos não havia colégio. Para não ficar sem fazer nada, fiquei como responsável pelos negócios de meu pai.

Em janeiro de 1946, aparece na minha casa um padre de "papo branco", era o Irmão Sulpício José (Eugênio Falquetto) procurando crianças para o Juvenato Marista de Mendes. Por acaso foi pernoitar em nossa casa. Eu estava como responsável pelo armazém de meu pai. Após fazer o balancete do dia e fechar o caixa, fui para casa. Ali, me encontro com o "padre" (naquela época, todos que usavam batina eram chamados de padres), que logo que perguntou: "O que você pretende ser na sua vida?," não duvidei um instante e lhe respondi: "Quero ser piloto de avião". Continuou ele: "Temos um grande colégio em Mendes, no estado do Rio, e você poderá estudar lá para ser piloto". Claro, aceitei a oferta de estudar para ser piloto! Meus amigos, minha pastoral vocacional durou menos de cinco minutos, e fui facilmente "enganado" pela proposta do padre.

Quando meus pais anunciaram aos meus tios que eu iria para o Rio estudar com os padres, a reação foi imediata: "Os padres não vão aguentar o Gentil nem quinze dias! Dentro em breve ele estará de volta, podem acreditar!". No dia 20 de janeiro de 1946, entrei no Juvenato de Mendes, levando na ideia a

vontade de ser aviador. E assim foi até o Postulantado. Durante o período do Juvenato e Postulantado, dois Irmãos me marcaram profundamente pelo testemunho de suas vidas: Luiz Ângelo e Sulpício José.

Foi no retiro em preparação ao Noviciado que me converti e tomei a decisão de ser Irmão Marista. Tive, então, que comunicar aos meus pais o meu posicionamento. Antes, não tivesse comunicado a minha decisão a eles! Passei a sofrer horrores: ameaças de desligamento da minha família, e de ser deserdado de todos os bens familiares. Foram 4 anos de sofrimentos, sem ter comunicação alguma com meus pais e parentes. Chorei e rezei muito. O que passei, não desejo a ninguém.

No entanto, aconteceu que, no fim do Escolasticado (hoje Juniorato), recebi, com surpresa, a visita de meu pai em Curitiba – PR. Aconselhado pelo padre de sua paróquia, ele foi me pedir perdão por tudo quanto eu passei pela maneira como fui tratado pela família. Fumamos, então, o cachimbo da paz. No fim de sua vida, meu pai era mais Marista do que eu e tantos outros.

Concluído o meu Noviciado, ao despedir-me do Irmão Hipólito Maria (nosso professor de latim e música), ele, com um sorriso zombeteiro, me disse: "*Você está indo para o Escolasticado? Pois lhe afirmo que a sua permanência lá não passará de seis meses*". Durante o Noviciado, o Irmão Mestre de Noviços, durante uma aula sobre Perfeição Cristã, disse à nossa turma: "Sobre cada grupo de 10 noviços, tenho vontade de mandar para casa nove". Numa entrevista que tive com ele, perguntei-lhe se eu estava entre os nove. Respondeu-me: "Você será o primeiro!". Com a profecia do Irmão Hipólito, a desconfiança dos meus tios, e a ameaça do Mestre de Noviços, vocês podem imaginar quem eu era... Mas vejam como a vida nos surpreende: todos os que eram protegidos, por serem exemplo de bom comportamento, não estão mais na Congregação!

Após o Escolasticado, fui nomeado para o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, onde passei quatro anos trabalhando como professor. Durante o Escolasticado, eu rezava para não ser enviado para aquele Colégio. Contudo, foi muito bom ter trabalhado ali, pois a comunidade dos Irmãos era excelente, e o superior local era um pai que estava constantemente comigo.

Além do trabalho no Colégio, eu passava todos os domingos e festas evangelizando as crianças em um local, perto de São Bernardo do Campo, chamado Batistim. Eram 12 quilômetros (ida e volta) a pé e na poeira. Fazia isso com muita alegria e dedicação. As crianças eram preparadas para a primeira comunhão e crisma. Muitas vezes meninas e meninos caminhavam

um quilômetro para ir ao nosso encontro. Um ano antes de terminar a minha experiência no Colégio Nossa Senhora do Carmo, procurei preparar o Irmão Januário Rafael para assumir a catequese na minha ausência, pois o Irmão Provincial anunciara a minha transferência para Uberaba – MG. A catequese, na verdade, não continuou porque o dito Irmão retirou-se da Congregação no ano seguinte.

Em 1959, fui transferido para o Colégio Marista de Uberaba, onde, com o falecido Irmão João Gerlim, abrimos, com autorização do Irmão Diretor, um curso noturno para alfabetização de adultos, que veio a funcionar durante uns 25 anos. É claro que com o passar dos anos as turmas chegaram até o ensino médio.

Em 1960 fui transferido para Vila Velha – ES, onde permaneci até 1969. Foi uma fase muito boa na minha vida. Além de cursar o ensino superior, lecionava no Colégio e era responsável pela missão junto aos antigos alunos. Nesse período, abrimos, com a ajuda dos Irmãos, uma escola noturna para os pobres. Desde o vestibular e durante os 5 anos seguintes, fui sempre o melhor aluno. O reitor da universidade, com seu Conselho, me contratou, então, para lecionar Sociologia e Filosofia da Cultura na UFES. No período de minha estada no Espírito Santo ocupei também o cargo de membro do Conselho Estadual de Educação, a convite do governador do estado; fui presidente do Sindicato de Estabelecimentos Particulares de Ensino, e, a convite do Irmão Affonso Falquetto, provincial, assumi a direção do Colégio Marista.

Em 1970, a pedido do Irmão Gobriano Maria, provincial, assumi a direção do Colégio São José, do Rio de Janeiro, e também a condução da Escola de Lideranças. Mais tarde, em 1974, fui convidado pelo Conselho Provincial a integrar, em nome dos Maristas, o grupo de Congregações religiosas que fundou a Universidade Católica de Brasília – DF. Nesta universidade exerci diversos cargos até o ano de 2007, como, por exemplo: presidente da UBEC (entidade mantenedora), Grão Chanceler durante 12 anos, e membro da diretoria, na função de vice-presidente.

Em 1975 fui assumir a direção do Colégio de Patos de Minas – MG, a fim de encerrar suas atividades no final do ano, pois a direção da obra não estava bem e sentia muitas dificuldades com os professores e alunos. Feitos os devidos acordos, entreguei o colégio a Dom Jorge Escarso, bispo diocesano. De 1976 até 1982, assumi a Pastoral Vocacional e a Formação na Província. De 1983 a 1989 e de 1993 a 1999, exerci a missão marista como superior provincial.

De 2000 até 2002, exerci minha missão na pequena cidade de Mundo Novo, no interior de Goiás. Foram dois anos felizes, de muito contato com o povo simples, com os pobres, e também com donos de fazendas, a fim de criar entre eles um espírito de solidariedade para com os necessitados. Também trabalhei bastante com pessoas sem-terra, um grupo ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Com elas chegamos a elaborar um projeto de ocupação de terras, sem, contudo, precisar ficar correndo pelas estradas como fazem tantos outros grupos afins. Todos os domingos fazíamos a celebração da Eucaristia com uma presença muito significativa das pessoas do lugar. Não havia igreja ou capela entre os sem-terra, e sim um barraco coberto de folhas de coqueiro, com bancos de paus roliços pregados. Havia catequese de primeira comunhão e crisma. Durante as noites, à luz de um pequeno motor a gasolina, os Irmãos alfabetizavam os adultos. Na cidade de Mundo Novo, tínhamos encontros de catequese com as crianças, movimentos de jovens, formação dos ministros da Eucaristia, Encontros de Casais com Cristo, celebrações todos os domingos, e, às vezes, também aos sábados, além das festas do povão etc.

Desde 2011 estou vivendo em Silvânia – GO, onde fui acolhido com muito carinho. Aqui tenho vivido momentos felizes com meus coirmãos. Faço comunidade com os Irmãos Marcos Leite e Vicente Falchetto. Mas também tive oportunidade de conviver em anos passados com os Irmãos Davi Nardi, Eugênio Franco, Jair Ferreira e Joel Elias. A missão que exercemos aqui é grande, desafiadora, bonita: ser presença entre as crianças do Aprendizado Marista Padre Lancísio, junto aos jovens da paróquia, acompanhar os casais, atuar na Rádio Rio Vermelho (com diversos programas), integrar a diretoria da Conferência dos Religiosos do estado de Goiás.

Como vocês bem sabem, nem tudo na vida da gente é fácil. Devo confessar que também tive momentos difíceis na minha vida, que passei por situações de verdadeira provação na vocação...

O primeiro momento foi quando tomei a decisão de ser Irmão Marista. Como já lhes disse antes, meus pais e avós não aceitaram minha decisão, o que me causou muito sofrimento. Várias vezes meus tios foram me procurar em Mendes, com ordens de meus pais para que eu abandonasse tudo e voltasse para casa. Foram muitas ameaças, inclusive de ser deserdado de tudo.

O segundo momento foi no período em que estive como professor na Universidade Federal do Espírito Santo. Como eu era o professor mais novo, uma aluna me enviou muitas cartas, me propondo namoro e até casamento. Isso durou 8 meses. Um dia, antes de minha aula, essa moça me abordou perguntando: "Professor, o senhor recebeu as minhas cartas"? Eu, então, lhe respondi com muita tranquilidade: "X, recebi sim suas cartas e agradeço-lhe a amizade. Porém, quero lhe fazer uma pergunta: o que você acharia de alguém que um dia jurou fidelidade a Deus, diante do Altar e de sua comunidade na Congregação Marista, que hoje dissesse não ao juramento feito, e dentro de alguns dias viesse a jurar fidelidade a você?". Ela, então, me perguntou: "Por acaso posso continuar sendo sua amiga?" Eu lhe respondi que sim. E a vida seguiu seu curso.

Um terceiro momento foi na idade de 40 anos. Eu vivia muito atarefado, sempre com coisas para fazer. Deixei a vida de comunidade, pois não tinha tempo para a mesma. Com isso a minha vida de oração passou a deixar muito a desejar. A vida eucarística era substituída por tarefas e projetos. Olhava para as crianças e jovens e via minha paternidade fugir. Foi uma crise terrível! Eu simplesmente não percebia como voltar ao meu amor primeiro, jurado diante do Altar. Foi então que um Irmão, que eu estimava muito, aproximou-se de mim e disse: "Irmão Gentil, você sabe que eu o admiro muito pelo seu dinamismo e entusiasmo, porém, com essa vida que você está levando, não vai longe". Parei, olhei para o Irmão, e lhe disse uma palavra de agradecimento. Naquela mesma hora, entrei no meu quarto, preparei a minha mala e fui para Cachoeiro do Itapemirim – ES, à procura do Padre Hipólito, um jesuíta italiano da Província da Bahia, e expliquei-lhe tudo o que estava acontecendo comigo. Ele deu-me um quarto e 10 dias de retiro, com um encontro diário com ele, a fim de avaliar a minha caminhada vocacional.

O quarto momento aconteceu no dia 5 de julho de 1982. Eu estava tranquilo, passando uns dias de férias em Aruanã – GO. Nesse mesmo dia chega o Ir. Claudino Falchetto, que era, à época, o superior provincial. Ele trazia uma carta do saudoso Ir. Basílio Rueda, superior geral da Congregação Marista, para mim. Pediu-me que a abrisse. Ao ler a mensagem, até perdi a vontade de pescar, e uma dor de cabeça apoderou-se de mim. O Ir. Claudino e o Pe. Marcelino Barrio Inyesto pescavam com grande alegria, enquanto eu, coitado, debaixo de uma árvore, sofria pelo conteúdo da dita carta. O Ir. Claudino zombava do pobre sofredor. Pois bem, aquela carta trazia a minha nomeação como o novo provincial. Graças a Deus, o superior geral também me deu alguns dias para pensar e dar uma resposta. Passei cinco dias refletindo e

rezando, pois a responsabilidade que eu tinha pela frente era enorme. Enfim, já na comunidade marista de Goiânia, dei minha resposta por telefone: "Não tenho condições de aceitar". Com a minha recusa em aceitar a nomeação, o Ir. Basílio Rueda pediu ao Ir. Luiz Silveira, que era conselheiro geral, que fosse até Montes Claros, onde eu estaria para a profissão de votos de alguns Irmãos, e procurasse me convencer a aceitar. Não conseguiu. Fui, então, chamado a Roma para uma conversa pessoal com o Irmão superior geral, que também não me convenceu. Seu último cartucho foi me propor 10 dias em l´Hermitage (casa mãe da Congregação), sob os cuidados do Ir. Gabriel Michel, e 10 dias de retiro em Paray-le-Monial, com o Padre Fournier. Eram tantas as pressões que não resisti, e disse sim.

Meus amigos e amigas, a vida não é feita somente de momentos felizes, mas também dos momentos de sofrimentos. No entanto, é bem verdade que o Senhor não nos dá cruzes superiores às nossas forças. Sempre que as coisas ficam muito difíceis ele vem em nosso socorro e nos fortalece para a luta. A mim ele tem dado cinco forças, que têm me sustentado em minha caminhada como Irmão Marista: o terço, a oração, a Eucaristia, o testemunho dos Irmãos Sulpício José e Luiz Ângelo, a missão.

1ª – O TERÇO – Foi praticamente com minha avó paterna que aprendi a rezar o terço, a "corona" como ela chamava. Apesar de ter fugido algumas vezes da oração, a palavra de minha avó se concretizou: Nossa Senhora me pegou na caminhada! Poucas vezes na minha vida deixei de rezar o terço. Silvânia está sendo uma escola para mim, pois de segunda a sexta feira eu dirijo a reza do terço, das 18h30 às 19h00 na Rádio Rio Vermelho. Todas as noites, os mais variados grupos se apresentam para, juntos, orientarmos esta devoção.

2ª A ORAÇÃO – É aquela água pura a regar a nossa vida, dando-nos forças para enfrentarmos os mais variados momentos de nosso cotidiano. O fazer, por vezes, absorve nossa capacidade de viver plenamente, resultando num modo de vida que não deixa espaço suficiente à vivência da espiritualidade. A realidade de mundo em que vivemos nos tem questionado profundamente, nos fazendo repensar nossas práticas de vida, na busca do essencial em nossa consagração e em nosso carisma. A oração sempre foi o alimento para a sustentação de minha caminhada junto aos meus Irmãos, bem como de minha paixão pela missão junto às crianças e jovens. Estou convencido de que como consagrados só seremos capazes de irradiar vida na missão se dermos atenção ao que é, de fato, essencial: nossa relação com Deus por meio da oração.

3ª – A MISSÃO – Somos chamados à Missão. É, pois, dever de cada batizado responder ao mandato de Jesus: "Vão por todo o mundo e anunciem o Evangelho a toda criatura. Estarei com vocês todos os dias". Nós haveremos de seguir a Cristo, pastor e missionário, se fixarmos o nosso olhar nele, se caminharmos com ele, se comungarmos dos seus sentimentos, se procurarmos imitar suas atitudes. Desde a minha saída do Escolasticado, estive envolvido diretamente com a missão, que considero objeto de minha consagração, realizada diante do Altar e de minha comunidade provincial. Mesmo quando exerci a função de Provincial, o anúncio direto do Reino, no meio do povo, foi compromisso inegociável em minha vida.

4ª – O TESTEMUNHO DOS IRMÃOS SULPÍCIO JOSÉ E LUIZ ÂNGELO – As crianças e os jovens necessitam de referenciais de vida. Foram os referenciais que tive em minha caminhada vocacional que me permitiram perseverar como Irmão Marista. As melhores palavras que escutei durante o Juvenato sobre as vantagens de ser religioso não me convenceram. O meu sim foi dado quando os exemplos de vida de alguns Irmãos me fizeram acreditar que valia a pena arriscar tudo no seguimento de Jesus, na vida marista. Foram, especialmente, os Irmãos Luiz Ângelo, nosso professor no Juvenato, e Sulpício José, no Postulantado, no Noviciado, e, mais tarde, como vice-diretor no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, que me animaram a também ser Irmão. As palavras comovem, os exemplos arrastam.

5ª – EUCARISTIA – É o centro de nossa vida no cotidiano. A Eucaristia é para a nossa vida espiritual o que é o sol para a natureza. Sem a luz do sol nada cresce e nada se desenvolve. Na Eucaristia encontramos o alimento da verdadeira sabedoria que nos conduz à salvação.

Estas, meus amigos e amigas, foram as forças que me sustentaram até hoje na vida marista. Sei que contarei com elas até o fim de minha jornada, pois Deus jamais abandona aqueles que Ele escolhe, chama, capacita e envia em missão a serviço de seu povo. Eu sei o que digo! Eu sei em quem acreditei!

MARISTA

É fazendo os outros felizes que seremos felizes

Irmão Gerson José de Lima

A vida tem seus encantos, principalmente quando é vivida no seio de uma grande família que, unida, vive o amor e a paz. Em suma: uma família feliz. Muitas são as vezes que me surpreendo cantando a música "Utopia", do padre Zezinho. Um dos trechos dessa canção me traz muitas recordações: "Das muitas coisas do meu tempo de criança guardo vivo na lembrança o aconchego de meu lar". Outro trecho que me toca muito é: "No fim da tarde, quando tudo se aquietava, a família se ajeitava lá no alpendre a conversar". Esta canção – em sua totalidade – é o quadro vivo da minha família.

Pertenço a uma família constituída por nove irmãos, sendo uma de minhas irmãs filha por adoção. Dos nove que somos, cinco são homens e quatro são mulheres. Uma família numerosa, típica da zona rural, onde me coloco como o irmão "do meio". Fui batizado com o nome de Gerson José de Lima, filho de José Borges de Lima e Severina Maria de Lima, já falecidos. Meu pai era funcionário público, minha mãe, dona de casa.

O amor sempre foi o sentimento mais forte que nos uniu em todos os momentos da nossa vida familiar. O amor que nasceu em nossa família, há muitos anos, permanece até hoje como norteador de nossa caminhada, de nove irmãos, tornando a nossa família sempre linda e feliz. Graças a Deus, permanecemos pondo em prática os exemplos de vida de nossos pais, que nos marcaram para sempre.

Dos tempos de criança, lembro-me de que era norma de nosso pai rezarmos, em família, a Salve Rainha antes de dormirmos. Após esse encontro de oração, nos dirigíamos aos nossos aposentos. Logo em seguida, nosso pai ia nos ver e realizar a última oração da noite – o que também era um hábito dele – mas, ao chegar ao quarto, se encontrava alguém dormindo, não seguia adiante, acordava quem dormia para a oração final do dia.

Aos domingos era comum irmos à missa na matriz de São José, em Surubim, caminhando todos juntos três quilômetros a pé, desde o nosso sítio denominado Jucá Ferrado.

A minha vida estudantil foi bastante rica, pois estudei em dezesseis educandários, entre escolas primárias, secundárias, cursinhos e faculdades. Inclusive fui testemunha ocular e parte integrante das mudanças ocorridas na educação brasileira, tanto nas posturas quanto nas nomenclaturas.

Nas idas e vindas da vida fui parar no Colégio Pio XII, de Surubim, onde tive o prazer de conhecer os Irmãos Maristas, que, mais tarde, me introduziram na Congregação Marista. Na época era diretor o Irmão Antônio de Araújo Aguiar, um dos grandes incentivadores da minha vocação. Ele, ainda hoje, aos 97 anos, é um entusiasta da vida marista. Tive a graça de, em Surubim, conviver com este irmão na mesma comunidade por alguns anos, e dou testemunho de que sempre contribuiu muito com nossa vida comunitária.

Naquela época a comunidade religiosa era formada pelos Irmãos Antônio Aguiar, José Moreira, Bernardo Aguiar, Hipólito Nepomuceno, Mauro Dantas Cortez e Pedro Sampaio. Todos muito benquistos no Colégio e na cidade de Surubim, sobretudo pela competência e sapiência.

O Irmão Hipólito, sempre que viajava com destino a Recife, passava pela casa de meus pais, muito prestimoso, perguntando se havia alguma coisa para mim e, chegando ao Juvenato, ia à minha procura para me incentivar cada vez mais em minha vocação. Dizia sempre nesses encontros: "Estou feliz porque, quando morrer, deixo alguém no meu lugar. Deixo você."

O Irmão José Moreira foi a primeira pessoa a me contar a história de Marcelino Champagnat. Foi em uma missa solene em homenagem ao nosso fundador. Com apenas 12 anos ouvi, atentamente e maravilhado, na minha ingenuidade de garoto, o que Irmão dissera, pois eu, assim como Champagnat, também cuidava de ovelhas naquela ocasião, além de ajudar meus pais cuidando de outros animais.

O meu recrutamento vocacional aconteceu um pouco por acaso. Passou um Irmão jovem pelo nosso colégio, à época eu cursava a 8ª série, e em visitas às salas de aula o Irmão Alex Oliveira fazia convites para que fôssemos, no futuro, Irmãos Maristas.

Após a visita do Irmão Alex, iniciou-se um grupo vocacional motivado pelo Irmão Aguiar e orientado por Adejá, um jovem entusiasta, que prestava serviços à comunidade dos Irmãos. Eu participava ativamente desses encontros, nos quais rezávamos, falávamos sobre Champagnat, fazíamos visitas a lugares e pessoas carentes e, aos domingos, vez ou outra, acompanhávamos os Irmãos em comunidade, tendo como meio de transporte uma Kombi.

Certo dia, o Irmão encarregado das vocações da Província, Irmão José Milson, muito simpático, reuniu a turma vocacionada e escolheu cinco pessoas para realizar uma experiência na Casa de Formação. O Irmão José Milson era diretor do Juvenato, muito preparado, finíssimo, atleta invejável, jovial e amigo.

Dois de meus colegas foram de imediato para o Postulantado por questão de idade, o Henrique e o Severino; Antônio, Welington e eu, ficamos no Juvenato, em Apipucos, Recife - PE. Eu ingressei, então, na formação marista no dia 02 de fevereiro de 1975.

O interessante é que antes de ser escolhido, eu falei para meu pai, José Borges, que iria ser Irmão Marista e ele riu dizendo que "a vida de Irmão Marista não tem nada a ver com seu jeito de ser, pois você é muito brincalhão". Hoje, com o passar do tempo, relembrando o que ele falara, lembro-me do número 11 das Constituições Maristas, que registra: "*Deus escolhe homens e os chama, cada qual pessoalmente, para conduzi-los ao deserto e falar-lhes ao coração. Reserva para si aqueles que o escutam. Converte-os sem cessar por seu Espírito e os faz crescer em seu amor para enviá-los em missão. Nasce assim uma aliança de amor em que Deus se dá ao homem e o homem a Deus, aliança que a Escritura compara a esponsais. É no coração dessa aliança que se situa a dinâmica da consagração*".

No final do primeiro ano, em visita ao Juvenato, meu pai gostou muito de ter ouvido um Irmão velhinho, santa criatura, chamado Ambrósio Aguiar, que falou para meu pai ficar tranquilo quanto a mim: "Pois, para aonde ele for como Irmão Marista, será bem acolhido, tendo tudo para crescer".

A conversa foi importante para meu pai e para toda a minha família, porque sacerdotes todos conheciam muito bem, mas os Irmãos Maristas não eram tão conhecidos, pelo menos para os que moravam na zona rural.

O tempo foi passando e eu cada vez mais fui me convencendo de que Deus, de fato, me chamava para a vida religiosa marista, apesar de minhas limitações e pecados. Hoje, como Irmão Marista, sinto-me realizado e bem sucedido naquilo que sou e faço. Alegra-me muito ser útil à minha comunidade religiosa e à minha cidade. Tenho como máxima de vida a filosofia de nosso Pai fundador Marcelino Champagnat, que dizia: "É fazendo os outros felizes que seremos felizes".

"Eu sou eu e minhas circunstâncias" (Ortega y Gassé)

Irmão Joel Elias Giacomin

O começo de tudo

Nasci em 29 de março de 1933 no município de João Neiva, atual Ibiruçu, no Espírito Santo. Meus pais se chamavam Giovani Baptista Giacomin e Maria Ana Favalesa Giaconin.

Depois da morte de minha mãe, passei a morar com meus avós maternos num lugar chamado Morro do Capitão. Morar com a avó nunca é como morar com a mãe. Também moravam por lá várias famílias italianas como meus avós, com numerosos filhos. Meus avós paternos tiveram quatorze filhos, e os maternos oito. Meu pai teve oito filhos do primeiro casamento, e nove do segundo. Dois já faleceram. Sou o segundo filho do primeiro casamento.

Morei com minha avó materna porque era muito doente; tinha impaludismo, doença transmitida pela falta de saneamento básico: esgoto a céu aberto, brejais (=paludes). Tomava uma medicação chamada "quinino", um pozinho branco horrível, muito amargo, mas tinha que tomar, porque a doença era recorrente e mortal. O remédio foi descoberto na construção do canal do Panamá. O homem é um hospital ambulante, cheio de doenças. É doente da cabeça aos pés.

Meus avós tratavam as crianças como eles mesmos foram tratados quando crianças. Aprendi isso por tradição.

A influência da religião na vida quotidiana

Naquele tempo, a religião mandava em tudo. Percebia-se que os padres, por terem estudo, se comportavam como se fossem os donos da verdade. Até a mãe do padre se comportava assim. Certa vez, a mãe do padre daquele lugarejo induziu as mães daquela região a amarrar uma faixa bem apertada em torno da barriga dos recém-nascidos, para que eles não tivessem hérnia umbilical. Os pobrezinhos quase nem podiam respirar. Isto me afligia muito. Eu até saía de perto para não ver.

O ser humano é um ser influenciável, permeável à observação exterior. É o que se chama de "memismo" (derivado de 'meme' = igual), um neologismo inventado por Richard Dawkins. Aprendemos por "memismo", ou seja, pela replicação-repetição dos gestos e ações próprios de outra pessoa a quem admiramos, veneramos.

Na religião, além do "memismo" existe aquilo que os cientistas chamam de "reducionismo", que significa reduzirmos os conceitos à nossa capacidade de entendê-los. *"Credo ut intelligan"*. Como a inteligência humana é limitada em todos os sentidos, então a nossa capacidade de entender também é limitada. Por isso apelamos para o "transcendente", através do qual procuramos dar uma explicação "racional" às últimas coisas que a realidade da vida nos impõe. Isso é o que se chama "teleologia". É fato que tendemos a atribuir a um ser superior, o qual chamamos de "Deus", tudo o que, por transcender a realidade material, escapa de nossa compreensão. Não podemos fazer a imagem de Deus, somos incapazes. Deus é absolutamente transcendente. O que transcende a nossa mentalidade não podemos compreender. Segundo o princípio da filosofia Escolástica *"Nihil est in intellectu quod prius non fuit in sensibus"* (Nada existe no intelecto sem antes ter passado pelos cinco sentidos). Os sentidos nos iludem!

Vocação à Vida Religiosa

Quando eu era pequenino, ia à igreja para as atividades pastorais. Era um morro a transpor entre nossa residência e a igreja local. Voltava para casa com fome. Eu queria ser bispo e não padre. Mas quando fui saber, para ser bispo tinha que ser padre primeiro. Aí eu não quis mais nem um, nem outro.

Eu tinha um primo chamado Alcides José Giacomin, que nessa época já tinha passado pelo seminário de Vitória – ES. Na verdade, frequentou o seminário durante alguns meses apenas. Naquele tempo, já no seminário menor, chamado de propedêutico, tinha-se que usar batina de manhã à noite. Um dia ele tirou a batina, jogou-a em cima do telhado e foi embora para casa. Um mês depois passou por Vitória o Ir. Helvídio Loss, um recrutador marista (como eram chamados os Irmãos que trabalhavam na animação vocacional), e foi recebido pelo meu tio, Antônio Giacomin, que frequentava a catedral da cidade. O meu tio o levou para sua casa. Lá eles conversaram sobre a vocação de meu primo. A família fez, então, o enxoval e Alcides foi para o juvenato marista, em Mendes – RJ.

Eu procurei saber onde estava e como estava o meu primo Alcides. Fiquei sabendo pelas correspondências que ele estava muito bem. Eu disse, então, que queria vê-lo. As coisas a partir de daí evoluíram de modo que terminei me juntando a ele no juvenato. Nessa ocasião eu tinha 12 anos incompletos. Era a idade, diziam, em que a criança deve escutar seu futuro. Naquele tempo, o jovem só pensava nisso após o "serviço militar". Para os clérigos e simpatizantes havia a "dispensa". Eu, devido ao ambiente católico no qual sempre vivi – "você bebe" e "respira" práticas religiosas – me encaminhei para a vida religiosa. Decisão tomada, meu pai foi até a cidade, comprou algumas roupas para o enxoval e assim eu fui para o Rio de Janeiro com o Irmão Helvidio Loss. Foram vinte e quatro horas de viagem de Vitória ao Rio de Janeiro, setecentos quilômetros. Viajamos de trem "Maria Fumaça".

Lembro-me de que fiquei três dias no Rio. No primeiro dia descansamos. No segundo dia fui com o Irmão Simão Reticka, desenhista da Editora FTD, conhecer a Baía de Guanabara e Niterói. No terceiro dia, pela manhã, visitamos a avenida beira mar que passava no porto e, à tarde, nos divertimos na piscina do colégio Marista São José, da Conde de Bonfim. Encantei-me pela cidade do Rio de Janeiro. Seguimos para Mendes também de "Maria Fumaça". Chegamos à noite. Foi um grande susto. Uma escuridão terrível no meio da mata. De repente me vi cercado de "embatinados", com cruz no peito, por todos os lados. Nos dias seguintes houve o mecanismo de socialização que sempre se dá entre iguais em idade. Criança socializa criança, adulto só marca limites.

Minha vocação não foi "uma decisão unilateral". Foi um processo de "morde e assopra" como qualquer decisão na vida: casamento, carreira militar ou civil etc. Entrei na Congregação levado pelo exemplo do meu primo e permaneci nela também pelo incentivo dos meus formadores, bem como do ambiente religioso das casas de formação...

Os estudos durante a formação eram separados. Como "vocacionados" a uma congregação de professores, devíamos aprender as matérias curriculares laicas, mas, ao mesmo tempo, também as matérias religiosas. Tínhamos aula de religião todos os dias. Nos exames escolares, tínhamos que fazer prova escrita e oral. Os professores eram todos Irmãos Maristas, estrangeiros na maioria.

Quanto ao primo Alcides Giacomin, ele seguiu na vida marista até o 1º ano após o Escolasticado. Foi nomeado para lecionar no primário em Santos – SP. No final do 1º ano de ensino sofreu um inesperado "mal súbito" diante de seus alunos. Diagnosticado como ataque epilético (sem cura na época), deixou a Congregação.

O tempo de minha adolescência "era um outro mundo". Entrei no juvenato em 1945, com 12 anos, e não voltei à casa de minha família, senão depois da profissão perpétua, aos vinte e dois anos de idade.

Divagações sobre o ser humano e a educação

A criança nasce como uma folha em branco, como um arquivo vazio. É a convivência com cada membro da família, com professores e amigos que vai preenchendo o arquivo. Ou seja, o ser humano é influenciável. Cito três filósofos cujas teorias influenciaram profundamente a concepção de ser humano, e, portanto, a própria religião: Jean Jacques Rousseau – *"le bon sauvage"* (o bom selvagem); René Descartes – *"cogito ergo sum"* (penso, logo existo); John Locke – *"tábula rasa"* (papel em branco). Estes três filósofos foram protagonistas na época do debate acadêmico entre "criacionistas e evolucionistas". Descartes, por exemplo, foi considerado um "herege", e foi expulso do mosteiro onde residia.

Cogito ergo sum! "Penso, portanto existo". Mas, quem vem antes do existir é o ser? Pensar é próprio de um dualismo. Cogitar não é próprio do corpo material. Pensar é uma atividade mental, que seria espiritual. As almas estariam como numa prateleira de supermercado, esperando pela fecundação na qual seria infundida no corpo da pessoa.

A teoria da *"tábula rasa"*, de John Locke, se confunde um pouco com o pensar de Jean Jacques Rousseau. Somos seres livres ou seres determinados? Uma pergunta que até hoje não foi respondida nem pelos cientistas nem pelos "religiosos". Quando temos que decidir sobre algo vital, entramos em pânico, e a indecisão pode alterar nosso estado psicológico chegando a provocar dores físicas em nós. É o que chamamos de "síndrome do convertido". A vida nos é imposta, não a escolhemos. Se pudéssemos escolher, acho que ninguém estaria vivo hoje na terra. Vá ao cemitério, abra um túmulo, e pergunte ao inquilino: "Você quer ressuscitar?" Ele lhe responderia: "Não!" Shakespeare resumiu este dilema na frase lapidar: *"Be or not to be, that is the question"*.

Estudos acadêmicos

Fiz faculdade de filosofia em Uberaba, com as Irmãs Dominicanas. Aí fui reprovado duas vezes. No vestibular e na zoologia, matéria do segundo ano. Sempre tive dificuldade de absorver o conteúdo das aulas. Desde o primário até a universidade. Sofria de catarata no olho direito, era ruim de leitura e, portanto, de compreensão.

Fiz o curso "Jesus Magister", em Roma, com o objetivo e desenvolver as "Ciências Religiosas". Sempre tive dificuldade de compreensão dos livros escolares e apostilas com que estudávamos. No "Jesus Magister" só podíamos estudar "Ciências Religiosas" e não teologia. Estávamos em grupos separados: o dos Irmãos e o das Irmãs. A tendência ao clericalismo era a tentação a ser vencida. Os professores, todos padres, eram ensinantes para eles e elas.

Inserção na missão

De volta ao Brasil, fui lecionar nos nossos colégios, procurando reproduzir a ênfase dos meus antigos formadores. Naquele tempo houve a "reforma catequética" na Igreja. Eu entrei no jogo procurando me adaptar.

Ao chegar a Silvânia - GO alguns anos atrás, dispus-me a me comunicar com os novatos na escola para ambientá-los. Copiei numas folhas algumas adivinhações: "o que é o que é?" E me enfronhei nos pequenos grupos que se formavam no recreio. Eis um exemplo: "o que é o que é que quanto mais cresce menos você enxerga?" – A Escuridão! Ensinava os nomes dos dedos das mãos: "Dedo mindim, seu vizinho, pai de todos, fura bolo e mata piolho". Aí pedia que eles repetissem para mim... Foi um sucesso! Depois voltava com os nomes verdadeiros dos dedos: polegar, indicador, médio, anelar, mínimo. Ensinava a assobiar e imitar os passarinhos. Às vezes passava para os dias da semana ou os meses do ano, sempre apresentando conhecimentos úteis, as cores da bandeira etc.

Hoje estou retirado das atividades escolares, mas participante das práticas religiosas.

Marcelino vive hoje nos que acreditam na juventude

Ir. Joilson de Souza Toledo

Logo que cheguei à Pastoral da Juventude (PJ) da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, em 1992, percebi que várias pessoas que eu admirava usavam uma camiseta com uma estampa do rosto de Champagnat, cercado de jovens, e a seguinte frase: "Marcelino vive hoje nos que acreditam na juventude". Sempre quis ter esta camisa. Nunca ganhei uma. Creio que esta frase traduz a presença curta, mas intensa, de 1989 a 1998, se não me engano, dos Irmãos Maristas na Baixada Fluminense; além de ser, assim o sinto, um apelo de Deus para a minha vida.

Mas vamos ao começo da história, cronologicamente falando... Nasci no dia 11 de agosto de 1977 numa maternidade na cidade de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro. Sou filho de João Batista Toledo e Jurema Zeferina de Souza Toledo, conhecidos como "seu Toledo" e "dona Jurema". Tenho uma irmã chamada Jucimara, cinco anos mais velha que eu. Meus pais eram funcionários públicos – hoje aposentados - gente simples. Desde cedo me ensinaram a alegria das pequenas coisas, a importância do estudo e das atitudes de gratidão e compromisso. Ensinaram-me, também, que ser negro é bonito e que para viver numa sociedade racista eu deveria saber enfrentar de forma positiva as situações de preconceito. Sou profundamente grato a eles.

Fiz o ensino fundamental numa escola pública em São João de Meriti, e o ensino médio técnico na Tijuca, Rio de Janeiro. Minha mãe, desde cedo, me propôs entrar na catequese, o que na minha infância não via com bons olhos. Aos 13 anos entrei numa turma de catequese de adolescentes, na Comunidade São Francisco de Assis, no bairro de Vilar dos Teles. Meses depois, por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1992, cujo lema era "Juventude, caminho aberto", durante a quaresma, o grupo de jovens da comunidade matriz da paróquia marcou uma missa em louvor à juventude. Era dia 15 de março. Fiquei tão encantado por ver aqueles jovens celebrando, que propus para duas amigas, que estavam ao meu lado: "vamos participar, ou melhor, por que a gente não funda um grupo jovem lá na comunidade?". Assim, no dia 21 de março de 1992, nascia o Grupo Jovem Liberdade, um marco para minha vida. A partir do grupo tive os primeiros contatos com a PJ da região pastoral (cidade de São João de Meriti), da diocese, com a caminhada das CEB's, do CEBI, dos movimentos populares.

À época, na diocese de Duque de Caxias, a partir da CEB´s, vivíamos o sonho e o empenho de ser uma Igreja de comunidades, uma Igreja ministerial, "uma presença nova do Cristo Pastor na Baixada Fluminense". Uma caminhada eclesial onde fé e vida, militância e eclesialidade caminhavam juntas. Neste período, ir a um curso do mês da bíblia, ou a um curso da Campanha da Fraternidade, participar de uma conferência municipal de saúde ou de um encontro dos movimentos populares da cidade, em boa parte, era encontrar as mesmas pessoas. Gente que, pela fé, lutava pela vida e trazia seu cotidiano para a caminhada cristã.

Dentro da PJ da diocese, de 1992 a 1996, fui coordenador de grupo jovens e, depois, membro de coordenação paroquial, regional e diocesana. Minha vida era "correr a diocese animando a caminhada da PJ". Os fins de semana se resumiam em fazer reunião; descobrir onde estavam os grupos de jovens; acompanhar, visitar grupo; tentar formar grupo de jovens onde não tinha; realizar encontros de formação e retiros...

É neste contexto, e fazendo parte deste processo, que encontro os primeiros Irmãos Maristas. Na verdade, não só os Irmãos viviam assim, como também nos ensinavam e incentivavam neste caminho. Foram literalmente nossos "irmãos". Num período próximo a uma década, tivemos a graça de conviver com homens que se alegravam em gastar seu tempo com a gente. Na comunidade marista, em cima do Ambulatório da Vila Rosário, tivemos "uma casa da PJ", "uma casa nossa": lugar para alimentar a esperança, fazer festa, fazer reunião, rezar, rever os amigos, esfriar a cabeça, aquecer o coração... A maneira fraterna com que os Irmãos nos acolhiam era algo marcante. Entre nós dizíamos: "estes caras têm algo diferente". Os Irmãos Zeferino Falqueto, Walmir Xavier, Israel Poste, Francisco Faustino (Chico), Romero Rodrigues, Eugênio Franco, e Raimundo Barbosa viveram entre nós o sonho de Champagnat.

Quem pôde viver este tempo tem muitas estórias para contar. Quantos de nós não dormimos na capela por tanta gente que havia na casa? Quantos, depois da Romaria do Pilar, não deram uma esticadinha até a comunidade marista para continuar a comemoração? Quantos não fomos para lá, sem ter marcado hora, na esperança de encontrar um amigo e um lanchinho? Só para lembrar algumas expectativas que tínhamos. Neste período, quando se queria saber se alguém era liderança da PJ da diocese, era só perguntar: "Você já foi à casa dos Irmãos?". Era impossível ser uma liderança da PJ e não frequentar aquela casa.

Nesta caminhada, um dia me surpreendem com o convite para ser Irmão Marista. O desejo de ser Irmão, que vi surgir em mim desde então, era também motivado pela vontade de ser na vida de outros jovens o que "aqueles caras" foram na minha vida: companheiros de caminho. No meu longo processo de discernimento, primeiro ficou claro que a vocação era marista, e só depois que era ser Irmão.

Termino o ensino médio e no início de 1996 entro na formação marista. Começo a etapa então chamada de "estágio" – hoje Pré-postulantado – na cidade de Colatina – ES. Lá, junto com os Irmãos Israel, Zé Augusto e Vitor Pravato, vivi uma bonita experiência de vida comunitária, de serviço à PJ, e de ecumenismo. Em Colatina, mais especificamente na paróquia de São Silvano, iniciei minha caminhada na assessoria da PJ. Fiz amizades que trago até hoje. No ano seguinte fui para Belo Horizonte – MG viver o Postulantado. Neste ano, depois de uma crise vocacional, pensei que isso não era para mim e retornei para a casa dos meus pais.

Voltei, então, para a caminhada das CEBs e para a PJ na Baixada Fluminense. Fui, durante três anos e meio, assessor da PJ da diocese e dois anos assessor da PJ do Regional São João de Meriti. Neste período também contribuí na comunidade eclesial no serviço de coordenação. Durante este tempo, as inquietações vocacionais continuavam e, assim, fiz um processo de discernimento vocacional com uma comunidade monástica que se iniciava na diocese, e com os padres diocesanos; mas os processos não seguiram em frente.

Em 2002 comecei a trabalhar como agente administrativo da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Foram dois anos atuando no Instituto Nise da Silveira, um hospital psiquiátrico. Neste mesmo ano, comecei a fazer pré-vestibular num projeto pré-universitário para negros e carentes, o mesmo que eu tinha ajudado a pensar quando estava na coordenação da PJ da diocese, na década de 1990. Em 2003 passo no vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro para o curso de Pedagogia. Já nos primeiros dias de aula, ou melhor, já ao terminar a prova do vestibular, vai crescendo no meu coração uma sensação de "era isso, mas era mais que isso". Tal ideia foi ficando mais forte em mim, porque eu até poderia trabalhar na educação formal, estudar juventude, mas "era mais que isso..."

Um amigo me convidou para participar da comemoração do aniversário da mãe dele. Uma oração do terço. A família morava na mesma rua em que anos atrás estava a comunidade marista. Quando eu chego à casa deles, as memórias vieram ao coração. Descubro naquele dia que estava próximo o aniversário de um Irmão, e decidi ligar para ele para parabenizá-lo. A partir dessa conversa, retomo o processo de acompanhamento vocacional.

Confesso que corri o quanto pude do apelo vocacional que sentia no meu coração. Mas Ele foi mais forte do que eu (Jr 20,7). Para mim, a vida religiosa é mais que uma escolha, é um "render-se àquele que me ama". Como disse o aviador do *Pequeno Príncipe*, "quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer". Fascinado pelo amor de Deus pelos jovens pobres, vou seguindo o "rastro" que Ele deixa.

Neste tempo na Congregação, Deus me deu a graça de morar nos estados de Goiás, Ceará, Minas Gerais e Espírito Santo. Como formando marista ou Irmão professo, sempre estive entre as juventudes. Fiz os primeiros votos em 08 de dezembro de 2006, na capela de nossa casa em Mendes – RJ, um dos berços da missão marista no Brasil.

Depois de terminar os anos da formação inicial, o provincial da época, Irmão Claudino Falchetto, ao me enviar para a casa de formação do Postulantado, me disse: "Você sempre trabalhou com os jovens. Agora terá os jovens dentro de casa". E assim iniciei minha trajetória de formador. Esta tem sido a minha vida: um serviço aos jovens que estão nas comunidades de periferia, bem como um serviço aos jovens que desejam ser Irmãos Maristas... Para todos eles tenho buscado ser um companheiro de caminho, um Irmão mais velho que vive a alegria de trilhar, junto, um pedaço da caminhada do seguimento de Jesus.

Sempre gosto de destacar a frase de São Francisco de Assis: "Desde que Deus me deu irmãos...". Uma das minhas maiores alegrias como Irmão Marista é viver a experiência da fraternidade. Não só na comunidade religiosa, com meus coirmãos, mas também com as pessoas que Deus vai colocando na minha vida. A vida religiosa marista é viver com um "coração fraterno e novo, aberto a Deus e aos demais". Mesmo correndo o risco de esquecimentos perigosos, quero destacar o quanto cresci na convivência com os Irmãos Paulo Martins, Baptista Santos, Ataíde Lima, Vitor Pravato e Rubens Falqueto.

Como já mencionei, na PJ, enquanto coordenador, estive na base da diocese e no serviço de assessoria em todos as instâncias: acompanhei processos ou nascimentos de grupos de base, fui assessor de paróquias, regiões e dioceses. Talvez caiba destacar, ainda, que trabalhei na rearticulação de PJ em Belo Horizonte (2009 e 2010) e Goiânia (2014 e 2015); já contribuí na assessoria de dois regionais da CNBB: o Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo), de 2007 a 2009; e Nordeste 1 (Ceará), em 2012 e 2013; na Comissão Nacional de Assessores da PJ (CNAPJ) de 2011 a 2014. Também estive em dois institutos de juventude: no Instituto de Pastoral da Juventude, do Regional Leste 2 (2007 a 2009), e no Centro Marista de Juventude, de Belo Horizonte, em 2010.

Fiz os votos perpétuos junto com os Irmãos Paulo Henrique Martins de Jesus e Wesley Adenilton Ribeiro, em 18 de janeiro de 2014, um dia antes do início de uma Ampliada Nacional da PJ, que aconteceu em Belo Horizonte. Foi uma data simbólica proposta pelo Irmão Paulo Martins. A data foi escolhida para reafirmar o apelo que marca nossas trajetórias: vocações nascidas na PJ, Irmãos a serviço dos empobrecidos. Tudo isso estava provado no bandeirão da PJ estendido durante a celebração; nos padres que presidiram a celebração: Hilário Dick, Édson André C. Thomassim (Edinho), com quem participei da CNAPJ, e Niraldo Lopes de Carvalho, assessor da PJ na arquidiocese do Rio; nos participantes, meus coirmãos, familiares e pejoteiros de tantos lugares e tantos tempos. Era uma opção de vida não só de três pessoas, mas um sonho de Igreja, de sociedade, de vida religiosa: era um gesto testemunhado.

Quanto à formação universitária, além da Teologia, que faz parte da formação inicial marista, no desejo de aprimorar meu serviço pastoral, fiz também o mestrado em Ciências da Religião, na PUC - Goiás. Na pesquisa acadêmica investiguei aquilo a que procuro dedicar a minha vida: a experiência do sagrado que os jovens fazem na PJ. Sempre assessorei atividades nas áreas de Cristologia, Mariologia, Liturgia, Bíblia e metodologia da PJ.

Sou feliz sendo Irmão Marista. Sinto que este é o meu caminho de felicidade: buscar ser, na simplicidade e na ousadia, um sinal do quanto Deus ama as juventudes empobrecidas. Ele ama tanto que coloca, no coração de alguns, o desejo de ser um sinal deste amor. Talvez você que lê esta breve partilha também esteja vivendo uma experiência semelhante, talvez sinta um aperto no peito, talvez tenha um jeito especial de olhar a realidade das juventudes... quem sabe você também esteja sendo chamado por Deus. Arrisque, vale a pena! A vida religiosa tem seus desafios como toda escolha na vida tem, mas é apaixonante. Acredite!

Há mais de duas décadas tenho vivido impulsionado não só por uma frase que um dia li numa camiseta, mas, sobretudo, por um ideal que "li" escrito na vida dos primeiros Irmãos Maristas que me acompanharam. Sim, "outro mundo é possível" e quando falamos, hoje, de "um novo começo para o Instituto Marista", dizemos que "uma outra vida religiosa marista é possível também". Os jovens de hoje têm o direito de saber/experienciar o quanto Deus os ama. Por experiência própria, digo-lhe que é possível ser feliz fazendo da vida, a todo instante, sinal deste amor.

Ai de mim se não evangelizar!

Ir. José Augusto Alves

Raízes

Deus me concedeu a grande graça de vir ao mundo no meio de uma família numerosa, religiosa e feliz. O Ir. Luiz Silveira referiu-se a meus pais, numa carta circular, como uma das famílias mais lindas de Patos de Minas. Minha mãe era muito religiosa. Meu bisavô materno deu ao meu avô, meu padrinho de batismo, o nome de José Maria de Jesus. Legou-nos a religiosidade como valor que impregnou toda a família. Meu pai, que faleceu com 94 anos, era homem sem estudos, mas cheio de sabedoria e inteligência, formou-nos na retidão, na vivência dos valores do respeito, da responsabilidade, da cidadania, da compaixão e da solidariedade.

Minha vocação religiosa surgiu quando o saudoso Irmão Anselmo Pio Madariaga fez um convite a um tio meu para ir para o Juvenato de Ribeirão Preto – SP. Fiquei sabendo e pedi para ir também. Meu pai resistiu no início por ser eu o filho primogênito, mas as coisas se arranjaram e entrei para o Juvenato que ficava em minha própria cidade, Patos de Minas, no dia 22 de abril de 1959, com apenas 11 anos de idade. Frequentava o 3º primário. O mistério de amor do Pai não se explica. Os Irmãos nos diziam que iríamos vestir batina, veste talar, e não saia, como diziam os zombadores de plantão. Naquele ano o Irmão Zeferino Falquetto e o Irmão Maurício Xavier (Anésio Pereira de Mendonça) foram os guias dos primeiros passos de minha vocação.

Tempo de crescimento

Nas casas de formação cresci num ambiente sadio, de muita amizade e camaradagem. Tinha facilidade nos estudos, era desportista, encarregado da biblioteca, supervisor do dormitório, chefe de equipe na JEC, animada pelo Irmão Raimundo Barbosa; editava o jornalzinho do Juvenato, em Mendes, sob o olhar atento do Irmão Claudino Falchetto, nosso regente. Fazia parte do grupo dos "Anjos da Guarda", que acolhia e acompanhava os novatos, organizado pelo querido Irmão Ângelo Camata, diretor. Vivi momentos felizes no teatro, no coral, nos esportes, nas caminhadas pelas matas, nos passeios, nas orações comunitárias; momentos de muita intimidade com Deus, na capela, sentindo muito forte a presença do Senhor em minha

vida e deixando as lágrimas rolarem do coração para os olhos, na emoção de se sentir amado e escolhido pelo Senhor. Na sétima série, pedi ao Irmão Gobriano Maria, provincial, para fazer os votos privados de Pobreza, Castidade e Obediência. Num santinho, que conservo até hoje, ele escreveu minhas "obrigações".

Meu Noviciado foi marcado por inúmeras graças e conduzido pelas mãos sábias e santas dos Irmãos Zeferino Falqueto, Ismael Antônio e Braz Eliseu. Encharquei-me das lições de amor do Sagrado Coração, nas revelações a Josefa Menendez, através do livro "Um appel à l'amour", que lia e meditava todos os dias. Sentia-me amado e cada vez mais convidado a consagrar-me ao Senhor para a educação cristã das crianças e jovens, como aprendíamos da vida do Fundador e dos primeiros Irmãos que estudávamos e resumíamos, em francês. Questionava-me: serei capaz de perseverar? Terei forças? Uma voz me dizia: se os outros conseguiram, por que você não conseguiria perseverar? A confiança total em meus superiores, a transparência e a sinceridade muito me ajudaram a esclarecer dúvidas, superar obstáculos e fortalecer minha decisão. Os novos ventos trazidos pelo Concílio Vaticano II durante os anos de Noviciado prolongaram-se no tempo do Escolasticado, tornando nossos corações juvenis cheios de zelo e vitalidade apostólica.

Sob a batuta sábia e santa dos Irmãos Luiz Silveira, Aleixo Maria Autran, Floriano Tescarolo, Sulpício José, Ireneu Martins e Gilberto Rocha, nossa formação acadêmica, pedagógica, filosófica, catequética e teológica tornou-se um símbolo dos novos tempos. O Escolasticado de então, que eu frequentava juntamente com os jovens Irmãos do Brasil Norte, era denominado por alguns de "Sorbonne". O Ir. Luiz Silveira reconheceu que formou as novas gerações para o novo momento da Igreja conciliar, mas não para a realidade concreta de nossa Província. Muitas comunidades não estavam preparadas para acolher as novas gerações. O "clima interno" não favorecia o desabrochar dos jovens Irmãos, formados sob novos valores e com novas perspectivas. Surgiram as crises, as saídas. De um grupo de cerca de 50 Irmãos no Escolasticado, somos poucos os remanescentes. Uma perda inestimável de jovens Irmãos cheios de valores humanos, inteligentes, preparados e com incrível zelo apostólico. Novos tempos que mudaram a face de muitas Congregações.

Fortalecimento

Em 1969, no primeiro ano de tirocínio, fui atuar em Montes Claros – MG, numa comunidade capitaneada pelo saudoso Irmão Ladislau Figueiredo, onde iniciei minhas lides apostólicas junto a duas turmas do primeiro ano do ginasial, como professor de matemática, ciências e religião. Encantei-me com o grupo de jovens que unia rapazes do Colégio São José e as moças do Colégio Imaculada, e atuei na coordenação dos esportes do Colégio. No ano seguinte fui participar da equipe do Juvenato de Mendes, como formador, juntamente com o Irmão Sulpício José.

No ano seguinte iniciei meus estudos universitários. Um tempo de amadurecimento, de convivência tranquila com as colegas da Pedagogia. Era o único homem da turma. O mesmo aconteceu nos cursos de pós-graduação. Poucos Irmãos de minha geração tiveram as oportunidades de estudos que tive, não só no Brasil, como no exterior. Cito alguns que muito me ajudaram na caminhada profissional e apostólica. O curso de Teologia, na Bélgica, na Universidade Católica de Lovaina, proporcionou-me inúmeras oportunidades de alargar os horizontes culturais e aprofundar a fé, compondo a equipe central da pastoral universitária, participando de grupos de oração, tendo contato direto com inúmeras figuras eminentes do mundo eclesial, sobretudo latino-americano. Surgia com força a Teologia da Libertação. Pude beber de perto, da fonte, através de inúmeros contatos com Joseph Comblin, inesquecível professor, Gustavo Gutierrez, Dom Leônidas Proaño, o "bispo dos índios" (de Riobamba, Equador), Clodovis Boff, Dom Helder Câmara e tantos outros que incendiavam nosso coração com a utopia da libertação. Após um ano de preparação em Bruxelas, realizamos memorável peregrinação à Terra Santa, conhecendo cada recanto bíblico e lendo "in loco" as passagens mais significativas da história do povo de Deus. Pude testemunhar o diálogo de Dom Helder com o Cardeal Suenens, em Bruxelas, com direito a foto com D. Helder na saída do Teatro, com os colegas do Colégio para a América Latina, onde vivia com bolsa de estudos. Os Irmãos da comunidade de Mont-Saint Guibert me questionavam: veio aqui perder a fé? Respondia que, pelo contrário, vinha fortalecê-la. E era verdade. As aulas de um Jean Giblet, Houssiau e tantos outros eram verdadeiros momentos de contemplação e espiritualidade, fazendo arder nosso coração.

Outro momento importante em minha formação foi o Curso de Planejamento Pastoral, pela Universidade Javeriana, em Bogotá, Colômbia, sob a orientação do jesuíta Pe Jesús Vela. Forneceu-me instrumentos para um apostolado mais eficaz. Ajudou-me a solidificar meu "projeto de vida" onde vi com clareza que tinha a mesma aspiração que Paulo: "Ai de mim se não evangelizar!" Participei do REMAR, em Bogotá, animado pelo saudoso Irmão Nestor Quiceno. Ao retornar ao Brasil, como coordenador da Pastoral Provincial, tive pouco tempo para repassar essa magnífica experiência pastoral aos meus coirmãos, pois logo assumi a função de Diretor de Ensino da UBEE, com a saída do titular. Mas a riqueza e a fertilidade do curso estão dando bons frutos ainda hoje.

Os seis meses passados no Escorial, na Espanha, deixaram marcas indeléveis em meu coração. No deserto do meio dia, no calor do ativismo e desgaste do estresse, após vivenciar greves e desafios pessoais, pude encontrar um coração compreensivo e sábio na pessoa do Irmão José Luís Ampúdia, que soube me acolher, orientar e libertar meu coração, dando-me um novo sopro em minha entrega pessoal de consagração ao Senhor. Momentos de graça na vivência comunitária, no saborear dos passos de Marcelino Champagnat em l'Hermitage, Puy, Fourvière, La Valla. Retornei revigorado pessoal e vocacionalmente, com visão mais positiva de mim mesmo, de minhas possibilidades e dons que o Senhor me concedeu para o bem maior de seu Reino.

Na seara do Senhor

Sempre estive à disposição, onde precisassem de mim. Minha pobreza e minha riqueza encontram-se em minha disponibilidade. Minha vida é doação. Por isso nunca recusei uma missão. Sempre à disposição para evangelizar pela educação, seja qual for a modalidade: professor, formador, coordenador de Pastoral local e Provincial, Diretor de Ensino da UBEE, Conselheiro Provincial junto a quatro Provinciais, membro da equipe gestora da UBEC, Mantenedora da Católica de Brasília, membro da EMIR – Equipe Interprovincial de reflexão, Ecônomo Provincial, Diretor de Juvenato. Em meus anos a serviço da Província, uma experiência deixou marcas: o CEFORMAR. Durante nove sessões, na coordenação, juntamente com Heloisa Afonso, pude sentir o coração ardente de inúmeros leigos e leigas, até de outros países, pulsando ao ritmo do sonho de São Marcelino, além de saborear o carisma marista, vivencialmente, junto aos leigos. Sentia-me um semeador de esperança, de sonhos. Isso me reacendia o apelo vocacional do Senhor de ser dEle, a Seu serviço.

Nos momentos de deserto a força da fraternidade

Claro que há momentos de cansaço na caminhada, de perda de sabor, de secura espiritual, crises interiores, solidão, estresse. Felizmente o Senhor sempre colocou em meu caminho pessoas fraternas e compreensivas que muito me ajudaram a atravessar estes desertos. Nos momentos difíceis das greves escolares, dos reordenamentos internos, no colocar a casa em ordem, no eterno recomeçar, havia sempre uma força a me guiar, a fortalecer a decisão de seguir em frente, na alegria da entrega e do sentir-se amado, acolhido, perdoado, na eterna misericórdia do Pai. Nunca passou pela minha mente deixar a Congregação, apesar das ocasiões, convites e crises. Sempre me senti realizado entre meus Irmãos de comunidade, por mais difícil que tenha sido a convivência em alguns momentos. Uma comunidade em especial muito me ajudou: São Vicente de Minas, pelo nível de vivência comunitária – orante, fraterna e apostólica –, assim como a convivência com a população, as crianças e os jovens mais pobres. Tenho ainda bem vivo o sabor de ouvir o grupo Lata Viva tocando na I Assembleia Internacional da Missão Marista, em Mendes, encantando a todos, assim como a alegria de anunciar o prêmio de Escola Referência Nacional em Gestão, conferido à nossa Escola, graças à dedicação de seus educadores e à ação do Senhor em cada coração.

Neste ano, ao viver meu 53º ano de Consagração Religiosa, a experiência se repete, aqui, em Fortaleza, em convivência com os jovens postulantes, com as crianças e jovens pobres na Escola Marista Sagrado Coração, onde sinto de perto a ternura de Jesus se manifestando aos pequeninos e aos mais pobres, no desafio de acender novamente o sonho de um futuro melhor em cada coração que o Senhor coloca em meu caminho.

Sempre à disposição de Deus para o que Ele me reservar

Irmão José Moreira de Freitas

Eu estava nos meus 15 anos incompletos, em 15 de janeiro de 1953, quando fui convidado para ser Irmão Marista. Eu vivia com meus pais e meus 10 irmãos: 4 homens e 7 mulheres. Meus pais, muito católicos, rezavam conosco, todos os dias, ao amanhecer, o ofício da Imaculada Conceição. Aos sábados rezávamos o terço. Meu pai era devoto do Sagrado Coração de Jesus e não perdia a missa das 12 sextas-feiras.

O convite vocacional foi assim: um Irmão Marista chegou a nossa casa e, sem nenhum preparo remoto, disse-nos que estava procurando candidatos para estudarem em Recife e serem religiosos. Meus pais disseram que lá não havia ninguém interessado. Eu não estava presente. Ele soube disso e pediu para me chamar. Cheguei e ele foi direto ao assunto. Meus pais me deixaram livre para responder. Eu nunca havia pensado nessa possibilidade, e tinha até receio, pois eu não sabia nada sobre vida de padre. Eu pensava que era para ser padre que estava sendo chamado. Meus pensamentos aceleraram e eu imaginei mil coisas. Não sei qual força me impeliu a responder sim entre dúvidas, sonhos e temores. É isto, "o homem propõe, Deus dispõe". Segui para a casa de formação na semana seguinte. Lá eu soube que ia estudar para ser marista e não para ser padre. Comecei a viver a nova realidade que depois expliquei a meus familiares.

Na minha família eu já era bem controlado quanto à vida social. Meus pais eram muito cuidadosos com seus 11 filhos. Chegando ao juvenato não tive muita dificuldade quanto a este ponto. Minhas dificuldades maiores foram a saudade, os estudos que eu havia abandonado no 3º ano primário. Eu tive que correr contra o tempo. Outra dificuldade era a obrigação de falar francês nos recreios ou ficar em silêncio. Tudo o mais foi tranquilo: professores competentes e amigos, ambiente sociorreligioso ótimo, muito esporte, trabalho manual aos sábados etc.

Terminados os estudos do juvenato em 1958, fui nomeado postulante em janeiro de 1959. Fazia o postulantado na casa de formação Marista de Ipuarana, em Lagoa Seca - PB, sob a orientação do Irmão Bernardo Aguiar. Em 1960 fui nomeado noviço sob a direção do Irmão Damião Clemente. Em 1961 fiz o escolasticado com o Irmão Tedesco em Apipucos Recife - PE.

Em 1962 fui trabalhar no Colégio Sagrado Coração, em Senhor do Bonfim – BA, dirigido pelo Irmão Antônio de Araujo Aguiar. Em 1966, segui para a comunidade do Colégio Marista do Recife. Neste ano eu comecei a Faculdade de Ciências Biológicas na Universidade Católica dos Jesuítas. Eu lecionava de dia e estudava à noite. Fui transferido em 1967 para o Colégio Conceição, em Apipucos, e transferi o curso para a Universidade Federal de Pernambuco. Agora, eu estudava de dia e lecionava à noite. Terminada a faculdade, fui nomeado para a comunidade marista de Surubim, à época sob a direção do Irmão Antônio de Araújo Aguiar. Em Surubim lecionei química, ciências naturais e biológicas até 1975. De 1975 até 1981 eu assumi a direção do Colégio Pio XII, em substituição ao Irmão Aguiar que foi dirigir o colégio Marista de Maceió - AL. Em 1982, fui nomeado diretor do Colégio Conceição do Recife. Trabalhei no Conceição até o mês de Junho. Em julho de 1982 fui nomeado diretor do Colégio São Pio X de Balsas, no sul do Maranhão. Em 1989, fui trabalhar como diretor do Colégio Marista de Aracati - CE. Em 1992 fui fazer o segundo noviciado na Espanha durante 5 meses. Depois, segui para Paris a fim de reciclar o pouco que aprendi de francês. De volta ao Brasil, em outubro de 1992, fiz parte da comunidade de Juvenópolis, em Maceió. Em 1994, fui trabalhar em Santana do Araguaia – PA. Na Missão Marista do Araguaia, no distrito de Barreira dos Campos, fiquei até 2005. Em 2006, fui para a comunidade do Aprendizado Marista Padre Lancísio, em Silvânia - GO. Em 2009 fui transferido para Surubim novamente, onde ajudo a comunidade marista como ecônomo e provedor das compras e manutenção da residência dos Irmãos.

No decorrer de minha trajetória como Irmão Marista, tenho tido várias oportunidades de estudar, de me atualizar em temas relevantes para a missão. E tenho procurado aproveitar bem cada nova oportunidade que vai se abrindo à minha frente. Cito aqui alguns cursos intensivos feitos ao longo de mais de 50 anos de vida religiosa: em 1974, curso sobre Problemas Pedagógicos e Religiosos, em Campinas-SP, com carga horária de 70 horas; em 1977, curso de atualização em educação, no Centro de Espiritualidade Marista (CEMAR), em Teresópolis – RJ, com carga horária de 350 horas; em 1986, curso de atualização em Supervisão Pedagógica, em Mendes – RJ, com carga horária de 130 horas; em 1989, curso de Espiritualidade (CERNE), em Fortaleza – CE, no período de 23/10 a 08/12.

Em 1992, fiz o curso de Espiritualidade Marista no 2º noviciado em Madri – Espanha, num período de 5 meses. Após o curso, visitei a Terra Santa, e depois segui para Paris. No Institut Catholique de Paris fiz o Cours Universitaires D'éte. Após o curso D'éte fui à casa Generalícia da Congregação (Roma), visitei o Vaticano e retornei ao Brasil.

Enquanto eu estava em Silvânia, numa escola ambiental, aproveitei alguns cursos de atualização rural oferecidos pelo SENAR de Goiás. Entre eles: apicultura, suinocultura, bovinocultura leiteira, doma de cavalos pelo método não violento e casqueamento, horticultura, compostagem, criação de mudas para reflorestamento e reconhecimento de plantas medicinais.

Cito aqui também alguns dos fatos que mais me marcaram nestes mais de 50 anos de vida marista. Acredito que também nesses acontecimentos Deus foi se revelando em minha vida e me educando em seu amor, me fortalecendo em seu seguimento: os óbitos de meus pais e de 5 irmãos meus, de morte natural, em pequeno espaço de tempo, em 10 anos; a saída do Instituto Marista por parte de alguns Irmãos considerados astros, cotados a importantes cargos em nossa Província; a desapropriação do Colégio Pio XII, de Surubim, pelo Estado em 1975, na minha gestão. Graças ao bom Deus e à resistência heroica do povo surubinense, em legítimo repúdio a tamanho despotismo, este ato não vingou. Em 2000 fiz voto de estabilidade na Congregação enquanto estava em Barreiras dos Campos.

Desde que eu me reconheço naturalmente temperamental e imprevisível, os valores maristas têm me moldado um novo modo de ser e de agir. Hoje eu paro e pondero as situações antes de agir. Também aprendi a ver nas pessoas a fragilidade antes que a maldade, e a falta de oportunidades antes que a má vontade, e, finalmente, deixo que Deus haja em minha vida.

Como foi no passado, também agora estou à disposição do que Deus me reservar. Possivelmente aprenderei um pouco de informática para não me alienar ante as rápidas transformações e urgências que a mídia apresenta cada dia.

A história de um Irmão: José Nilton

Francisco Deodato (heterônimo de Deicimar Medeiros)

A história que vou contar
Não é história de trancoso.
Aqui o que vou narrar
É bastante grandioso.
Os fatos que vou mostrar
De um cidadão valoroso.

Nasceu no Maranhão
Na década de sessenta.
Esse querido irmão,
Dele nada se inventa,
Que por consideração
Apenas se acrescenta.

A vida desse irmão,
De filho predestinado
Em sua iniciação,
Logo foi chamado
Para a congregação
Pelos Irmãos convidado.

Antes ele era feirante
E com o pai trabalhava,
Mesmo sendo estudante,
Pois a isso se dedicava
Por ser gratificante
No que ele desempenhava.

Cada fruta escolhida
Cada verdura comprada.
Na banda era vendida,

Aos Irmãos, eram levadas.
Foi então que nessas idas
Uma amizade foi selada.

No início, um café,
Depois mais aproximação.
Ficou íntimo até
Que criou uma relação
De confiança que é
O chamado para irmão.

Quando ele já estudava
No colégio Marista
E também se destacava
No papel de catequista
E até se integrava
Fosse essa a conquista.

Essa participação
No trabalho realizado,
Fez logo desse irmão
No grupo integrado,
Como também criação
De um vínculo consumado.

Havia uma sintonia,
Uma forte relação,
Uma simples alegria
Nas atitudes do irmão.
Tudo isso parecia
Uma real transformação.

Ele devia tomar
Uma futura decisão.
Havia, em particular,
Quem lhe chamasse atenção,
Quem lhe pudesse ajudar,
Era o irmão Machadão.

Um homem generoso
De grande simplicidade,
De um coração bondoso,
Quis mostrar a verdade
Em algo espantoso
Para a sua irmandade.

Seu Longuim não aceitava
A do filho ser irmão.
Sua mãe simpatizava
E com ele conversava
Pra que o filho fosse irmão.

Seu Longuim foi à Escola
Conversar com o diretor
E depois foi embora
Sem dizer se concordou.
O que se sabe até agora
E que Nilton se consagrou.

Depois daquela conversa,
Os planos logo mudaram
E numa situação dessa
Três anos se passaram
E uma mudança inversa
Eles se apresentaram.

Irmão Nilton foi morar
Assim junto dos irmãos
E passou a ensinar
Naquela instituição,
Já que foi catequizar
Com muita dedicação.

Nos anos de formação,
Enfrentou um desafio
Que causou preocupação,
Como até calafrio
Algo sem consideração
De provocar desvario.

Sua cor não impedia
Que ele fosse um irmão,
Pelo que ele já fazia,
Dependia da aceitação.
Isso não conseguia
Pôr no seu coração.

Porque uma guerra travou
Até mesmo consigo?
Foi que ele encontrou
Alguém que lhe desse abrigo,
Um irmão que se tornou
Aliado e grande amigo.

Foi o Irmão Scapin
Que grande apoio lhe deu.
Pra ele não ficar assim,
Da maldade esqueceu
De tudo que foi ruim
Que na sua vida viveu.

Hoje para celebrar
A sua vida religiosa
E também comemorar
Sua caminhada gloriosa
Vamos todos festejar
Com uma atitude honrosa.

Desde que se dedicou
À sua religiosidade,
Cada função que ocupou,
Fez isso com dignidade,
Esse tempo que passou,
Parece uma eternidade.

Mais de vinte anos passados
De muita dedicação,
Dos colégios lembrados,
Da primeira direção

E dos cargos ocupados,
Ficaram no coração.

Cada palavra revelada,
Momentos de oração,
Nessa longa caminhada,
A vida desse cristão,
Que foi bem representada
Na razão de ser irmão.

Ao viver essa missão,
Pra ele é algo divino,
Cada pedra nesse chão,
Engrandece seu destino,
Cada espinho em sua mão,
É como se fosse um hino.

Mas estamos aqui também
Pra poder comemorar
Os anos que ele tem,
Que não preciso falar

Pra cada dia que vem
É bom se alegrar.

Cada dia que é vivido,
De Deus é abençoado
A Ele se é engrandecido
Por todos comemorado,
Cantando pelo que foi ido,
Também pelo que é chegado.

Por isso agradecemos
A Deus por cada dia
Que nessa vida vivemos
Com saúde e alegria,
Uma festinha queremos
Com muita música e folia.

Mas, Irmão, aqui chegamos
Ao final de sua história
Pra que todos percebamos
Que ela é feita de glória,
Tudo o que aqui mostramos,
Faz parte de sua trajetória.

Não é pra qualquer pessoa
Que escrevemos um cordel,
Primeiro tem que ser boa,
Exercer um grande papel,
Pra que isso não fique à toa,
Seja eterna até no céu.

Todo mundo queria
Ser também homenageado,
Nesse momento eu diria,
Fica também reservado,

Só que pra hoje, nesse dia
Irmão Nílton é que é louvado.

Francisco Deodato

Nasceu no Seridó, cálido e seco. Escreve cordel desde pequeno. Seus versos representam a vida de muita gente, nordestina ou não, como também fatos do mundo atual, suas alegrias, suas dores, seus espinhos, suas esperanças... O que mais caracteriza sua poesia é escrever cordéis baseados em clássicos da literatura. Mas escreve, entre outras, biografias de pessoas importantes em versos.

Uma vocação "tardia" fruto da Internet

Ir. José Sotero dos Santos Neto

"Meu papagaio não tem asas não tem bico,
em outras terras eu não fico... Meu papagaio.
Minha terra é Sergipe... Meu papagaio"

(Chiko Queiroga e Antônio Rogério)

"Minha terra é Sergipe". Assim como o papagaio sergipano, também canto, ou melhor, proclamo com orgulho minha sergipanidade. Sou José Sotero, nasci no dia 23 de maio de 1980 na acolhedora Rosário do Catete – SE. Caçula de uma família com dois irmãos e cinco irmãs, sou fruto do amor entre Paulo Sotero e Maria do Carmo. Realmente, tem muito amor e ternura envolvidos entre nós!

Devido à percepção sobre a relevância dos estudos na constituição do ser humano e às escolhas de vida relacionadas ao universo da educação, tornamo-nos com muito esforço e determinação numa família de educadores. Paulatinamente fui percebendo que na minha realização vocacional pulsava uma paixão educativa de maneira ressignificada e oblativa.

Logo no "raiar" da adolescência tive acesso aos grupos juvenis e catequéticos da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, onde fui educado na fé pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Desde cedo elas me demonstraram pela vivência que se é feliz de verdade é na comunidade. Do adolescente envergonhado, com a ajuda de tantas pessoas, transfigurei-me numa liderança apaixonada pelo Reino, por meio do ser catequista e da participação na Juventude Marial Vicentina – JMV. A comunidade eclesial tornou-se o meu aconchego.

Paralelo a essa dinâmica evangelizadora eu trabalhava como funcionário público municipal na área de acompanhamento a projetos educacionais e cursava a graduação em Letras-Português, seguida da Especialização em Língua Portuguesa.

Na procura pelas respostas às inquietações vocacionais pulsantes no coração, realizei uma bonita experiência comunitária com os Irmãos Lassalistas, em 2009, na cidade de São Paulo – SP. A Providência divina sempre nos

surpreende, nos desinstala, é preciso ir além da margem de nós mesmos. A busca teria que continuar, o encontro com o grande amor exige perseverança e sutileza com o ser amado para não deixá-lo escapar por momentos de descuido. A espera faz parte das surpresas encantadoras da vida.

Ao retornar para o meu porto seguro, minha amada Rosário do Catete, as provocações de cunho vocacional permaneciam instigantes. Lembro-me de que certo dia, durante o intervalo do meu trabalho administrativo na Prefeitura Municipal, resolvi fazer uma pesquisa de "foro íntimo" e ao consultar o "santo google", rastreador vocacional por excelência, eis que surge como opção para minha pesquisa vocacional: Instituto dos Irmãos Maristas.

Relutei a princípio e quase me deixei influenciar pelo medo do novo e receio das surpresas que o diferente proporciona. No entanto, consciente desses sentimentos e motivado pela curiosidade, entrei em contato, via e-mail, com o setor da Animação Vocacional da Província Marista mais próxima de minha região. Fui acolhido e abraçado virtualmente pelo Ir. James Pinheiro, que passou a ser meu *best friend* virtual de quase todas as horas. Dúvidas, inquietações, curiosidades, questionamentos, partilha de vida, troca de experiências... Enfim um autêntico acompanhamento virtual, abastecido com muitas risadas, confiança, respeito e entusiasmo.

Depois de alguns meses de contato virtual me dei conta de que, contrariando o famoso ditado popular *"São nos pequenos frascos que se encontram os melhores perfumes"*, já fazia um bom tempo que Sergipe, menor "frasco" do Brasil, não possuía vestígio da fragrância marista. Talvez fosse o momento de mudar essa situação e deixar a suavidade marcante desse aroma no estado.

Como o homem não vive somente on-line nas redes sociais, fui convidado a conviver pessoalmente com os Irmãos da Comunidade Marista de Maceió, para conhecer *in loco* o jeito marista de ser. Ademais, no decorrer do processo entre e-mails, mensagens instantâneas e outras mídias, participei com brilho nos olhos das atividades vocacionais da Província: Encontro Microrregional, REMOV e na época o Revitalizar... A partir dessa experiência relacional, elaborei o diagnóstico: se virtualmente o jeito marista já é encantador, pessoalmente é paixão à primeira vista.

Após viver com intensidade o período de acompanhamento vocacional por meio do movimento entre a virtualidade e o contato pessoal com alguns Irmãos, leigas e leigos maristas, resolvi aceitar o desafio em fazer uma nova experiência comunitária. Em 2011, com 31 anos de idade, seguro dos desafios e possibilidades que a questionável "vocação tardia" apresenta, ingressei no

processo formativo marista e permaneci o 1º semestre, como Pré-postulante na Comunidade Marista da Betânia em Belo Horizonte – MG. Na época essa Comunidade foi escolhida para acolher os formandos aspirantes mais experimentados na vida, se assim podemos dizer. Já no 2º semestre, fui convidado para concluir a etapa na Comunidade Formativa Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha – ES, junto com os demais formandos que lá vivenciavam o processo formativo.

Já a etapa do Postulantado, tive a graça de vivenciá-la na Comunidade Marista da Maraponga, em Fortaleza – CE. A terra do sol me recebeu com o calor que lhe é próprio, principalmente o calor humano. No Ceará tem disso sim: alegria, entusiasmo pela vida e uma beleza natural encantadora.

O tempo kairológico estava por vir... Nos anos de 2013 e 2014 fui conduzido ao deserto, o Deus de Ternura desejava falar-me intimamente ao coração. Um novo tempo desabrochava diante de mim. Postulei, bati à porta do Instituto e o Noviciado Marista do Brasil, em Passo Fundo/RS, me acolheu para remodelar o meu coração, consagrando-o Àquele que me chamou. Durante esse período de "graça noviciática", tempo favorável do Senhor, vivenciei em seis meses o estágio apostólico em Santa Cruz do Sul – RS. Com o coração pronto para ser consagrado ao Senhor, no dia 08 de dezembro de 2014, na Capela do Instituto Marcelino Champagnat, em Passo Fundo – RS, realizei a minha Primeira Profissão Religiosa... "*Eis-me aqui, Senhor, um Irmão entre irmãos!*"

Atualmente vivencio o Juniorato em Belo Horizonte, e curso Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA. É tempo fecundo de aprofundar a busca pelo Mistério que se corporifica nas realidades humanas. Como apóstolo marista, sou convidado constantemente a um movimento de abertura e autonomia evangélica em vista da concretização de experiências humanizadoras e mistagógicas. Estou convicto de que minha consagração adquire sentido e vivacidade quando exerço a arte teológica de catequizar. Justamente nesta etapa de cultivo, aproveito de maneira intensa as oportunidades formativas para cuidar com esmero e paixão do dom pulsante, fruto do primeiro amor, em ser um autêntico Irmão-Catequista.

Por ora, percebo que meu itinerário de seguimento ao Catequista de Nazaré torna cada vez mais plástica a profecia elaborada pela comunidade mateana – "*Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração*" (Mt 6,21). Assim, sigo com o coração aquecido e feliz pela descoberta do tesouro, transfigurado na arte da busca. Continuo o caminho ousadamente... A busca é devir! Afinal, o tesouro de uma vida plena permanece à minha, à nossa espera. Sigamos em parceria o ritmo do coração, embalados pela mística do amor fraterno...

Jardineiro de Deus

Ir. José Vinco

"Ditosa vida e ditoso estado e ditosa alma que a ela chega,
em que tudo é substância de Amor."

São João da Cruz

Sou de Castelo, no Espírito Santo, de uma família tradicional católica. Andávamos muito distante para irmos à missa todos os domingos na roça, seis quilômetros, muitas subidas e decidas na montanha... E sim apaixonados pelos cuidados da terra.

Certo dia chegou à minha cidade um senhor muito respeitado e religioso, o tão conhecido por sua dedicação e devoção Ir. Jair de Sousa Ferreira. Tinha, na ocasião, a missão de buscar meu primo Luís Padovane e esposa Leonora Facco, bem como os amigos Maximino Zagoto e esposa Tereza Laquine, para trabalharem em naquela cidade. Também me convidaram a ir com eles para juntos trabalharmos em Vila Velha. Não tive dúvidas, aceitei na hora.

Chegando a Vila Velha, fui morar no Colégio Marista. Fui instalado num dos três quartos que eram disponibilizados para os colaboradores. O meu quarto era completo, perto da cozinha. Lá eu tinha tudo que um ser humano precisa para sobreviver em todos os aspectos, inclusive o espiritual. Fui tão bem acolhido que me senti em casa. Trabalhei nos cuidados da horta e na cantina do Colégio Marista. Estávamos em família. Havia muita alegria.

Chamou muito a minha atenção a forma de vida em oração que os Irmãos vivenciavam...

Com o passar do tempo, comecei a participar da missa com os Irmãos pela manhã. Como não reclamaram, continuei. Esses momentos faltavam em minha vida de oração, pois era de costume meu dedicar um tempo para Eucaristia, com a qual sempre me identifiquei muito.

Um dia o Ir. Gentil Paganotto, diretor do Colégio, me convidou para ser um membro da Congregação como "Irmão Marista", e disse que eu tinha o carisma, a dedicação à Eucaristia, a oração e o trabalho. Aceitei sem pensar, pois me identifiquei com o chamado. Dias depois o Ir. Gobriano Maria,

provincial da época, me chamou para conversarmos sobre a vocação. Ficou combinado de eu fazer a formação do postulado e noviciado no Rio Grande do Sul. Comecei uma longa jornada... Fui para o Rio de Janeiro juntamente com os Irmãos Benedito Odeto de Lima e Inácio Braz. Que dificuldade! Ficamos aguardando avião por um mês. Viajamos até Porto Alegre – RS e fomos de ônibus para a cidade de Farroupilha, onde aconteciam as formações em postulado e noviciado.

No primeiro mês tudo foi muito difícil. Ambiente diferente, pessoas muito diferentes no agir e pensar. Ah! Meu Deus! Senti vontade de voltar para casa. Suportei esses sofrimentos por um mês. Mas depois de um mês tudo acabou: fiquei tranquilo e sereno. Consegui, então, me sintonizar com a oração e o trabalho com as plantas. A minha melhora interior tinha tudo a ver com a melhora da terra. Assim lá continuei por dois anos. Eu estava me encontrando novamente. Vivenciei com os Irmãos e funcionários da casa rotinas e horários a serem cumpridos, como orações, despertar de madrugada no frio – não tínhamos aquecedores –, missa, refeições, trabalho e estudos diários, que consegui vencer com louvor.

Recebi a batina em fevereiro 1962, depois, em 1963, fiz os primeiros votos. Em seguida vim para Uberaba – MG, morar na Casa de Formação Champagnat, onde permaneci por um ano.

A caminhada continuou em Mendes – RJ, na chácara, onde me dediquei muito ao trabalho no campo e em todas as áreas que precisassem. Neste período cuidava das plantas e fazia plantio de diversos tipos de árvores frutíferas, que até hoje estão produzindo frutos. Também acompanhava o motorista de caminhão nas compras, em geral, no Rio de Janeiro, Volta Redonda e Rezende.

Em Mendes, foi-me confiado mais um desafio. Fiquei lisonjeado. Trabalhei na biblioteca com encadernação e separação de livros. Nossa! Tinha muitos! Aproveitava para ler os livros que eu apreciava: a Bíblia e a vida dos santos, sobretudo São João da Cruz, que eu escolhi como meu guia espiritual. Gostava muito de ler no quarto. Ainda tenho este hábito.

Naquele tempo tive algumas dificuldades e enfrentei perseguições e críticas de pessoas que não entendiam o meu jeito de ser. Fiquei triste, chateado e constrangido. Um fato que me marcou muito nesta época foi que o Ir. Gobriano Maria, que morava conosco na comunidade, devido a estas críticas e perseguições, ficou decepcionado comigo. Conto isso para que vocês jovens percebam o quanto é sério não respeitarmos a identidade de cada um. Apeguei-me, então, ainda mais, à minha vida de oração e ao trabalho com a terra. Eu sofria, mas não me incomodava com as críticas dos outros, pois tinha convicção de que deveria levar qualquer situação para o lado das

coisas boas, pois em todas as ocasiões Deus sempre nos mostra um lado bom. Com o tempo comecei a conversar com o Ir. Gobriano, e lhe dizia que eu sentia muito prazer na leitura das vidas dos santos. E foi assim que eu pude realmente mostrar quem sou: com minhas atitudes, exemplos e ações positivas. Ele entendeu que eu sentia a graça do Espirito Santo em mim. Devido à minha fé em Deus e perseverança, tudo se esclareceu e passou. Temos que ter muita devoção, sobretudo na Eucaristia.

No final do ano de 1986 fui morar em Belo Horizonte – MG. A comunidade dos Irmãos ficava na chácara do Recanto Marista (REMAR), uma casa de oração e retiros. Fui morar com o Ir. Walter Godofredo Udi, diretor. Cheguei com o objetivo de cuidar do pomar e dos jardins. Lá encontrei umas mangueiras velhas, que não reproduziam frutos. Pedi para cortar algumas e plantei mudas novas. Cuidamos do terreno que era terra ruim, transformando-o em terra produtiva. Com o tempo apareceram gramas fortes sem ser plantadas (misteriosas). Todos ficaram encantados com este milagre. Na terra que era ruim, agora se podia plantar vários tipos de flores, rosas, árvores frutíferas. Lembro que as folhagens de mussaendas, de várias cores, floriam muito. Tínhamos um jardim e um pomar que agradavam a todos.

As religiosas Irmãs da Providência de Gap frequentavam muito o espaço para meditação. Aquele mesmo que antigamente não era um espaço apropriado. Nesse período tínhamos muitos encontros e visitações na casa para estes fins de formação religiosa e de espiritualidade. E foi num desses encontros que tive a oportunidade de partilhar a minha experiência contemplativa de vida em oração.

Partilho com vocês, agora, a vivência da espiritualidade religiosa da Srtª Sueli. Ela trabalhava em Belo Horizonte, em casa de família católica. Eram duas irmãs com seus esposos que moravam juntos e viviam em vida de oração contemplativa. Eles tinham o privilégio de ter uma religiosa freira que os orientava. Como isso motivou a Srtª Sueli para também caminhar na vida em oração!

Tive oportunidade de, em alguns momentos, conversar com ela sobre oração, contemplação e espiritualidade. E pude perceber que a Srtª Sueli, de fato, levava uma vida de oração contemplativa. Com o tempo minha amiga estava envolvida pelo Divino Espírito Santo, Sua presença tinha invadido o seu ser, Ele que quando nos toca nos leva ao êxtase. O interessante é que eu também sentia

o mesmo. Foi algo inexplicável nos conceitos humanos; algo que somente por interpretação divina se pode chegar a entender. E foi a partir desses fatos que ela começou a sentir o despertar para a possibilidade de consagração na vida religiosa. Era a vocação despontando. A Srtª Sueli, de fato, veio a se tornar religiosa. Infelizmente, faz 18 anos que perdi o contato com ela.

No ano de 2000 voltei para Mendes, onde fiquei por um ano apenas. Continuei com o trabalho no pomar, nos jardins, e, claro, cultivando minha vida de orações. No final do ano, antes do retiro provincial, senti a presença do Espírito Santo novamente. Deveria ter conversado com o provincial sobre o assunto, deveria ter sido mais "Marta do que Maria", participando mais ativamente nas decisões sobre minha vida. Falo da vida interior. Esta ausência da conversa atrapalhou minha vida de oração. Fui, então, indicado para ir morar em Silvânia – GO. Foi aí que eu entendi que precisava buscar, ainda mais, momentos de oração em minha vida.

Cheguei a Uberaba em setembro de 2003. Tive algumas dificuldades com críticas antigas, passadas. Mas eu buscava não me prender a isso. Procurava concentrar minha atenção no cultivo da vida de contemplação, de interioridade, de oração... Tive várias caídas, mas me levantei delas muitas vezes. A fé nos ajuda a levantar sempre que caímos, e a oração nos faz seguir em frente, sem ficar remoendo as coisas passadas. E assim continuei meu caminho: pedindo perdão e perdoando a todos.

Até hoje estou em Uberaba, onde construí meu espaço contemplativo de oração e de trabalho. Cuido do pomar e dos jardins, também colaboro nas compras de frutas e legumes. Sinto-me útil e busco ajudar a todos que precisam. Vivo em comunidade, relaciono-me bem com os Irmãos, com os colaboradores da casa e do Colégio, e com membros do Movimento Champagnat da Família Marista. Enfim, vivo em vida contemplativa na oração e no trabalho com a terra.

"Minha vocação desperta e cresce em atmosfera de oração. Percebo o chamado e o relacionamento ao qual Deus me convida na oração, que é abertura, escuta e acolhida ativa de sua Palavra".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Calistemo, criativo e inovador

Ir. José Wagner Rodrigues da Cruz

Sou Ir. Wagner, conhecido assim. Chamo-me José Wagner Rodrigues da Cruz e nasci em 1974, em uma família na qual há pessoas de outros credos e religiões, em cujo núcleo sempre houve o respeito pela diversidade religiosa. Cresci em meio a essas diferenças, dialogando com essas pessoas. Minha família é muito católica, meus pais, por exemplo, sempre estiveram à frente de grandes momentos da Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda e da paróquia, em Resende - RJ, cidade em que nasci.

Sou o mais novo de quatro filhos. Com uma diferença de 9, 10 e 11 anos, sou o temporão. Meus irmãos também foram testemunhas da diversidade na qual cresci: uma irmã é católica, pertencente à Canção Nova, até hoje muito vinculada a esta comunidade; outra irmã é espírita; um irmão agnóstico; e eu, que segui meus pais. Aprendemos o respeito à diversidade dentro de casa, e todos sempre ressaltam isso quando questionados sobre esta temática.

Foi em Resende que aprendi com meus pais, desde criança, a olhar pelo bem-comum. Meus pais eram funcionários públicos e juntos coordenavam a Pastoral Familiar e o Encontro de Casais com Cristo. Minha mãe sempre se dedicou à assistência social, sobretudo dos menos favorecidos. Meu pai, por sua vez, sempre deu suporte à paróquia na área de gestão e na mobilização de recursos para construção das comunidades.

Lembro-me de que boa parte dos espaços comunitários onde prestávamos o culto e a fé eram também espaços de outras confissões cristãs: num horário funcionava uma Igreja evangélica e logo depois a Igreja Católica. Essa dinâmica contribuía para a construção dos salões das comunidades, sempre vinculados às associações de moradores. Não era tão evidente o desenho de paróquia tradicional, porque vivíamos a rede de comunidades, própria de outra concepção de Igreja.

Meus pais coordenaram, por muitos anos, o Conselho Pastoral da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, da qual eu participava, e o regional diocesano. Nesse ambiente, ainda na catequese dei meus primeiros passos de liderança, ao estudar os valores religiosos, bem próximos aos valores que mais tarde encontraria na educação marista. Nessa época, ajudava a catequista e logo

tivemos um diálogo sobre minha participação na Perseverança, o grupo de adolescentes preparatório para o grupo de jovens. Tinha quase 10 anos e, porque tudo sempre aconteceu precocemente em minha vida, queria participar logo desse grupo. Queria ir além da catequese, e a Perseverança era o caminho contínuo que eu vislumbrava. O padre fez um diálogo com os catequistas e me incluiu na Perseverança. Aos 12 anos já estava no grupo de jovens. Aos 14 anos, liderava o grupo, e com 15/16 anos conduzia o regional. Por volta dos 17 anos estava na coordenação diocesana.

Ainda bem jovem comecei uma trajetória na formação bíblica e em outras áreas, que seria longa e bonita, no contexto das comunidades eclesiais de base. Existia, por exemplo, uma formação na diocese, o Curso de Verão, e eu com 13 anos fui participar. O convite partiu de um padre e eu disse que não tinha dinheiro para pagar e nem sabia se meu pai e minha mãe pagariam. Ele me disse que já havia conversado com meus pais e eles, entusiasmados, iriam pagar. Foram quatro anos de estudo, numa sequência de aprofundamentos bíblicos, de cidadania, de formação integral, na linha da Pastoral da Juventude (PJ).

Foi na PJ que organizamos momentos bonitos e memoráveis. O ano de 1994, por exemplo, foi o que a "memória amou e ficou eterno". Naquela ocasião, organizamos a primeira Romaria Estadual da Juventude, na Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu. Tínhamos a expectativa de reunir 5 mil jovens. Nosso sonho cresceu e levamos 17 mil para o evento. Até hoje a preparação dessa Romaria mexe comigo, porque se tornou a síntese da minha trajetória com a Igreja de Volta Redonda.

Depois desse tempo memorável, ingressei na universidade. Concluí a graduação e ainda fiz uma especialização antes de entrar para o Instituto Marista. Durante a formação universitária, coordenava parte da catequese, participava de espaços como assessor da PJ e trabalhava numa escola pública, num bairro onde as Irmãs Salesianas também trabalhavam, chamado Cidade da Alegria. Eram tempos de muitas tarefas, e eu ainda aproveitava para trabalhar em uma ótica, para buscar minha autonomia financeira e ser independente dos recursos de minha família.

Essas experiências, de certo modo precoces, me possibilitaram ver o mundo e a família de modo diferente. Com isso, obtive um jeito e uma concepção de pensar escola, jovens e evangelização muito própria. Todas essas experiências me criaram oportunidades, pelas quais louvo e agradeço a Deus. Hoje, na

distância do tempo, olho, com gratidão, para a rede de amigos que fiz. Muitas Irmãs, Irmãos e Padres saíram de nossos grupos de jovens. Acredito que as experiências juvenis que vivenciamos foram divisores de águas em nossas vidas, pois determinaram o que somos hoje. A essência do que somos adveio da PJ, da experiência de militância eclesial e civil.

Ao escrever sou transportado, pela lembrança, a momentos passados que hoje dão sentido à minha vida como cristão, religioso e cidadão. Por exemplo, em 1988, houve uma greve na Companhia Siderúrgica Nacional/CSN, em Volta Redonda. O bispo Dom Waldyr Calheiros, que nos acompanhava pessoalmente, fez greve de fome e foi para o alto forno da Companhia em solidariedade aos operários grevistas. Durante o tempo que Dom Waldyr esteve em greve de fome e os operários ocupavam a empresa, nós ficamos em vigília na praça da cidade. Os militares vieram e atacaram a nossa manifestação pacífica e invadiram a CSN. Recordo-me da fumaça e de me esconder embaixo de um carro. Sobrou para todo mundo, e foi nesse momento que morreram William Fernandes Leite, Valmir Freitas Monteiro e Carlos Augusto Barroso, três catequistas próximos a nós, das comunidades eclesiais, que acabaram assassinados pelos militares. Lembro que cantávamos: "mas nem por isso nós vamos parar de lutar. Em memória de William, Barroso e Valmir a nossa luta vai continuar".

Passado algum tempo, Juarez Antunes, um dos líderes da greve de 1988, tornou-se prefeito de Volta Redonda. Com o apoio da prefeitura, foi construído um monumento, projetado por Oscar Niemeyer, em honra dos três trabalhadores – "Mártires de Volta Redonda" – mortos durante a greve, em frente ao escritório central da CSN. Fomos inaugurar o monumento, em uma Missa linda, às 11h da manhã. Mais tarde, por volta de meia-noite, os militares foram para a praça e explodiram o monumento. Na praça, hoje chamada Juarez Antunes, existiu um monumento vivo, que durou algumas horas. Contudo, depois da destruição, a simbologia ficou ainda mais forte. Até hoje há naquele local três trabalhadores que foram mortos duas vezes pelos militares: a primeira corporalmente e a segunda simbolicamente. Isso me tocou profundamente. Como era possível matarem três jovens catequistas, operários, apenas por defenderem a dignidade do homem? Precisava fazer alguma coisa da minha vida que contribuísse com a integridade e com os direitos dos jovens. Em meu coração, tinha a certeza de que amava a juventude e a educação, só não sabia ainda o que eu devia fazer para tornar isso um gesto concreto.

Ao meu redor, os mais próximos a mim me falavam: "vai ser padre da diocese, o povo gosta de você". Havia um padre que me acompanhava, Bernardo Hendrikus Thus, e ele afirmava: "você será um excelente sacerdote". Eu não gostava disso, pois achava que não daria conta de ficar vinculado à administração dos sacramentos, embora os amasse. E nesse contexto de influências que me cercavam, eu já conhecia os Irmãos Maristas, que trabalhavam na Baixada Fluminense. Admirava o trabalho e o compromisso deles. Naqueles tempos, eu queria que eles tivessem mais contato conosco, em Volta Redonda, já que eles estavam também em Mendes. Outro trabalho dos Irmãos que eu conhecia era o cuidado da juventude dos colégios. Mas eu achava que eles "privatizavam" a juventude, e eu não queria isso.

Ao mesmo tempo eu achava que a vida religiosa era para pessoas queridas, admiradas e muito harmonizadas. E pensava comigo: "Não sei se esse negócio vai dar certo para mim". Comecei, então, a partilhar um pouco desses questionamentos pessoais com as Irmãs Missionárias da Pastoral Diocesana, um instituto religioso fundado em Torreón, no México. Elas começaram a me acompanhar, e digo que foram "perigosas", porque desde o México já conheciam muitos Maristas, pois trabalhavam em parceria com os Irmãos de lá. Foram elas que começaram a me dizer: "você tem tudo de Marista. Achamos que o jeito Marista é um jeito interessante e você vai gostar". Eu apenas ria.

Certa vez, eu estava em Mendes, participando de um encontro chamado MARCA, para os artistas da evangelização, e a Ir. Candelária Lopes, que nos acompanhava, me chamou para irmos conversar com os Irmãos, pois pretendia organizar um retiro na casa para as Irmãs de sua comunidade. Quem nos atendeu foi o Ir. Hugo Dewes. No final da conversa a Ir. Candelária olhou para mim, e falou para o Irmão que eu era um excelente jovem na comunidade, e que seria um excelente Marista. Sugeriu, por fim, que pudéssemos conversar um pouco. Fiquei pensando: "Essa freira me usou para vir aqui sem eu, ao menos, ter certeza se quero viver essa experiência". Ir. Hugo ficou feliz e disse: "Ótimo! Vou buscar alguns materiais vocacionais e vamos fazer um acompanhamento". Ele trouxe muito material. Quando cheguei em minha casa, fiz uma fogueira e queimei quase tudo. Só sobraram dois livros, pois pensei que poderia ter neles algum trabalho praticamente pronto para a universidade. Aí eu li e vejam só onde estou!

Às vezes brinco que a minha vocação nasceu da mentira de uma freira. Não sei se ela vai para o céu, mas sinto que foi ungida para me dar a força de tomar a decisão que talvez eu sozinho não tivesse coragem de tomar. O Ir. Hugo, por sua vez, também foi determinante na minha vocação. Era gaúcho, de grande estatura, profundo conhecedor de botânica e zoologia. Esse homem conversava comigo quase que semanalmente. Trocávamos cartas e quando eu ia a Mendes ele me acompanhava e me catequizava.

Ir. Hugo evangelizava a partir das plantas e das flores que cultivava. Quando estava prestes a morrer, eu já sendo noviço, ele me deu uma muda de calistemo. Disse que era para que eu entendesse que aquela poderia ser a última visita. Na ocasião, ele falava da identidade de nossa amizade. "Essa muda que eu estou lhe dando, você plantará em Campinas. Um dia eu vou embora daqui, você sabe bem disso. E esse dia não está longe. Após minha partida, quando você voltar aqui, ainda vai se sentar embaixo desse calistemo em frente à nossa casa, e, à sombra dessa árvore, vai meditar para entender a minha chegada e a minha partida". E foi isso que aconteceu. Fui para Campinas e plantei a muda da árvore. Quando voltei a Mendes, fiz o que ele disse. O calistemo cresce, floresce, frutifica e morre e depois cresce de novo, floresce, frutifica e morre. Assim entendi a escatologia da vida.

Quando minha mãe morreu, o calistemo tornou-se ainda mais simbólico para mim. Através de seus ensinamentos, o Ir. Hugo me fez perceber melhor o processo da vida, representado no simbolismo daquela árvore. Ele me tornou mais humano naquele momento, quando me mostrou o sentido da vida. Dignificou e pedagogizou sua partida para que eu entendesse como seria esse processo em minha própria vida. Desde então, a partida de pessoas especiais de meu convívio tem adquirido mais sentido a partir do significado que o Ir. Hugo Dewes me fez enxergar em momentos assim.

Além das pessoas que já citei, vários sacerdotes e religiosas também me acompanharam na jornada de discernimento vocacional, e sou grato a todos eles. Por exemplo, o Pe. Paulo Hottz, teólogo, que muito contribuiu em minha formação bíblica; a Ir. Justina, religiosa Agostiniana; o Pe. Medoro, e tantos outros que se somavam conosco.

À época a Universidade Santa Úrsula aplicava um curso de teologia para leigos, na cúria diocesana de Volta Redonda, com vários módulos, e eu permaneci quatro anos neste curso. Foram tempos de grande crescimento. Com o apoio que a Santa Úrsula nos dava, podíamos contribuir mais e melhor nos trabalhos da Pastoral.

Os caminhos foram se alargando e tive oportunidade de realizar uma experiência de trabalho, ficando seis meses distante da Igreja. Sentia que precisava discernir o lugar e a importância da vida eclesial e da vocação em minha própria vida, e fazer isso junto é diferente de discernir sozinho. Precisava saber, sobretudo, se sentiria falta da Igreja. Pensava assim: "para que eu de fato a abrace, eu preciso ter um pouquinho mais de certeza". Ao término dessa experiência, que considero positiva, decidi fazer uma trajetória nova, que se estendeu por quase quatro anos de acompanhamento com os Irmãos Maristas. Estava no final da faculdade e os Irmãos me incentivaram a terminá-la. Ainda inventei uma pós-graduação para poder dar mais um tempo. Somente após esses passos é que entrei na Congregação.

Alguns diziam, brincando, que eu era uma vocação tardia, pois tinha quase 22 anos. Outros diziam que a experiência não daria certo, porque quem é da PJ é muito agitado e a vida religiosa era muito lenta. Também falavam que eu não conseguiria porque na PJ eu viajava demais. Diziam que eu teria dificuldade. Permiti-me viver a experiência e não senti nada disso se concretizar. Os conselhos e as opiniões dos demais ajudam, mas nem sempre são reais. Não me arrependo das decisões que tomei, porque elas me tornaram o que sou e somaram para minha vida no Instituto Marista.

Antes de ingressar na vida religiosa, eu vinha de uma experiência formativa arraigada na dimensão eclesial evangelizadora. Nos grupos de jovens produzíamos revistas periódicas, escrevendo artigos para trabalhar a formação dos grupos. Era dessas revistas que vinham os recursos para realizar o Dia Nacional da Juventude todos os anos. Vendíamos as revistas nas comunidades e grupos, com tiragem semanal, por R$ 1,99. O meu alicerce da vida vocacional estava nessas experiências eclesiais, na minha família e no compromisso social.

Vivíamos momentos de pressão política e social, não muito diferente do que vivemos hoje. Naquele contexto, traduzíamos toda a nossa indignação com música, arte, dança, celebrações e vigílias. Os protestos também estavam dentro desses momentos que vivenciávamos, ou seja, na Missa, numa homilia, na reflexão dentro de uma noite cultural e na música que compúnhamos.

Alguém de quem não posso esquecer de falar é da Ir. Clotilde, Salesiana, que nos acompanhava naquela época, com um jeito "matemático" de ser. Também preciso falar de Cecília Vaz Castilho, à época ainda freira, que também estava conosco. Recordo-me do dia seguinte ao que ela compôs o canto "Se calarem a voz dos Profetas". Sonhando junto com a gente, explicava essa música que

fez para celebrar o momento que viveu conosco. Nós nos encantávamos ouvindo-a cantar e tocar seu violão. Lembro-me, também, da Ir. Maria Auxiliadora e de tantas outras Salesianas, bem como das Missionárias de Jesus Crucificado, nomeadamente de Olívia e de Darci, que eram religiosas naquela época (Darci coordenava a Escola Bíblica).

As religiosas com as quais convivi eram mulheres aguerridas, que assumiam causas a partir do Evangelho, causas de vida. Não silenciavam e nem deixavam a ninguém invisível. A causa maior das Missionárias, por exemplo, era tirar da cruz os crucificados de ontem e de hoje. Aprendemos muito com essas religiosas. Íamos com elas para a Central Única dos Trabalhadores/CUT e para a Pastoral Operária. Nesse tempo também estava conosco um sociólogo chamado Normando, que juntamente com outros e outras ia compondo nossa formação. Durante mais ou menos 9 anos, fomos acompanhados por um conjunto de religiosos, num processo de educação na fé, bonito e significativo, do qual tive a graça de participar.

O horizonte de vida que eu tenho, a alegria de viver que eu preservo, a capacidade de transformar que eu cultivo, advém dessas experiências de formação. Os religiosos que fizeram parte de minha vida me ajudaram a ver o mundo de um modo diferente. Não posso esquecer da Ir. Terezinha Ambrosin, assessora responsável pelos nossos grupos naquela época, que sempre nos encantava. Chegávamos a ela com desafios, às vezes com grandes angústias, e saíamos das reuniões diocesanas, dos encontros e das formações libertados, voltando a sonhar. Os sonhos se faziam presentes naquele momento de minha decisão vocacional: o sonho de uma Igreja melhor, de uma sociedade melhor, de uma escola melhor, de um mundo melhor, de homens e mulheres melhores, e também de um Wagner melhor. A formação da PJ baseava-se no princípio de que somos gente para poder organizar o corpo da gente, a vida da gente, a história da gente.

Antes de meu ingresso na vida religiosa tive oportunidade de atuar nos campos da educação e da evangelização, de trabalhar em comunidades de periferia, de centro e também em áreas rurais. E foi com a experiência adquirida nessas situações que entrei na Congregação Marista. Estou convencido de que tudo o que vivi contribuiu para nutrir a minha vocação e alimentar a minha fé. Hoje vejo que caminhei pela vida como peregrino, sempre disposto a viver as mudanças que a vida me propôs. Tive que mudar muitas vezes para continuar sendo o mesmo e ir descobrindo no que inovar para ser um Irmão melhor, um gestor melhor, um evangelizador melhor, um amigo melhor, um filho e um irmão melhor.

Cresci com essas experiências, aprendendo com e em diversos lugares, como professor, assessor da PJ, diretor do Centro Marista de Juventude/CMJ, na Comissão de Juventude da Província, ou como vice-diretor, diretor de colégios... Estou há mais ou menos 12 anos na gestão e nesse período ajudei no nascimento da União Marista do Brasil/UMBRASIL, depois em seu acompanhamento como secretário-executivo ou como presidente dela. Fui conselheiro em minha Província e agora, pela segunda vez, estou na dinâmica do acompanhamento das mantenedoras (entidades civis que mantêm os colégios e demais obras maristas). Enfim, tudo mudou, as estruturas mudaram e eu também mudei, mas os princípios e a epistemologia da minha vida e da minha vocação são as mesmos.

O Wagner de outrora é o mesmo de agora! Vejo-me hoje como sempre fui: alegre, sonhador, crítico, intenso, verdadeiro, disposto a enfrentar, de forma corajosa, os desafios que a vida impõe. Ao mesmo tempo me reconheço como alguém ainda frágil e sensível, que também sofre, que também ama, que quer o melhor e ser melhor, mas nem sempre sabe como fazer para alcançar o que deseja. Preciso, como antes, continuar contando com a ajuda dos amigos, dos familiares, dos Irmãos. Devo dizer que toda essa dinâmica me encanta tanto que, às vezes, fico olhando a pensar: "Meu Deus, que coisa boa!". Porém, também sou alguém que não se estabiliza e nem se cristaliza. Acredito que nossa vida tem que ter dinamismo, tem que ter diversidade. Gosto de me questionar sobre a forma com que tenho abraçado as causas que mais me importam na vida, causas que são hoje as mesmas de ontem: acreditar cada vez mais nos jovens e tentar, com eles, conseguir mais espaço para sua atuação.

Esse é o meu jeito de ser Irmão, caracterizado pela maneira como fui jovem décadas atrás. O amor pelo Evangelho, pelo diálogo inter-religioso, pelas religiões, pela nossa religião, tudo reverbera nas exigências quanto ao modo com que devo me colocar no mundo. É claro, sei que eu sou uma pessoa intensa e exigente, porque o Evangelho é intenso e exigente. Isso tudo contribui para se ter métrica, para balizar a avaliação do projeto de vida. Acredito que no dia em que eu deixar de ser exigente, deixarei também de ser Wagner, e no dia em que eu deixar de querer que o outro seja escutado também vou deixar de ser Wagner. Não posso ver a exclusão juvenil e achar natural, porque na formação da minha identidade aprendi a incluir o jovem e não a excluí-lo.

Outro desafio que temos e precisamos equilibrar é, a meu ver, a necessidade de manutenção institucional que as organizações têm, sejam elas religiosas, como o nosso Instituto, ou de outra natureza. É uma necessidade legítima. Contudo, acredito que antes de mais nada precisamos pensar nos jovens com os quais queremos somar, os quais queremos que se juntem a nós. Para isso é preciso saber cuidar, compreender, valorizar. É um processo que exige de nós que sejamos cuidadosos, porque a manutenção institucional vem em consequência disso. Eu vislumbro a dimensão vocacional da Província dentro desse processo de cuidado com a instituição e com os jovens. Fico, de fato, encantado ao ver como os nucleadores conduzem os processos junto à moçada de nossos núcleos de animação vocacional.

Mas também acredito que ainda precisamos ousar mais no campo vocacional. Temos que desafiar-nos a compreender quais são as motivações que estão no coração de um jovem que quer dividir sua vida conosco e, de fato, nos dispor a dividir nossa vida com ele. É fantástico ver que muitos deles, tendo várias outras oportunidades de realização na vida, escolhem ser Irmãos Maristas. Nós precisamos oferecer aos jovens que nos buscam uma proposta de vida desafiante, consistente, encantadora... Quando defini minha vocação, teve um porquê muito forte e uma resposta lúcida.

A mão de Deus vai construindo o caminho da gente por meio de diversos atores que passam por nossas vidas. No meu caso, pude contar com muitas pessoas, especialmente com religiosos e religiosas. Por exemplo, a Ir. Candelária e tantas outras Irmãs Missionárias da Pastoral Diocesana, mexicanas. O jeito delas de organizar a vida, tendo grandes diferenças geracionais na comunidade, era significativo para mim. A maneira como as Irmãs Salesianas se organizavam em comunidade e atuavam junto aos jovens, também se tornava significativa para mim. Coisa igual posso dizer das Irmãs de Jesus Crucificado. A forma como os padres e também os Irmãos Maristas da Baixada Fluminense nos acompanhavam era uma referência. Eu pensava: “Quero ser assim, eu acho que vou ser assim”.

No processo de discernimento, conversei com minha mãe e ela me recomendou cuidado. E me deu uma interessante sugestão: “Vai ver como estão os Irmãos idosos, para você saber se essa Congregação é boa mesmo”. Como já estava familiarizado com a comunidade de Mendes, resolvi ficar quatro dias lá e verificar o conselho de minha mãe. Durante esses dias, um Irmão idoso teve um problema emocional e falou para o Ir. Hugo: “Eu preciso ir para casa”.

Eu estava junto neste momento e fiquei espantado. Ir. Hugo, muito paciente, consentiu e disse que o levaria para casa. Pegou o carro, colocou o Irmão e saímos. Circulamos por Mendes ouvindo as orientações desse Irmão idoso. Após um tempo, voltamos para o mesmo lugar do qual saímos. Ir. Hugo, ao abrir as portas do carro, falou sorridente: "bem-vindo a sua casa! Este é o lugar que lhe incomodava por não saber onde estava e o lugar que o senhor queria encontrar". Deu um abraço nele e era visível a alegria do Irmão de ter chegado à sua casa. Quando voltei para minha cidade, contei esta situação a minha mãe e meu irmão, e choramos. Minha mãe disse: "Se eles cuidam dos idosos dessa maneira, realmente é um bom lugar para você aplicar sua vida, Wagner. Fico triste porque você ficará longe de mim. Mas se for a vontade de Deus, você fará essa experiência". E foi nesse momento que ela abençoou minha vocação.

Vivemos muitas coisas na vida e se olharmos para a história de cada um, percebemos que tudo que aconteceu teve um propósito maior. A vida é mistério, é dádiva. Precisamos viver tudo com muita responsabilidade, dignidade e esperança. Penso que também com muita leveza, mas sei que nem sempre dá para fazer assim.

O Instituto Marista, do qual me orgulho de fazer parte, existe para também dar dignidade às crianças e aos jovens. Sinto que nossa vocação é para algo grande, para uma missão que só se cumprirá se formos capazes de pensar além, de incluir mais, de amar mais, de sermos mais capazes de fazer o bem na vida de todo mundo. Sou muito feliz e agradecido por tudo o que tenho vivido e recebido em todos os momentos de minha vida. A gratidão é o pão que tem me alimentado e que tento retribuir na fraternidade com os Irmãos. Estou feliz até aqui e, ao mesmo tempo, sinto que ainda falta algo, quero mais. Espero mais do mundo, da vida, dos jovens, da instituição, de mim mesmo.

São Marcelino Champagnat não piscou para mim, não tive nenhum sonho no qual ele me chamava. Minha história comunga com a história Marista, é fato, e devo dizer que já tentei diferenciar uma coisa da outra, mas não foi mais possível. Vivo isso há 20 anos e não me arrependo do sim que dei já há tanto tempo. Se fosse para começar novamente eu não faria igual, porque a gente é criativo e inovador e pode fazer diferente a cada nova etapa da vida. Porém, recomeçaria apostando tudo, outra vez, na mesma causa, na mesma vocação e no mesmo propósito de vida.

"O trabalho pastoral das vocações
repousa sobre este princípio: pôr em jogo uma
mediação oportuna e autêntica no momento adequado".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

É Deus quem me escreve

Ir. Julianderson André Ramos da Silva

Eu me chamo Julianderson André Ramos da Silva. Nasci em Aliança, uma pequena cidade do interior de Pernambuco, aos 03 de julho de 1990. Sou filho único de Jurandir Gomes Leôncio da Silva, motorista de ônibus, e Andréa Carla Ramos, agente comunitária de saúde. Aos meus 15 anos, ambos se separaram e passei a morar apenas com minha mãe. Como adolescente sofri muito com a separação dos meus pais, mas o tempo me fez entender e me ensinou a respeitar tal momento. Aprendi com minha mãe que eu deveria continuar respeitando meu pai, mesmo meu coração dizendo o contrário. Ouvi várias vezes ela me dizer: "Juli, ele é seu pai, ligue e tome a bênção". Escutar isso de uma "mulher separada", me encheu de forças para continuar minha vida e me fez entender que as experiências das pessoas são diversas, e que cada uma lida de modo próprio com cada situação de vida. Hoje a relação deles é saudável, e isso me alegra muito. Os dois são minhas maiores referências, pois, através deles me foi transmitida a educação e os ensinamentos da fé cristã.

Desde criança tive uma segunda casa, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, situada no centro da cidade. Foi lá que recebi os sacramentos da iniciação cristã: batismo, eucaristia e crisma. Na paróquia, que era para mim um espaço de realização pessoal e pastoral, gastei um bom tempo da minha vida. Fui acólito, integrante da CJC - Comunidade de Jovens Cristãos (Salesianos), nos segmentos mirim e juvenil, posteriormente coordenador da CJC Mirim, catequista, coordenador de ramo da Pastoral da Criança, coordenador do grupo de jovens e integrante da comissão diocesana de juventudes. Foram anos de trabalhos desenvolvidos com muito amor e lágrimas, afinal, os desafios também surgiram no caminho, mas nunca desisti.

Por ter um engajamento efetivo na paróquia, fui instigado a cursar Teologia no Centro de Estudos Teológicos da diocese, por oito períodos, na cidade do Carpina - PE, onde concluí o mesmo. Todo esse ardor pastoral, devo ao incentivo de uma grande amiga e catequista, Sônia Jerônimo Barbosa, conhecida por todos da cidade como "tia Sônia". Seu amor pela Igreja e seu carinho pela catequese eram contagiantes. Seu dinamismo pastoral me

cativou desde a infância. Tive a graça de conviver e trabalhar diretamente com essa grande leiga. Tia Sônia, muito obrigado! No período de 2010 a 2017, tivemos a alegria de ter como pároco o Pe. José Edson Alexandre Ferreira, que se tornou meu amigo. Padre Edson nos ajudou bastante enquanto grupo de jovens, nos animando na caminhada e na missão. Foi um tempo marcado por apoio e acompanhamento contínuos da parte dele.

Era na Igreja que se encontrava meu núcleo de amigos, o mesmo grupo para tudo: pastoral, faculdade, viagens, festas e encontros. O que mais gostávamos de fazer era jogar conversa fora até tarde da noite em frente à Igreja, na "praça da santa". Hábito gostoso de cidade do interior.

Sempre sonhei em ser professor, e nunca tive dúvidas quanto à minha profissão. Desde menino brincava de "escolinha" na rua da minha casa com meus amigos. Éramos fieis à brincadeira, afinal, se tratava de uma "escola". No período educacional tive uma boa educação, realizada em escola pública. Vários mestres passaram pela minha vida desde o primário até o ginásio, sendo autênticos profissionais nos quais tenho podido me espelhar ontem e hoje. Desde o início do meu Magistério (curso profissionalizante), eu já substituía e tirava licença de muitos professores conhecidos. Por viver numa cidade pequena, essa era prática comum. Eu os substituía com muita alegria, treinando para a futura execução do meu sonho. Lecionei muito jovem por vários anos em minha cidade e numa cidade vizinha chamada Timbaúba. Dei aulas nas redes de educação municipal, estadual e privada. Desejando ter uma experiência com o fundamental II e ensino médio, fiz licenciatura em Letras pela FFPG (Faculdade de Formação de Professores de Goiana). Foram quatro anos dando aulas pela manhã e pela tarde, e à noite estudando.

Os Irmãos Maristas entraram na minha história sem que eu mesmo os conhecesse. Por não haver presença Marista em Aliança, eu nunca havia ouvido falar deles. Em nossa paróquia era muito comum recebermos, todo início de ano, aos finais de semana, os seminaristas diocesanos para sua "prática pastoral", uma espécie de estágio no qual ajudavam na dinâmica da matriz. No ano de 2009, tivemos a alegria de receber o então diácono Marisaldo Barbosa (ex-Irmão Marista), que se preparava para sua ordenação presbiteral. Uma das missões do diácono Marisaldo era ser o diretor espiritual do nosso grupo de jovens (JUC – Jovens Unidos com Cristo), do qual eu era coordenador. Certo dia, na casa paroquial, ele me perguntou: "Jovem, você já ouviu falar em São Marcelino Champagnat e nos Irmãos Maristas?". Respondi

que não. Ele me pediu, então, que o aguardasse um instante enquanto ia a seu quarto. Regressando me presenteou com uma agenda Marista, pedindo para eu ler os textos e observar as ilustrações. Disse-me que na outra semana tiraria minhas possíveis dúvidas. Chegando o final de semana seguinte, ele perguntou se eu havia lido a agenda, e eu lhe respondi que não, por conta do trabalho nas escolas e da faculdade. Ele olhou para mim, sorriu, e disse que não haveria problemas.

Mas ele não desanimou, não desistiu de mim. Aproveitou a ocasião para me fazer um convite: participar de um encontro de animação vocacional marista na casa de Itamaracá – PE. Falei que não poderia ir por conta dos meus alunos. Ele disse que eu não me preocupasse, pois daria um jeito. E deu mesmo. Fui com a cara e a coragem participar do encontro, chamado Microrregional. Fiquei um pouco perdido no meio dos jovens por eles já serem alunos Maristas e conhecedores da espiritualidade da Congregação. Foi um final de semana. No primeiro dia de encontro me foi apresentado um "padre educador", amante das crianças e jovens, a quem levava o amor de Jesus e de Maria por meio da educação e da catequese. Eu me apaixonei! Lembro-me de na primeira noite na casa ter me dado conta, na hora de dormir, que havia uma imagem de São Marcelino Champagnat, de braços abertos, em meu quarto, bem de frente à minha cama. Foi olhando para aquela imagem e fazendo uma recordação da vida que me senti chamado a ser um Irmão Marista. O Educador Champagnat me convidava para sua família de braços e coração abertos. Os campos de atuação do Pe. Champagnat, em La Valla, eram os meus em Aliança, a educação e a catequese. Pensei comigo: quero ser como esse padre francês! É o que sei fazer!

Naquele mesmo encontro o Irmão José Getúlio conversou bastante comigo, me apresentando o Instituto e a vida dos Irmãos. Tenho, a partir de então, uma grande estima pelo "Gegê", um carinho imenso. Desde aquele encontro Microrregional até hoje, ele tem se mostrado muito atencioso comigo. Irmão Getúlio é um exemplo de vida e um testemunho de santidade para mim. Sempre me escreveu cartas, enviou livros e me liga, fielmente, em minha celebração natalícia. Consigo enxergar Champagnat nele. Concluindo o encontro, fui convidado a ser acompanhado vocacionalmente em Surubim-PE, por Taciano Arruda, leigo marista, responsável pelo núcleo vocacional local. Foram dois anos de acompanhamento, convivendo com a comunidade dos Irmãos e com a comunidade educativa. Em 2012, participei do REMOV (Retiro Marista de Opção de Vida), em Maranguape – CE, oficializando meu desejo de ingressar no Instituto e ser Irmão Marista.

Em fevereiro de 2013, ingressei na Casa de Formação, na etapa do Pré-Postulantado, em Vila Velha – ES; no ano seguinte, fiz o Postulado em Fortaleza – CE; e em 2015 e 2016, o Noviciado, em Florianópolis – SC. No primeiro semestre de 2016, realizei o estágio apostólico em Itapejara d'Oeste – PR. A Profissão dos Votos Religiosos se deu em 08 de janeiro de 2017 (Festa da Epifania do Senhor), em Mendes – RJ, por ocasião da celebração do bicentenário de fundação do Instituto Marista. Hoje sou um jovem Irmão, estudante de Teologia, residindo no Juniorato Champagnat, em Belo Horizonte – MG. Durante esse período formativo, passaram muitas pessoas por minha vida. Cada uma marcou meu itinerário vocacional de uma forma específica e especial, por isso agradeço a cada uma delas, sobretudo aos meus familiares, aos Irmãos, leigos/as, amigos/as, que tanto me ajudaram a construir e solidificar minha vocação.

"Irmão Consagrado, um novo começo" foi o lema escolhido para minha primeira profissão, que cantei muitas vezes em forma de mantra. Com essas palavras eu assumi o compromisso da consagração a serviço das crianças e jovens, em especial aos mais necessitados, concretizando o sonho do nosso Pai Fundador, buscando ser sal e luz nesse novo começo da história Marista, que conta já 200 anos.

Escrever a história de vida e vocacional é uma oportunidade ímpar de fazer uma síntese das lindas experiências vividas e sentidas durante o itinerário formativo. Deus sempre esteve presente em todas as linhas do meu caderno de vida, escrevendo comigo cada traço e me dando oportunidade de passar a borracha nos erros e recomeçar outra vez sempre que necessário. Ele, o Senhor, jamais se ausentou de mim, jamais se descuidou de seu "lugar sagrado em minha própria história" (Teografia). E eu, maravilhado por tão grande amor, sigo cantando sua misericórdia que é eterna, revigorante, motivadora. Tem sido assim em minha vida!

Que Maria, a Boa Mãe das Vocações, e São Marcelino Champagnat me ajudem a continuar trilhando os caminhos da civilização do amor exalando o axé do seu Filho Jesus. Assim seja!

"Sou apenas um lápis nas mãos de Deus, é Ele quem me escreve"
(Madre Teresa de Calcutá).

"Seja qual for o escolhido – mesmo o mais humilde do povo –, Samuel, David, Jeremias, é sempre o Senhor quem toma a iniciativa. Deus é que faz o apelo; é Ele quem dá a vocação. Jesus o sublinhou bem: "Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Consagrado a Deus, por inteiro, no amor

Ir. Leonardo de Faria Stoch

Como é bom olhar para a minha história e reconhecer nela a presença de Deus e o seu grande amor por mim! Não há como falar da minha caminhada vocacional sem reconhecer a importância do solo onde nasci e, sobretudo, dos meus pais, que me ensinaram a dar os meus primeiros passos na vida.

Nasci numa pequena cidade de Minas Gerais, chamada Espera Feliz, hoje com pouco mais de vinte mil habitantes. O início da minha vida aconteceu um pouco mais distante, num povoado, zona rural da cidade, chamado São Sebastião da Barra. Um vilarejo simples, com poucas casas, onde todos se conheciam. Lugar tranquilo, longe da agitação e do caos das grandes cidades, onde o trabalho principal são a plantações de café e a criação de gado. Meus pais sempre foram grandes lideranças comunitárias, muito engajados na luta pelos direitos do povo sofrido do lugar. Lembro-me deles participando de ações eclesiais em diversas frentes de missão pela cidade, pois desde pequeno eu os acompanhava.

Hoje percebo como o trabalho que meus pais realizavam influenciou, de modo fundamental, as escolhas que fiz em minha vida: eles sempre cuidaram de muitas pessoas. O Sr. Jorge Lúcio e a Sra. Izabel Alice tinham uma vida bem simples, mas nunca deixaram faltar o essencial em casa, bem como nunca negaram ajuda a quem precisava. Foi nesse ambiente que eu nasci, um lar cheio de amor e afeto, filho de duas famílias tradicionais da região, no dia 22 de novembro de 1994.

Certa vez, minha mãe, grávida de mim, teve uma conversa com o pároco da nossa cidade às vésperas de uma missa. Olhando para a barriga dela, o padre disse que o sonho de todas as mães quando estão grávidas é sempre que seus filhos sejam bem-sucedidos, normalmente como grandes advogados, médicos e engenheiros, mas nunca como religiosos. Ouvindo isso, ela lhe respondeu: "Eu quero a felicidade do meu filho, e se ele escolher ser um religioso, será uma grande alegria em minha vida!". E então o padre abençoou a barriga da minha mãe. Esse fato eu só vim a descobrir depois dos meus primeiros votos religiosos.

Durante a minha infância tive e fiz o que toda criança deveria ter e fazer: tive o carinho e amor das pessoas que me rodeavam, fiz amizades e também muita bagunça, coisas naturais de uma criança que, aos poucos, vai descobrindo o mundo. Contudo, como um diferencial em minha vida, destaco o interesse pelos estudos. De fato, desde pequeno, fui muito incentivado pelos meus pais e irmãos a estudar. Igualmente fui motivado por eles a amar a Igreja e a crescer na vida cristã, razão pela qual, desde cedo, comecei a me envolver e inserir na comunidade eclesial. Cresci trabalhando nas comunidades Eclesiais de Base, cujo símbolo – o anel de tucum – carrego há anos em minha mão esquerda, como sinal de um compromisso assumido para toda a vida.

Os caminhos de Deus me levaram, ainda pequeno, do povoado em que morava, em Minas Gerais, para uma grande cidade no Espírito Santo: Vila Velha. Meus pais deixaram tudo para trás em busca de um futuro melhor para mim e para meus irmãos. Ainda em nossos primeiros dias na nova cidade, minha mãe e eu fomos à procura de uma comunidade eclesial da qual pudéssemos fazer parte. Fomos acolhidos na comunidade Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro de Ponta da Fruta. Nela perseverei e dela recebi a ajuda de que precisei para crescer e amadurecer na fé cristã. Também foi nessa comunidade que senti despertar em mim o desejo de seguir a Deus, de dar passos rumo à realização de seu chamado, que já sentia arder em meu peito. A comunidade me fez sentir que era chamado a fazer, de alguma forma, a diferença na vida das pessoas. Na comunidade eu descobri que poderia fazer da doação radical à missão de Jesus o meu projeto pessoal de vida.

Foi aos treze anos de idade que senti o despertar vocacional. Decidi, então, a convite de um primo meu, participar dos encontros vocacionais da Congregação dos Sacramentinos de Nossa Senhora. Ele sempre me dizia: "Vem, Leonardo, vem ser padre comigo! Morar na Amazônia e cuidar das comunidades ribeirinhas!". Essa frase, que ele sempre repetia, me deixava empolgadíssimo! Enquanto participava desses encontros vocacionais, fui convidado a ser coroinha em minha paróquia. Aceitei o convite. O grupo de adolescentes era, naquela ocasião, acompanhado por um Marista, o Irmão Renato Augusto. Nesse mesmo ano, fui escolhido como coordenador paroquial dos coroinhas. Eles eram muitos! O Irmão Renato logo se tornou meu socorro frequente na hora das dificuldades. Todas as noites eu o chamava no MSN (uma antiga rede de comunicação virtual) para tirar dúvidas e pedir orientações. E foi numa dessas noites que ele me surpreendeu com uma

pergunta: "Léo, você já pensou em ser Irmão Marista?" Logo respondi que não, pois nem sequer sabia o que era. Contudo, essa pergunta fez despertar em mim tantas outras. Cada dia que passava eu ficava mais curioso em descobrir o que significava ser Irmão e o bombardeava de perguntas.

Diante de tantas perguntas, o Irmão Renato me chamou um dia para conhecer a casa dos Irmãos e almoçar com eles. Aceitei o convite. Fui lá numa manhã de domingo, após a missa. Confesso que fiquei preocupado, e não só por causa de minha timidez. Eu pensava, assim como outras pessoas, que não conhecem de perto a realidade da vida religiosa, que aquela era uma casa de pessoas muito sérias, vivendo num ambiente sério, sem muito espaço para a alegria e a descontração. Contudo, quando lá cheguei, tomei um susto! Para minha surpresa encontrei uma comunidade extremamente jovem, uma casa de formação. Lá viviam rapazes de diferentes proveniências, contando alguns poucos anos de idade a mais que eu, todos com um mesmo objetivo: estavam ali porque queriam ser Irmãos Maristas!

Ao vê-los cozinhando juntos, na maior alegria, fiquei mais encantado ainda. Ver jovens cozinhando não era algo comum para mim. Tudo era novidade naquele meio ainda desconhecido. Um deles, então, começou a brincar comigo e a ensaiar uns "passinhos de funk". Perguntou se eu sabia fazer também. Outro começou a tocar violão, enquanto alguns cozinhavam e preparavam a mesa. O que mais me encantou, contudo, foi vê-los, na hora do almoço, reunidos ao redor da mesa, felizes e conversando: eram uma família! A alegria e a vivacidade daquela jovem comunidade fizeram brotar em mim o desejo de também ser marista.

Numa de nossas conversas, o Irmão Renato me convidou para um encontro vocacional Marista em Belo Horizonte. Mal sabia eu que a data coincidia com a do encontro vocacional dos Sacramentinos, e minha mãe preferiu omitir essa informação a fim de que eu participasse do encontro Marista. A decisão dela marcou a minha vida e, a partir desse encontro, pude me apaixonar ainda mais pela vida e missão maristas. Percebo, hoje, que a escolha de minha mãe, embora realizada sem consultar-me, foi reflexo de seu amor por mim e manifestação do desejo Deus para minha vida. O que uma mãe não faz amor!

Voltei do encontro, de fato, muito motivado a conhecer mais os Maristas de Champagnat. E ao me aproximar mais dos Irmãos, descobri que Marista era muito mais do que simplesmente uma escola rica no centro da cidade.

Descobri que era, na verdade, uma identidade que se revelava numa presença transformadora no meio das crianças e jovens. Era assim que os Irmãos atuavam na periferia de Vila Velha: dando oportunidade de crescimento humano, espiritual e intelectual às crianças e aos jovens pobres que, do contrário, não teriam sequer condições de sonhar. Sem falar dos coroinhas da paróquia, que eram apaixonados pelo trabalho que o Irmão realizava com eles. Lembro-me de que ficavam ansiosos para que chegasse o dia do novo encontro de formação. A alegria e o carinho com que ele nos tratava, marcaram as nossas vidas de um modo muito especial. Aproximei-me tanto dos Irmãos que a comunidade marista já era para mim uma segunda casa.

Foi no convívio com os Irmãos que conheci, na prática, alguns dos mais caros valores maristas, como, por exemplo, a alegria da vida em fraternidade, o tempo generosamente gasto no convívio ao redor da mesa, o amor às crianças e jovens, a centralidade da oração, e, sobretudo, o espírito de família que dá sentido a tudo o que os Irmãos vivem e fazem. Em se tratando de valores maristas, pelo menos para mim, a teoria e os livros vieram depois.

Sinto que foi a experiência prática dos valores maristas que revirou meu coração de vez, pois fez eco àqueles valores herdados de meus pais. Ao descobrir-me identificado com o espírito marista, senti-me também motivado a dar uma resposta concreta ao chamado de Deus. Tomei, então, uma das maiores e mais significativas decisões de minha vida: tornar-me um Irmão Marista de Champagnat, a fim de ser para as crianças e os jovens o que os Irmãos foram para as comunidades da Terra Vermelha e, sobretudo, para mim.

Os anos se passaram rápido desde que senti o despertar vocacional. O caminho percorrido me levou a dar uma resposta concreta a Deus: "Consagrar-me a Ele no amor". Tornei-me Irmão Marista em novembro de 2015, quando fiz os meus primeiros votos religiosos. Como símbolo de minha consagração, carrego em minha mão esquerda um aliança. Ela recorda-me, todos os dias, quem sou e qual é o meu compromisso como marista. Minha aliança tem fios de tucum, que me conectam com a história de luta dos meus pais, uma história que assumi como minha.

O que mais me encanta nisso tudo é saber que o que eu vivi até agora é apenas a primeira página de uma história que está sendo escrita pelo próprio Deus...

"Sempre – desde Isaías a Paulo,
de Maria de Nazaré aos pescadores do lago – o chamado do
Senhor é pessoal e individual. Nos chama "pelo nome".
Convida-nos a cada um, de modo íntimo a conhecer
o Senhor e a entrar em relação com Ele".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Educação a serviço da vida

Ir. Lúcio Gomes Dantas

Nasci em Currais Novos – RN, no dia 23 de novembro de 1966. Filho de Alcides Celestino Dantas e Isaura Gomes Cortez Dantas. Tenho três irmãos: José Alcides, Francisco e Tércio; cinco sobrinhos e três sobrinhos-netos.

Vocacionalmente, lembro-me da casa de meus avós maternos, no sítio Liberdade, ainda criança, no período de férias ou em algum feriado, quando corria para lá. Ficaram em minha memória os momentos que nos encontrávamos, como família, todos os dias, por volta das 18h, sentados ao redor de um antigo oratório, rezando a Nossa Senhora, meditando sobre os mistérios de nosso Senhor. Rotina inserida nos afazeres do sítio logo após a ceia da tardezinha. E, às quartas-feiras, à noite, os círculos bíblicos pregados pelo meu avô. Foi nesse ambiente de intensa religiosidade popular que eu me moldei à natureza da fé cristã. Tenho a certeza de que a fundamentação de minha vocação se iniciou ali, na zona rural, diante de homens e mulheres de muita fé.

Presença evidente no meu lar, esses avós e a minha mãe tiveram papel importante e intransferível na minha formação espiritual, por demonstrar virtudes louváveis como a bondade e a generosidade. Essas são marcas que não se apagam com o tempo. Pelo contrário, tendem a se aperfeiçoar.

Quanto ao processo de escolarização, fui alfabetizado em casa, antes de entrar na escola, pela minha mãe. Meu amor pela educação vem, particularmente, de uma tia professora no sítio, Lourdinha, que dava aulas no grupo escolar, baseada no Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), programa de alfabetização de jovens e adultos, criado em 1967, durante o regime militar. Essa minha tia ministrava aulas no turno vespertino às crianças e, à noite, aos agricultores. Enquanto estava no sítio, sempre que tinha oportunidade, acompanhava essa tia.

Estudei a educação básica em escolas públicas, inicialmente na Escola de Nossa Senhora, jardim de infância e 1º grau (Ensino Fundamental). Depois no Colégio Comercial, 2º grau (Ensino Médio), modalidade de ensino profissionalizante, auxiliar em administração. Também nesse período de

adolescência, tornei-me atleta de Atletismo e em algumas ocasiões fiz parte da seleção norte-rio-grandense de atletismo; detive recorde em alguma distância. Atividade que me aprimorou a disciplina e o espírito competitivo. Até hoje, faço exercícios físicos.

Nessa mesma época, iniciei minha vida pastoral na Igreja aos 16 anos de idade, trabalhando com grupos de crismandos e grupos de jovens. Para ajudar na labuta da família, dava aulas particulares de reforço escolar, em minha casa, a diversos alunos de séries iniciais.

Com o desejo de alçar outros voos, depois do término do Ensino Médio, e pela inexistência de perspectiva de empregos e de uma continuidade em prosseguir nos estudos, decidi aos 18 anos, servir à Força Aérea Brasileira (FAB), na cidade de Natal. Contudo, sabia que não era esse tipo de profissionalização que eu queria para mim; embora tenha absorvido em meu caráter valores como respeito, organização e disciplina. Durante minha estada na FAB, e de me deparar com questões existenciais da vida, aspectos políticos e a busca por uma formação profissionalizante que levasse em conta o magistério, é que me licenciei em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O que me colocou de imediato na docência em colégios particulares, atuando como professor de Filosofia para crianças na Educação Infantil. No Ensino Fundamental, lecionei as disciplinas de História e Filosofia para Crianças. E no Ensino Médio, Filosofia, História e Ensino Religioso.

Ao fazer parte do grupo docente de um colégio religioso de Irmãs, senti o desejo de me dedicar integralmente à educação evangelizadora, para dar um sentido maior em minha vida. Esse foi, para mim, o "gatilho" para conhecer uma instituição religiosa que atuasse em colégios. Dessa forma, tomei a decisão de procurar esse tipo de instituição que atuasse com crianças e jovens, dentro do carisma educacional.

Com isso, em dezembro de 1996, procurei os Irmãos Maristas em Natal. Fui acolhido pelo Irmão Antônio Aguiar, homem alegre e, verdadeiramente, discípulo de Marcelino Champagnat. Deixou as "portas abertas" para que eu conhecesse o carisma dos Maristas. No ano seguinte, fui acompanhado vocacionalmente pelos Irmãos Inácio Dantas, diretor do Colégio Marista de Natal, e Pedro Jadir, nucleador vocacional regional. Foi um ano de vivências, com muito discernimento, o que me foi proporcionado, em alguns finais de semanas, no convívio com a comunidade religiosa dali. Importante nessa tempo, as figuras também do ex-Irmão, Marisaldo Barbosa, à época

coordenador provincial da Pastoral Vocacional, e a do Ir. Luizinho Wollmann, o qual me acompanhou no Retiro Marista de Opção de Vida (Remov), em Lagoa Seca – PB, quando fiz a opção de me tornar um Irmão Marista.

Em janeiro de 1998, aos 31 anos de idade, entrei como aspirante à vida religiosa Marista, no Colégio Marista Cearense, em Fortaleza, sob os cuidados do Ir. Kerginaldo Correia, homem generoso e de um coração sem fronteiras. Como apostolado, continuei na qualidade de professor de História dos 1º anos do Ensino Médio e de História da Igreja, no Pré-postulado em Mondubim. No meio do ano, fui nomeado postulante marista, ainda sob a orientação do Ir. Kerginaldo, no mesmo colégio, até à mudança para o noviciado, em 1999.

Com efeito, a partir daí, realizei minhas etapas de formação inicial, além de Fortaleza, em Lagoa Seca – PB, Nísia Floresta – RN, e em Belo Horizonte – MG. Durante o noviciado, cursei "Pastoral da Juventude" e "Atualização Catequética" no Instituto Pio XI, em São Paulo. Posteriormente, realizei cursos de Patrimônio Espiritual Marista em Guadalajara, México e em Porto Alegre – RS. À medida que o tempo passava, e eu aprofundava meus conhecimentos sobre São Marcelino Champagnat, mais me encantava com a sua vida, bem como a vida dos primeiros Irmãos. Em especial o espírito de família e o amor à Maria.

Desempenhei funções nos colégios maristas como professor do Ensino Médio, coordenador de segmento educacional, vice-diretor educacional e diretor. Estive em missão apostólica nos Colégios Maristas Cearense (Fortaleza), em Maceió – AL, no Conceição (Recife), em Natal – RN, em Aracati – CE e em Salvador – BA (Nossa Senhora da Vitória). Neste ano de 2017, retornei a Salvador como diretor do Colégio Marista de Patamares.

Retomei minha formação acadêmica, interrompida com a graduação, quando exerci o cargo de auxiliar de coordenação pedagógica no Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição, no Recife. Procurei me especializar em Administração e Planejamento Escolar, uma vez que o provincial da época já sinalizava que eu, no futuro próximo, assumiria o cargo de gestão educacional. Para isso, realizei estudos sobre ética e formação docente.

Inserido em outro contexto educacional de pobreza, no Colégio Marista de Aracati, investiguei a liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã na perspectiva do docente, como fonte de potencialização do estudante economicamente pobre. Assim, encontrei no Mestrado em Psicologia, em Fortaleza, o referencial do que eu precisava.

Seguindo a intuição e a oportunidade de me capacitar cada vez mais para servir melhor à missão do Instituto Marista e, por conseguinte, à Igreja, é que quis focar a minha reflexão em um doutoramento, examinando o ser pobre sob o ângulo da ética cristã e suas implicações no contexto escolar. Diante disso, busquei ampliar o conceito de pobreza e do ser pobre. Como desdobramentos, compreendi alguns aspectos constitutivos da pobreza, refleti sobre o significado de ser pobre no espírito na perspectiva da ética cristã e examinei o valor da pobreza no contexto educacional escolar e como este valor era vivenciado. Com isso, ao final dos estudos, obtive o grau de doutor em Educação, pela Universidade de Brasília (UnB).

A missão que se desvela para mim no seio do Instituto Marista está comprometida, no sentido mais profundo da palavra, com a busca da plenitude e da verdade. Pelas minhas convicções religiosa e educacional, coloco-me a serviço da educação, no que posso oferecer de melhor, para que outras crianças, adolescentes e jovens possam assumir o mundo com mais responsabilidade. Tenho, nos últimos anos, me dedicado, igualmente, à formação docente e à docência a jovens adultos, em nível de ensino superior.

A título de esclarecimento, sobre aspectos da missão, ocupei cargos na equipe de Coordenação de Pastoral da Província Marista Brasil-Norte, conselheiro provincial da Província Marista Brasil Centro-Norte e coordenador da área de Missão da União Marista do Brasil (UMBRASIL). No ensino superior fui professor do curso de Pedagogia da Universidade Católica de Brasília (UCB) e membro do Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão da mesma universidade. Atualmente estou como professor da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Salvador (UCSal) e membro da diretoria da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), regional Bahia.

Zeloso nos estudos, procuro pesquisar e socializar o conhecimento advindo desses estudos. Em consequência disso, coordeno o grupo de pesquisa "Narrativas de vidas, pobreza e diversidade", na UCSal; e sou membro do grupo de pesquisa "Estudos sobre a teoria histórico-cultural e suas implicações educacionais", na UnB. Dedico-me à pesquisa sobre histórias de vida ligadas à formação docente, pobreza, ética e valores espirituais. Tenho publicações em livros, periódicos científicos e em diversos congressos nacionais e internacionais.

Finalmente, agradecido a Deus, sempre, pela oportunidade de servi-Lo por meio da educação, e feliz por estar em um instituo religioso que valoriza o ser humano em sua integralidade. Na condição de um Irmão consagrado, entendo que a trilha que parte da mensagem de Jesus inspira-me a apresentar o Evangelho como presença explícita dele. Busquei, até hoje, a centralidade de minha vida, apaixonadamente a servir aos demais, na maioria das vezes, pelo magistério, como forma de irradiar valores perenes que sustentam a minha vida.

A vocação brota do coração de Deus

Ir. Maicon Donizete Andrade Silva

Sou o Ir. Maicon Donizete Andrade Silva e tenho 31 anos. Nascido em 03 de setembro de 1985, sou natural de São Vicente de Minas, uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Venho de uma família simples e bastante trabalhadora de 4 filhos: Luis Carlos, Patrícia, Nair e eu. Com meus pais, Nelson Donizete da Silva e Maria Teresinha de Andrade Silva, aprendi os valores fundamentais que, hoje, me constituem como pessoa. Juntamente com meus avós (Abigail e Antônio Sandoval), eles me educaram na fé e tudo fizeram para que me tornasse uma pessoa de bem, simples e trabalhadora. Sem dúvida, seus exemplos de vida me motivam a caminhar com responsabilidade, ousadia e coragem diante de todas as situações da vida.

Minha caminhada na Igreja iniciou-se já desde criança na Paróquia São Vicente Ferrer, vivenciando os sacramentos, atuando como coroinha e, posteriormente, participando de grupo de jovens. Uma figura que muito me marcou durante a infância foi o Padre Pedro Jesus Wiermann, pároco da minha cidade por bastante tempo. Com o passar dos anos, estudando no Colégio Marista de São Vicente de Minas, fui, pouco a pouco, me encantando e me afeiçoando pelo estilo de vida e pelo testemunho dos Irmãos Maristas que lá atuaram. Dentre eles destaco os Irmãos Bruno Silveira, Bené Odeto, José Luiz Venturini, José Augusto, Ivanor Pereira, Sebastião Lobo, Guilherme Soares e Rubens Falqueto.

Alguns anos mais tarde, após um processo de discernimento, decidi ingressar na casa de formação. Nesse instante estava com meus 18 anos de idade, cheio de dúvidas, inquietações e inseguranças no coração, mas, ao mesmo tempo, sentia que Deus me chamava a algo maior na minha vida; talvez maior do que as minhas próprias vontades. O desejo de construir um mundo melhor foi a minha grande e primeira motivação. Foi a partir daí que iniciei minha jornada na vida marista. As palavras do profeta Jeremias traduzem bem o que passava no meu coração naquele instante: "Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir" (Jr 20,7).

Em 2005 ingressei na casa de formação Marista do Pré-Postulantado, na cidade de Montes Claros - MG. Foi uma experiência significativa que muito me ajudou a compreender a vocação religiosa e a vida marista. Isso me deu bases sólidas para vivenciar a etapa seguinte do Postulado. Estando em Vila Velha - ES, no postulado, fiz um riquíssimo processo de crescimento vocacional, no qual ratifiquei meu desejo de me consagrar como Irmão Marista.

Após esse período, morei em Maranguape - CE, onde fiz o meu noviciado. Esse, com certeza, foi período de uma intensa experiência de Deus e amadurecimento na vocação. Retomar a história de vida, rezar as experiências vivenciadas, partilhar sonhos e construir horizontes, foram os grandes fundamentos vividos durante o meu noviciado. Durante o processo, fiz meu estágio apostólico em Maceió – AL e Silvânia – GO, duas verdadeiras experiências missionárias que muito me motivaram na caminhada.

Ao final desse processo, em 2008, emiti meus primeiros votos e me tornei, de fato, Irmão Marista. Residi nos anos seguintes no Juniorato, em Belo Horizonte, onde cursei Gestão Pastoral no ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino). Nesse período, de 2009 a 2011, trabalhei no Centro Marista Reflorescer e na Comunidade São Marcelino Champagnat, ambos em Ribeirão das Neves. Terminada essa etapa, concluí o curso de Teologia pela PUCPR. Morei por um ano na Comunidade Marista de Aracati, onde atuei como professor, assessor de pastoral e diretor interino. Foi, sem dúvida, uma experiência de muito crescimento e aprendizado.

A partir de 2013, passei a residir em Fortaleza – CE, onde assumi a missão de Formador e Superior da Comunidade do Postulantado, contribuindo com o processo de discernimento e amadurecimento dos jovens postulantes, que almejam a Vida Religiosa Marista. Também atuo no Conselho Diretor da Escola Marista Sagrado Coração e na Coordenação de Pastoral (interino). Desde 2015 faço parte da Diretoria Regional da CRB Ceará, um espaço que tem por missão animar a Vida Religiosa Consagrada presente no estado. Para mim, este sempre foi um espaço singular de integração, convivência e crescimento pessoal e vocacional, ao qual procuro dedicar-me por inteiro.

De 2013 a 2017 cursei Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Esta foi, sem dúvida, uma das experiências mais singulares e gratificantes de minha vida. Adentrar o universo acadêmico e me encantar pelo mundo da educação foi o grande tesouro de todo esse ciclo. Foi oportunidade para me

construir humanamente, tecer novas relações, amizades, formar consciência, abraçar bandeiras de luta e assumir o meu efetivo papel como educador. Desde então, perceber o trabalho educativo como o ato de favorecer a todos os indivíduos, sem distinção de classe ou etnia, o pleno acesso aos bens culturais produzidos ao longo da história da humanidade, tem sido algo que me encanta e me entusiasma a seguir por essa via profissional, ideológica e acadêmica. Afinal, não há educação verdadeira se não há emancipação dos indivíduos. Vale dizer que, durante esse intervalo, 2014-2016, também fiz minha especialização em Gestão Escolar, o que muito acrescentou à minha formação acadêmica.

Depois de tudo que até aqui partilhei, posso dizer com plena convicção que me considero um homem feliz e realizado, pessoal e vocacionalmente. A cada dia agradeço a Deus pela família que tenho, pelos irmãos e irmãs de caminhada que ele me concedeu e por tantas crianças, adolescentes e jovens que, dia após dia, me ensinam o valor e o significado de ser um verdadeiro Irmão Marista, como desejou Champagnat.

Hoje sigo convicto de que ser Irmão é um dom especial concedido por Deus. E é essa certeza que me motiva a seguir. Sinto cada instante de minha vida como um convite a permanecer fiel e perseverante ao chamado que um dia Ele me fez. Ao olhar para trás, percebo que muitos foram os sinais vocacionais que foram, pouco a pouco, me ajudando a perceber que efetivamente seria na vida religiosa marista que encontraria meu porto seguro e me realizaria como pessoa e como consagrado. Foi ao longo do caminho que compreendi que toda vocação é dom de Deus. Por isso, acredito muito na ideia de que Ele espera que nossa vida também se converta em dom e oferta gratuita em favor daqueles que nos são confiados. Afinal, como diria o Papa Francisco: *"Nenhuma vocação nasce por si, nem vive para si. A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel e na experiência do povo fraterno."*

63/PLNTSR33N21

Com vocês eu aprendi a arte de amar

Irmão Marcone André do Nascimento Correia

Nasci no dia 25 de junho de 1987, na cidade de Paulista - PE. Fui batizado na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na vizinha cidade de Olinda-PE, no dia 28 de junho de 1988. Era um filho muito aguardado pelos meus pais, Marcos André do Nascimento Correia e Maria José da Conceição, pois eles já haviam tido cinco meninas e esperavam a vinda de um menino. Sou o único filho homem do casal que, ao todo, tem quatro filhos (duas de minhas irmãs falecerem recém-nascidas). Venho de uma família simples, trabalhadora, e cheia de valores, cuja desestruturação, infelizmente, foi causada pela separação dos meus pais.

Na escola sempre fui um bom aluno, muito educado e responsável. Tenho boas lembranças da minha infância, dos animais que cuidava em casa: passarinhos, patos, galinhas, codornas e ainda gatos e coelhos. Lembro também da minha primeira bicicleta, que ganhei do meu pai, e principalmente dos bons momentos que passamos juntos enquanto ele me ensinava a pedalar. Ele também me incentivou muito a jogar futebol. Acredito que tive uma infância muito feliz, pois não me faltou nada, sobretudo amor.

Minha família não é muito grande. Minha mãe é filha única e tem 47 anos, o meu pai, de 50 anos, tem cinco irmãos, três homens e duas irmãs gêmeas. Não cheguei a conhecer todos os meus avós. Convivi, ainda que pouco, com o meu avô paterno, que faleceu quando eu ainda era criança. Hoje só está viva a minha avó materna, Severina. Tive pouco contanto com os meus tios e lamento não ter conhecido nenhum dos meus primos. Minhas três irmãs, Soraia, Solange e Simone, já estão casadas e com filhos. Atualmente tenho dez sobrinhos.

Conheci os Irmãos Maristas no ano de 1998, não em Paulista, minha cidade de origem, mas em Iguatu – CE, para onde nos mudamos, com minha mãe, após a separação de meus pais. Verdadeiros homens de Deus! Quando me aproximei dos Irmãos fiquei encantado com a vida comunitária deles, com seu jeito de ser, com a disposição que tinham de ajudar as pessoas e de estar com as crianças e os jovens, e o amor pela oração. Tudo isso me cativou e tocou profundamente o meu coração.

Rapidamente me engajei na Igreja do querido bairro João Paulo II, que tinha como padroeiro São Marcelino Champagnat, e como copadroeira a Boa Mãe. Fiz inicialmente a catequese da primeira Eucaristia, e, em seguida, me engajei no grupo de Perseverança e me inscrevi na preparação para a Crisma. A participação na vida eclesial era algo novo para mim, pois desde meu Batismo, nunca havia recebido incentivo dos meus pais e padrinhos para ir à Igreja. Participei de muitos grupos e pastorais da comunidade local: missionários, Legião de Maria, catequese, adolescentes e jovens, do teatro etc. Sempre com o incentivo e apoio dos Irmãos. Também participei do antigo GOP – Grupo de Opção de Vida, animado pelos maristas. Todas as experiências feitas foram muito boas e enriquecedoras para mim.

Os primeiros Irmãos com os quais convivi fizeram com que eu conhecesse Jesus Cristo. Não chegaram para mim com teorias a respeito de Jesus, mas, sobretudo, o anunciaram, na prática, com o testemunho da própria vida. Lembro com gratidão dos Irmãos Antônio Holanda, Salatiel do Amaral, Joaci Pinheiro, e tantos outros que marcaram positivamente minha vida, me educaram e também me amaram.

Quando a minha mãe decidiu ir embora de Iguatu pela segunda vez eu não fui com ela. Fiquei morando com os Irmãos Maristas na casa deles. Isto se deu porque eu tinha acabado de passar na seleção para a Escola Agrotécnica Federal de Iguatu – EAFI, e iria começar o meu ensino médio. Os Irmãos acharam melhor que eu ficasse com eles, devido à instabilidade de vida de minha mãe naquele momento. Ela concordou e eu também. Como a Escola funcionava em regime de internato, eu ficava com os Irmãos nos finais de semana. Esse fato foi para mim algo extraordinário, verdadeira graça e bondade de Deus para comigo. Morei com os Irmãos três anos, até concluir o ensino médio. Pude aprender e amadurecer muito nesse tempo. Participava de quase todos os momentos com eles, menos das reuniões comunitárias. Aos poucos fui conhecendo o jeito marista de ser, ganhando espaço, respeito e confiança.

Nunca hei de esquecer as experiências feitas em Iguatu, principalmente da minha primeira namorada, dos estudos, dos Irmãos Maristas, dos grandes amigos que fiz por lá, de passar necessidades com minha mãe, de conhecer Jesus Cristo... Sofri, sorri e chorei muito. Tenho em Iguatu verdadeiros amigos. A pessoa que eu sou hoje eu devo a essas inúmeras experiências.

Em 2007, ao terminar o ensino médio, depois de um longo acompanhamento vocacional com o Irmão Jarbas Rodrigues, que morava em Iguatu, entrei, pela primeira vez, na casa de formação marista. Alguns dos Irmãos não queriam que eu entrasse, porque eu era bastante novo naquela época. Mesmo assim entrei no Pré-postulado em Fortaleza – CE. Lá consegui fazer uma boa caminhada formativa. No decorrer do meu processo, contudo, aconteceram muitas mudanças na minha família. Quase no final do ano os formadores me orientaram a voltar para casa a fim de ajudar a minha mãe. De imediato eu não aceitei, mas não tive escolha. Para mim esse foi um dos dias mais tristes da minha vida. Depois que saí, voltei para Pernambuco, para trabalhar. Desde então fiquei sendo acompanhado pelos Irmãos Antônio Holanda e Salatiel do Amaral, mesmo não querendo muito.

Retornei à formação em 2010, no Pré-postulado em Vila Velha – ES. Aquele ano foi uma Páscoa na minha vida: passei pela morte para chegar à ressurreição como um novo Marcone. O povo de Deus contribuiu significativamente na minha formação, principalmente nas comunidades eclesiais em que eu estava inserido (São Pedro e São Paulo) junto aos jovens e às crianças. Os meus formadores, Irmãos Rafael Ferreira, Raimundo Barbosa e Wesley Ribeiro, juntamente com os jovens da Casa Marista de Semiliberdade, onde eu também atuava durante a semana, me humanizaram demais. Eu tinha o desejo de ser cada vez mais voltado para Deus, tendo consciência do meu processo formativo, que exigia de mim muita responsabilidade, transparência, ousadia e coragem para assumir e trabalhar a minha história de vida. E eu não fugi desse desafio! Hoje eu entendo melhor uma frase que o Irmão Raimundo me disse certa vez: "*Esse menino parece que já está no noviciado*".

Essa primeira etapa da formação foi, sem dúvida, um dos momentos mais significativos da minha vida. Ali se cultivava a consciência de que todas as pessoas podem ter uma experiência profunda de Deus se desejarem. A valorização da vida - não importando de quem seja – era outra característica da etapa, que ficou muito fortemente marcada em mim. Sou muito grato ao Irmão Rafael por ter contribuído comigo, por meio do diálogo frequente, que tanto me ajudou no (re) início de minha formação marista. Foi um tempo feliz e de muitas risadas.

Em 2012 fui para o Postulantado, em Londrina – PR, onde permaneci no primeiro semestre. Concluí a etapa em Belo Horizonte – MG, no segundo semestre. Das experiências vividas nessas cidades ficou em meu coração a lembrança agradecida do trabalho com o povo, especialmente com

as crianças e os jovens, que me evangelizaram e me ensinaram muito, simplesmente com o seu jeito de ser. Também os estudos me ajudaram a amadurecer na fé e a ter um conhecimento profundo de Jesus, Maria, Champagnat e da Congregação.

Penso que na etapa do Postulantado faltou, contudo, humanidade, olhar de fé, transparência e amor. Talvez o essencial que é Jesus Cristo tenha ficado em segundo plano em alguns momentos. Mesmo com esses desafios continuei firme e sempre olhando para Jesus. Hoje vejo que tudo, mesmo aquilo que não parecia muito bom naquele momento, me ajudou a amadurecer, a me conhecer mais, a crescer na consciência das minhas qualidades e limites, muito atento ao desejo de fazer a vontade de Deus. Nesse processo o que me ajudou muito foi a prática diária da oração pessoal com a metodologia da *Lectio Divina*. As anotações no diário e o desejo de dar sentido a tudo o que fazia foram confirmando, dia a dia, o meu chamado.

O Noviciado, em Passo Fundo – RS, em 2012-2013, incluindo o meu estágio apostólico em Santa Maria – RS, foi profundíssimo. Considero os dois anos da graça do Senhor na minha vida. Como Deus foi bom para comigo! Sou muito grato por ter recebido tanto e não ter me faltado nada. Como eu gosto de me questionar, por vezes eu me pergunto: O que darei ou estou dando ao Senhor por tantas graças recebidas? Vivi no noviciado os melhores dias da minha vida. Deus se manifestou em minha história e de tantas formas e meios me questionou a fim de me fazer crescer em seu amor. Ele me falou por meio de meus irmãos de comunidade, de minha família, das demais pessoas com as quais interagi, da oração, dos sentimentos... Ele educou o meu olhar, minha forma de comer e de vestir e, sobretudo, meu jeito de ser e agir. Eu, Irmão Marcone, já não sou mais o mesmo desde então! A graça de Deus e o apoio amoroso do povo, das crianças, dos jovens e dos colaboradores maristas – que são tão bons – me evangelizaram, me fizeram um homem novo, mais consciente de mim e de minha vocação.

Entre 2014 e 2016 eu realizei a etapa formativa do Juniorato I, em Belo Horizonte – MG. Foram três anos vividos com muita intensidade, sobretudo na condução dos estudos acadêmicos e na atuação pastoral. Tive oportunidade, nesse período, de cursar Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, que foi para mim tempo e ocasião para me alimentar de Jesus, que é o nosso principal conteúdo. Lá também ajudei na dinamização da vida acadêmica como presidente do Diretório Acadêmico da faculdade.

Durante minha permanência em Belo Horizonte pude contribuir com o povo nas comunidades eclesiais, e também colaborar com na pastoral de nosso Colégio Dom Silvério, sobretudo dando catequese para crianças e adolescentes. Além disso, fui coordenador regional da Animação Vocacional do Sudeste (Minas Gerais, Espirito Santo e Rio de Janeiro) por dois anos. Foi um tempo para revisitar a minha própria vocação, enquanto buscava escutar, cativar e encantar os jovens vocacionados em seu projeto de vida. Tentei dizer a eles, do meu jeito, que vale muito a pena ser Irmão Marista, e que esta vocação pode sim dar sentido à vida daqueles que a assumem.

A minha comunidade religiosa no Juniorato era enorme. Tive a graça de conviver com Irmãos que admiro muito: Cassiano Lima, Rafael Ferreira, Adalberto Amaral, Fabrício Alves e Fabrício Barbosa, Danilo Ferreira, Arnaldo de Souza, Gustavo Ribeiro, Fábio Soares, José Sotero, Demilton Barbosa, Carlos Eurípedes, Leonardo Stoch e Dener Rodrigues. Uma das características de nossa comunidade era a alegria. Quando nos juntávamos, sobretudo ao redor da mesa, era uma festa. Tudo era motivo para risadas.

No ano de 2017 fui enviado para Belém – PA, minha primeira comunidade apostólica. Foi uma graça de Deus e um presente de Nossa Senhora de Nazaré ter vindo para Belém. Aqui eu compartilho a vida fraterna e a missão marista com mais dois Irmãos, Iranilson Correia e Francisco das Chagas. Atuamos diretamente no nosso Colégio Nossa Senhora de Nazaré, que já tem 114 anos de história. O povo tem uma paixão linda por nós maristas.

Tenho tido muitas oportunidades de dar minha contribuição na missão educativa e evangelizadora da Congregação nesta terra que adotei como minha. Por exemplo, atuo como assessor da direção do colégio e da Equipe de Pastoral local, além de coordenar o 'Marista em Tempo Integral'. Também estou cursando Pedagogia na Universidade da Amazônia – UNAMA, e isso tem me fortalecido nas minhas práticas pedagógicas dentro do colégio.

Sou um aprendiz da vida, e cada lugar e situação me ensinam muito. Por ter recebido tanto de tantas pessoas, caminho animado pelo desejo de ser cada dia melhor, colocando em prática o que vou aprendendo vida afora, estando sempre atualizado, disponível para servir e, sobretudo, fazendo tudo com amor e fé. Tenho sido feliz em Belém, graças a Deus! A facilidade que tenho de me adaptar aos lugares me ajuda muito.

Para mim é um privilégio servir a Deus sendo um Irmão marista. Hoje sou muito feliz por viver minha consagração religiosa como parte da linda família Marista, na qual tenho oportunidade de anunciar Jesus às crianças e aos jovens, pois é essa a finalidade do nosso Instituto, como desejou nosso Pai Champagnat: "tornar Jesus Cristo conhecido e amado". É o que procuro fazer hoje, em Belém, e buscarei fazer amanhã, seja lá onde for, pois tenho consciência de que sou marista para o mundo.

Penso que minha história vocacional e de vida, que não termina aqui, bem pode ser ilustrada pela frase do grupo musical *Kairós*: "*Vive em teu coração o que sonhou, faze brotar de ti novo ideal*". Essa frase fala muito ao meu coração, porque eu estou vivendo exatamente isso: meu sonho que se alimenta do ideal de Marcelino Champagnat. Já aconteceu algo assim com você?

Muito obrigado por você ter lido a minha história. Como já falei, ela não termina aqui, pois eu sigo escrevendo os próximos capítulos de minha vida. E você, caro amigo, cara amiga, me ajudará muito se rezar uma Ave Maria pela minha vocação.

Muito obrigado mesmo! Um abração bem marista para você. Fique bem! Fique com Deus.

"A vocação é dom do amor de Deus e este amor nos convida a sermos companheiros que trabalham com Ele para edificar o Reino do Pai entre os homens".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Educado pelo Mistério

Ir. Natalino Guilherme de Souza

"Ama todas as coisas. Una-te ao todo. O Universo é Uno"
(Tao te Ching – séc. IV a.C)

Esta história começa na noite de Natal de 1977. Era um domingo de verão, quente como costuma ser este período na pequena cidade de Colatina, Espírito Santo. Segundo a versão de minha mãe, depois de longa espera e muita dor, ela me trouxe ao mundo. Dor e espera, sentimentos que voltariam muitas outras vezes para me ensinar a continuar "vindo ao mundo". Junto aos meus pais, meus dois irmãos e duas irmãs, fui construindo a minha história.

A infância é talvez o período no qual estão aninhadas as mais vivas lembranças que trago em mim. Simples e pobre, tecida de alegrias gigantes, cujo mistério pertence às crianças. Foi na infância em que registrava, como num "mapa vital" o cheiro da chuva, os caminhos escarpados por onde corria e caia. As árvores de onde lançava meus aviões de papel velho. Elas ainda trazem nos galhos meus gritos e cantos. Silenciosas, suportaram o meu peso muitas vezes. Generosamente.

Como um bando de pássaros, éramos os meninos da rua. Nunca estávamos parados. Hoje bola, amanhã trilha... à noite, polícia e ladrão nas ruas vizinhas. Vivíamos por temporadas. Tempo de peão, tempo de bolinhas de gude, tempo de pipas... Até quando chegávamos, em grupo, ao prêmio máximo: o carrinho de rolimã. Dividido por mais de uma dezena de meninos, o carrinho fazia com que os finais de semana passassem sob as rodas do rolimã. As temporadas nunca se repetiam: as bolinhas de gude e os aviões de papel nunca eram os mesmos. Era sempre um recomeço. Estas temporadas também voltariam depois, trazendo sob as asas a minha coragem de sempre recomeçar.

Como não citar a minha escola? A mais linda, a mais viva, a mais desejada da cidade. O Colégio Marista de Colatina foi onde o meu "*tempo*" foi educado. Ler, escrever, fazer contas... Formas visíveis e imediatas do que o Mistério, lentamente, fazia em mim. Educava-me para Si, sobretudo.

Conhecia cada centímetro daquele Colégio. Nada escapava à curiosidade que trazia. Existiam espaços mágicos, praticamente sagrados para mim. O refeitório, onde a "tia" nos dava aqueles manjares (porque traziam mais do que sal ou açúcar, alho ou cebola. Vinham com sabores exóticos que nós mesmos, os meninos, nominávamos: sabor de "cheiro de temporal", sabor de sol, de mata, de cachoeira, de mar...). Ríamos de nossas invenções, mas sabíamos que eram todas verdades. Era - assim o vejo agora - o Mistério alimentando-nos de Si.

Já a capela, diante do portão de entrada, era lugar de silêncio. Ali os alunos estavam a salvo do ruído, da balbúrdia dos pátios cheios. As aulas de religião, mais nos falavam de entrega, de descanso. Alguns amigos sempre dormiam. Seguramente, eram não só os mais cansados, mas aqueles mais confiantes. Hoje sei que éramos embalados pelo Mistério, acolhidos no Seu silêncio. Este silêncio também voltaria para me acompanhar outras inúmeras vezes.

Diria que minha vocação foi também nutrida a mexericas e água de coco. Era nos finais de semana que voltava à Escola. Passava o dia com os Irmãos. Sentia-me como em minha própria casa. O jardim e o pomar eram lugares de "perder o tempo". Como gostava de estar no meio das plantas analisando, cheirando, distinguindo cores e formatos. Minhas orações se davam ali mesmo. Intuía que as minhas melhores orações foram sempre as que nasciam do coração do mundo. Era o Mistério que dizia de Si. Mesmo hoje, é assim que eu o sinto.

Este foi o caminho, entre aviões de papel, manjares, silêncio, poesia, flores, frutos, risos, quedas e terra, no qual o Mistério foi-me envolvendo na delicadeza de seus braços. Nada extraordinário e, exatamente por isso, irresistível. Um caminho secular, diria. Tudo para continuar ensinando-me sobre a sacralidade do que existe; das menores coisas às maiores; das mais insignificantes às mais extraordinárias.

Nos distintos lugares do mundo onde vivi, grandes homens e mulheres foram sendo instrumentos do Mistério na minha vida e vocação, desde então. Não arriscarei nomeá-los para evitar injustiças. Pois certamente existem muitos que também o foram, mas minha distração não me deixou perceber. Como Irmão do mundo, tudo o que vi e vivi até o presente momento, me ajudou a ir nomeando, quase sem querer, este Mistério que continua a me atrair e alimentar.

Maria, Marcelino, meus amigos e irmãos me ensinaram que este Mistério é também uma pessoa: Jesus. E é só enquanto as cores, rostos e sabores ganham sentido nEle, que posso me dizer, chamado, conduzido, vocacionado, anunciador deste Mistério/Pessoa, de onde minha vida começou naquele verão de 1977 e para onde ela vai, até que Ele me queira para Si. Definitivamente.

"O futuro das vocações está nas mãos de Deus, mas, de certa maneira, acha-se também entre as nossas. Nossa força é a oração; graças a ela, não faltarão vocações, o apelo não deixará de ser ouvido.

Supliquemos ao Senhor a fim de que ninguém se sinta estranho ou indiferente a este apelo, mas que, pelo contrário, cada um se interrogue e meça as próprias capacidades, ou melhor: cada um redescubra as próprias reservas de generosidade e responsabilidade".

(Ir. Charles Howard, antigo superior geral)

Sem Deus não seria possível!

Ir. Pedro Ângelo Rezende de Miranda

Sou o Ir. Pedro Ângelo, filho de Carlota e Sebastião. Herdei o nome de Pedro do meu avô paterno, que era um homem extremamente materno, como me ensinou minha mãe; e o de Ângelo, me foi dado por Dom Diogo Parodi, primeiro bispo comboniano de Balsas. Tenho cinco irmãos: Neto, Manoel, José, Bento e Filomena. Sou feliz por contar com muitos amigos em minha vida.

Fui gerado no antigo povoado de Canto dos Currais, hoje município de Nova Colinas – MA; no entanto, fui parido no Hospital São José, em Balsas – MA, cidade para onde voltei aos três anos de idade, usando gongó (short) e calçando alpercata (corruptela maranhense para alpargatas). Foi em Balsas que escutei música pela primeira vez. Era ninguém menos que o rei Roberto Carlos cantando "Todos estão surdos" (*penso que a maioria ainda continua, rei!*). Eram os anos sessenta, quando me deparei com a "cidade grande": dois colégios, algumas escolas, um hospital, cinco bairros, duas igrejas, capelas, catedral em construção... Os religiosos Combonianos já sonhavam com um centro regional.

Além das pessoas de casa, começaram a despontar outras referências de vida em minha história: minhas tias Zezé, Nilsa e suas famílias; os parentes e amigos que auxiliaram minha mãe em nossa subsistência e educação, por exemplo: Rita Lopes, Dona Isaura, Dr. Rosy e muitos outros. A escola foi o próximo passo. Primeiro, o Didácio Santos, para o primeiro grau menor, onde se destacaram minhas queridas professoras Cristina Fonseca e Maria da Paixão. Nesse período, fiz minha primeira Eucaristia com as Irmãs Capuchinhas e os Padres Combonianos. Depois, o colégio São Pio X, com os Irmãos Machado, Ovídio (Nicolás Herrera Tablado), Nuno Pereira, José Ferreira, Aroldo Nepomuceno, Antônio Aguiar, professora Eunice...

Tempo da adolescência, amizades, despertar vocacional, escutando o Pe. Zezinho – *Se ouvires a voz do tempo...* Mas a necessidade de ajudar minha mãe falou mais alto. Por isso, parti para o Mato Grosso com a família de minha prima Filomena Solino, com o objetivo de fazer estágio no Banco da Amazônia e estudar, fazendo o Curso Técnico.

Segui estudando na casa dos meus parentes, até que um dia veio forte a necessidade de responder ao chamado. Escrevi para Recife. Como a resposta demorou, resolvi partir. Primeiro, fui visitar minha irmã no Amazonas. Lá, entrando em contato com o Irmão Gildo Dematé, escrevi ao provincial da então Província de São Paulo, que depois de algum tempo me deu seu sim, enviando-me para as margens do rio Purus, Canutama - AM, onde fiz meu Postulantado. Ao encerrar essa etapa, foi-me dada a opção de fazer o Noviciado em Campinas − SP ou Fortaleza – CE. Optei por Fortaleza, e, no fim do primeiro ano, por ficar em definitivo na então Província Brasil Norte.

Continuei minha formação, chegando ao Escolasticado. Nesse tempo, alguns Irmãos foram indispensáveis na minha opção de vida: Antônio Ramalho, Achylles Scapin, Getino Alvarez, Chefe Alberto, José Artur, Paulo Naufel e Henrique Luquet, entre outros.

Já era tempo de partir para uma nova etapa. Com Ir. Joaci Pinheiro segui para o Postulantado em Nísia Floresta – RN, tempo de vislumbrar a missão. Depois, vieram muitos outros projetos, dos quais destaco: a fábrica de móveis escolares de Juvenópolis – AL; a fundação da Fraternidade Marista de Teresina – PI; a Comissão Econômica da Província; o Conselho Provincial; o Colégio Conceição, em Recife – PE; a fundação dos colégios Janga e Araçagy.

Em meio a tantos projetos pastorais, surgiu, em 1998, a oportunidade de uma parada para um necessário tempo de descanso e aprofundamento da vida marista em El Escorial (Espanha); um mergulho nas origens cristãs (Terra Santa) e maristas (França); e a participação na canonização do Pe. Marcelino Champagnat (1999).

Com os novos tempos no Instituto, os Irmãos são convidados para o projeto *Missão "Ad Gentes"*. Eu me encantei com a proposta e disse sim, mesmo sabendo de minhas limitações. Primeira etapa: estudo da língua inglesa, na África do Sul e na Nova Zelândia. Depois, curso missionário nas Filipinas e um tempo de imersão na Tailândia. Participei desse projeto de 2005 a 2008.

De volta ao Brasil, era tempo de rever minhas origens. O Ir. Wellington Medeiros e o Conselho Provincial acolheram meu pedido de retorno a Balsas, para conviver com meus pais já idosos, cansados, enfermos. Tempo maravilhoso para eles e para mim. Eu não poderia deixar de ressaltar também a oportunidade que tive de participar da comunidade religiosa e educativa marista local, por coincidência, na celebração dos cinquenta anos do Colégio São Pio X, sendo o primeiro Irmão balsense a compor a comunidade.

Aproveitei também meu tempo em Balsas para continuar meus estudos, cursando Serviço Social, o que muito contribuiu para ampliar meus conhecimentos, pois anteriormente havia cursado Teologia Catequética e Administração.

Foi durante minha experiência na comunidade de Balsas que a Província decidiu realizar a mudança da residência dos Irmãos para fora do ambiente do colégio (2014). Naquele ano tivemos o professor José Maria, diretor do colégio, compartilhando a vida e missão conosco.

Relembro, com carinho e gratidão, outros maristas de Champagnat com quem já compartilhei a missão: Sr. Flávio Cunha (Maceió-AL), Valverde (Maceió-AL), Célia Goiana (Fortaleza-CE), Marcos Vinicius (Canutama-AM), Noranei (Teresina-PI), Janete Rocha (Recife-PE), Mana (Recife-PE), Gina Bolonha (Belém-PA), Sandra Suely (Belém-PA), Conceição, Conceição Heluy (São Luís-MA), Rosa (Mondubim, Fortaleza-CE), Mirian (Nísia Floresta-RN), Nizete (São Luís-MA), Nailda (Recife-PE), e muitos outros.

Desde o ano de 2016, componho a comunidade marista de Araçagy, em São José de Ribamar, na ilha de São Luís - MA.

Sem Deus não seria possível! Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa Boa Mãe, Maria, São José, Santo Antônio de Pádua e Lisboa, São Marcelino, as santas almas, todos sabem quanto a eles recorro a cada dia. Sou preciosidade em vaso de barro.

Aos meus familiares, educadores, amigos e Irmãos, o meu sincero agradecimento por me terem permitido percorrer essa história de vida ao lado de cada um deles.

A mim, e a todos que compartilharem esta leitura, desejo as bênçãos de Deus e a proteção de Maria.

Fui um menino arteiro. Não levava desaforo para casa

Irmão Raimundo Barbosa

Era 1931, 20 de julho. Nascia o pimpolho, filho de Pedro Firmino Barbosa e Ana Maria da Luz. Onde? Num lugarejo, conhecido como Carrancas, município de Santa Luzia, hoje pela emancipação política, tem o nome do padroeiro São José: São José da Lapa – MG.

Minha mãe teve sete filhos, sendo quatro do primeiro casamento e três do segundo. Quatro deles já faleceram.

Sou o primeiro filho do segundo casamento. Meu pai era comerciante, proprietário de uma venda. Diga-se de passagem: única do lugarejo, naquela época.

Minha mãe gostava de jogar víspora (bingo), mas meu pai não gostava daquele vício. Rigoroso demais, certa ocasião disse a minha mãe para não ficar até tarde jogando. Ela, como todo jogador, esqueceu da hora, e quando chegou em casa, as portas estavam travadas e ele não a deixou entrar. Ela teve, então, que procurar abrigo em outro local para passar a noite com as crianças. Eu contava apenas dois anos de idade e não achei nenhuma graça em não ter ido para casa. Então chorava muito e o tempo todo dizia: quero ir "pra casa meu", quero café "da casa meu"...

Fui um menino arteiro. Não levava desaforo para casa. Nos fundos de nossa residência havia um córrego onde lavávamos vasilhas, roupas e também buscávamos água para manutenção da casa. Um dia minha mãe mandou que eu buscasse o bule que Nonô (Juventino Barbosa), meu irmão, lavava no referido córrego, para ela fazer o café. Ele me pirraçou bastante, não queria entregar o bule. Quando me entregou, bati com o bico do bule na cabeça dele e o melado escorreu. Outra vez, para não levar uma surra de minha irmã Cristina, saí correndo, pulei o córrego, ela não conseguiu pular e caiu dentro d'agua. Ficou furiosa. Eu fugi para a casa da vizinha Mintú, que me protegeu de minha irmã.

A minha primeira comunhão foi no dia 08 de dezembro de 1939, sem preparação específica, porque frequentava o catecismo. Assim, fui autorizado pelo padre a fazer a primeira Eucaristia juntamente com dois amigos: José Simeão e José Inocêncio. Em seguida, nós três ingressamos na Sociedade de São Vicente de Paulo.

Missas no lugarejo, só quando vinha um padre de fora. Festas religiosas eram duas por ano: a de São José e a da Imaculada Conceição. Lembro-me que todas as celebrações iniciavam com a música "A nós descei divina luz".

Foi ao voltar de uma destas festas, de carroça, que minha mãe com seu primeiro marido José Simão, e os filhos Celino e Adelina, depararam com um homem agredindo um idoso. Ao interceder pela vítima, o agressor sacou uma arma de fogo e a queima roupa matou José Simão na presença de minha mãe e irmãos; grande tragédia.

Fiz o curso primário em Vespasiano; escola pública. Ia a pé todos os dias, uns sete quilômetros de caminhada.

Vida consagrada

Até aquela época, São José da Lapa já havia cedido à Congregação Marista quatro Irmãos: Galdino, Ilário Damião, Jorge Noé e José Vital.

A motivação para o meu ingresso na vida consagrada veio do convite do Irmão Vital, mas o chamado oficial aconteceu em uma das visitas que o Irmão Ilário fez à minha família. Felizmente meus pais não se opuseram.

Em 1944 fui para Mendes – RJ, onde o Irmão Clóvis Elias me acolheu ternamente. Era um homem bom, extremamente carinhoso e chamava a cada um de nós de "meu filhinho". Verdadeiro pai para todos nós. Meu professor titular era o Irmão Luiz Ângelo, santo homem.

Os dormitórios eram dois grandes salões com setenta leitos cada: um dos internos pequenos e outro dos maiores. Apenas uma lâmpada fraca bem no meio, permanecia acesa durante a noite, para orientar nas saídas para o banheiro e tomar água.

Em Mendes todos os formandos trabalhavam periodicamente. Era muito trabalho, muito estudo e muita oração. Havia lazer também; o futebol era meu forte. Ajudei na construção da capela, além de tantos outros afazeres como roçar pasto, cuidar das estradas, limpeza geral. Toda a manutenção da casa era feita por nós. Eu gostava dos trabalhos; fugia um pouco da rotina dos bancos das salas de aula.

Estudei em Mendes durante seis anos e lá fiz os primeiros votos.

Depois fui para o Escolasticado de Curitiba por mais três anos. Em seguida, três anos em Santos – SP. Aí, assisti ao incêndio do Colégio. Cenas inesquecíveis. Irmão Baptista Santos quase ficou na fogueira.

Desde a ida para Mendes, passei doze anos sem ver a família, não recebi nenhuma visita e também não visitei. O regime era rigoroso demais. Quando recebi permissão para ir à casa de meus pais, enviei uma carta pedindo que me enviassem uma foto de toda a família identificando cada um, pois sabia que não reconheceria quase ninguém, principalmente os mais novos que deixei crianças.

Segui a vida como professor, ora diretor dos colégios maristas pelo Brasil afora. Em Uberaba – MG, idealizei e participei efetivamente do Projeto Social João de Barro, que construiu casas para pessoas carentes. Viajava de vez em quando para fazer cursos, inclusive no exterior. Fui diretor do Hotel Fazenda São José das Paineiras, em Mendes, por vários anos. Na época da construção do Cenáculo (casa de repouso para Irmãos idosos) eu escolhi o local e acompanhei toda a obra. Dirigi também a construção do estacionamento do Marista Hall (Belo Horizonte).

Enfrentei sem medo e com muita coragem muitos desafios, especialmente quando, já com mais idade, fui, em missão, ao Timor Leste. Hoje em dia, ando por estas bandas de Uberaba. Deus seja louvado! Amém!

MARISTA
ESPAÇO
CULTURAL
IRMÃO
GOBRIANO
MARIA
IRMÃO GOBRIANO MARIA
Tempo Integral

Hoje é pela graça de Deus que sou o que sou

Ir. Roque Plínio Loss

Vários textos bíblicos colocam-nos diante de Deus para percebermos claramente a gratuidade de seus dons. O livro do Gênesis, por exemplo, mostra a bondade de Deus doando ao homem e à mulher as coisas criadas nos primeiros dias, descrevendo poeticamente com profundo realismo religioso aquele nicho biológico e ecológico de águas, ar, plantas e animais, tudo oferecido gratuitamente.

O próprio Deus, como relata o autor sagrado, encantado com o que ia criando a cada dia, "viu que tudo era bom" (Gn 1, 1-31). Ao criar o homem e a mulher "à sua imagem e semelhança" (Gn 1, 26-27), Deus entregou-lhes seu jardim (a criação) para que o cultivassem e guardassem (Gn 2, 15). Entretanto, como Criador, Ele quis que sua Criatura assumisse com liberdade e responsabilidade as consequências de suas atitudes diante do que podiam ou não fazer (Gn 2,16), como neste episódio da tentação de "comer ou não a fruta" (Gn 2,16-17; 3, 1-19).

Eu, Irmão Roque Plínio Loss, nascido no dia 22 de dezembro de 1935, em Santa Tereza – ES, sou membro de uma família de 15 filhos. Tirávamos o sustento trabalhando em nossa propriedade, cultivando feijão, arroz, milho, cana, café e criando animais domésticos. Vendíamos o café para cobrir gastos em roupa, saúde, calçados etc. Nossa formação religiosa vinha da tradição italiana, sendo que os Frades Capuchinhos acompanhavam a vivência cristã. Então, com todos meus familiares, posso dizer, como o apóstolo Paulo, que é "pela graça de Deus que sou o que sou" (1Cor 15,10).

Em janeiro de 1949, despedi-me de meus pais, irmãos e parentes, e, em companhia de meu irmão Helvídio Loss, que já fazia parte da Congregação Marista, atravessamos, de canoa, o rio Santa Júlia com destino a Colatina – ES. Lembro-me de que, devido às fortes chuvas, o rio estava muito cheio. De Colatina a Mendes – RJ, naquela época, a melhor condução era o "trem Maria Fumaça". Após um dia de descanso em Vitória – ES, continuamos para o Rio de Janeiro, ao qual chegamos após mais um dia e meio de viagem. Eram muitas novidades e lugares pitorescos que íamos descobrindo pelo caminho. Havia também o incômodo da fumaça que encobria a visão, e pequenas brasas saídas da chaminé do trem que queimavam a pele da gente. Comigo estavam outros 5 jovens vocacionados, entre os quais José Laurindo Giacomim, mano do Ir. Joel Elias. Bons tempos com aqueles colegas! Só eu continuei marista; os outros continuaram bons cristãos e cidadãos.

Na cidade do Rio de Janeiro pernoitamos no Colégio Marista São José – Tijuca. Para chegar a Mendes foram mais 150 quilômetros de estrada. Na casa marista de Mendes moravam Irmãos brasileiros, franceses, espanhóis e portugueses. Todos trabalhavam, seja na horta, cozinha, carpintaria, lavanderia, galinheiro... A capela atual foi inaugurada em 1949 por Dom José André Coimbra, bispo de Barra do Piraí – RJ. Volta Redonda ainda não existia, e Mendes não era município.

A região tinha grandes fazendas cafeeiras, que conservavam ainda fortes marcas da escravidão negra, já que mantiveram trabalho escravo em seus cafezais por muitos anos. Os donos dessas fazendas moravam, normalmente, na cidade de Vassouras. No velho cemitério de Vassouras há túmulos de barões, condes e marqueses, donos do café. Suas Casas Grandes e Senzalas eram enormes; ainda podem ser vistas pelas pessoas que hoje percorrem a BR às margens do Rio Paraíba. Algumas cenas de novelas da Rede Globo são feitas nesses casarões. Em outros há restaurantes, museus, espaços para reuniões....

A área destinada ao juvenato abrangia, naquela época, o bloco C da casa; e no atual salão de reuniões havia uma antiga construção ligada ao juvenato. Tanto esta antiga construção, como o antigo galpão, foram destruídos quando o Ir. Egidio Setti tornou-se diretor do juvenato em 1952. Com nova visão da formação marista, ele e sua equipe implantavam mudanças, afastando-se do velho estilo francês, que também teve seus méritos, desde que os Irmãos chegaram a Mendes, vindos da França, em 1897, e se dedicaram à educação, formando outros Irmãos.

O sistema de ensino incluía primário, ginásio e científico, além de assuntos sobre vida marista e religião, festas religiosas, teatro, lazer e futebol. A educação era de muito boa qualidade, e a disciplina era rigorosa.

No juvenato cursávamos o primário e o ginásio até a 3º série, quando passávamos para o Postulantado, onde fazíamos a 4ª série ginasial. Anexo ao Postulantado, havia o Noviciado. Os postulantes eram admitidos ao Noviciado em uma solene festa, em que substituíam suas roupas comuns pelo hábito marista: a batina. No fim do noviciado de um ano, fazíamos os primeiros votos e íamos para o Escolasticado (Juniorato) em Curitiba – PR, onde também cursávamos as três séries do curso científico, além de estudar teologia, filosofia e mariologia. Também dávamos catequese nas paróquias, aprendendo a pedagogia e a didática maristas, para sermos mais tarde professores. Lecionei em vários colégios maristas, trabalhei em favelas, atuei nas CEBs, na Pastoral da Juventude, na Pastoral Vocacional.

A Igreja Católica estava entrando em fases de mudanças que vieram a se concretizar através do Concílio Vaticano II (1962 – 1965). De 1964 a 1967 fiz o curso de Ciências Biológicas e a-biológicas na UFMG, em pleno período da Ditadura Militar. Foi uma época difícil, mas preciosa, pois levou a sociedade e a Igreja a um amadurecimento político, provocado seja pelos documentos aprovados durante o Vaticano II, seja pelas reações populares contra a ditadura. O povo brasileiro desenvolveu, à época, um maior senso crítico, graças, sobretudo, à atuação de universitários e operários. O mesmo se verificou no âmbito eclesial, devido à atuação firme das pastorais e dos grupos de jovens que, alimentados por uma espiritualidade que ligava a fé com a vida, e a oração com a ação, eram verdadeiras sementeiras de lideranças renovadas para a Igreja e para a sociedade.

Mais tarde fiz outros cursos de extensão, em fins de semana, na área de administração e orientação escolar. Estudei na Faculdade de Ituverava e na Universidade Federal de São Carlos, ambas em São Paulo. Cursei também Farmacologia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), *latu sensu*. Para atualizar-me em teologia e pastoral, participei também desses cursos na PUC - Minas e na PUC - Curitiba, em períodos de férias, durante três anos em cada uma. Outros Irmãos foram estudar em Roma (Itália), Lovaina (Bélgica) e Paris (França). Nova visão de mundo, da Igreja e da Congregação exigiam muita preparação pastoral, teológica e intelectual.

Com a eleição do Ir. Basílio Rueda como superior geral da Congregação, à frente da qual ficou por 18 anos, logo após o Concílio, houve muito esforço em colocar a formação e a missão maristas dentro das normas do Vaticano II. Eram realizados cursos de formação, de catequese, pastoral juvenil e vocacional, tanto em nível nacional, como internacional. Nossa Província destacou-se, apesar das lutas...

A Igreja Católica e outras comunidades cristãs continuaram reagindo diante dos rumos que a ditadura militar foi tomando, não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul e Central. O governo americano, através de sua polícia secreta (CIA), infiltrou-se nesses países, com o pretexto de combate ao comunismo, manipulando seus presidentes, transformando-os em ditadores. Prendiam pessoas e executavam torturas terríveis, insuflando ideologias, apesar dos clamores das igrejas. Vários bispos foram silenciados, proibidos de escrever e até de fazer homilias que se referissem à situação política de seus países; padres, religiosos e leigos foram torturados. Tudo sendo "juridicamente aprovado" pelos famosos AI (Atos Institucionais). Esta

triste situação durou até 1985 no Brasil, mas continua tendo suas consequências veiculadas pela mídia, mantendo o povo sob "controle democrático". Ainda bem que as "Comissões da Verdade" estão desmascarando o que aconteceu de 1964 a 1985. Muitas guerrilhas, sequestros, passeatas, greves, reações populares foram realizadas.

Neste período, as CEBs foram se fortalecendo, assim como os pastorais sociais. Também foram criados o Mês da Bíblia (setembro) e a Campanhas da Fraternidade, pois a CNBB foi colocando em prática o Plano de Pastoral de Conjunto, 1966 – 1970, que é o documento 77, desenvolvendo-o através das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Todo esse dinamismo pastoral tinha como base, inicialmente, os documentos de Medellin e Puebla, e mais tarde o de Santo Domingo, assim como agora é o de Aparecida. Todos estes textos tiveram inspiração no Vaticano II. Apesar das perseguições desencadeadas pelas ditaduras militares nos diversos países das Américas, a Igreja saiu fortalecida, pois em tal contexto percebeu-se, ainda melhor, que a fé está relacionada à política e a oração com a ação. A teologia da libertação foi decisiva no combate ao capitalismo feroz que os EUA intentavam impor às realidades latino-americanas e caribenhas.

Acompanhei pessoalmente esses acontecimentos e os confrontei por meio da leitura e do estudo dos documentos da CNBB, além de também ter conhecimento de tudo o que era divulgado da mídia. Participei ativamente dos encontros das pastorais e de outros movimentos sociais, da mobilização pelas eleições diretas, da exigência de que se respeitasse os direitos humanos no país, supressos pelos AI. Atuava nos colégios maristas – no REMAR, no GAMAR, no CMJ –, mas também em grupos de jovens e nas pastorais das comunidades eclesiais; participei do Grito dos Excluídos e das caminhadas populares, buscando aproveitar cada ocasião para fortalecer o senso crítico dos jovens a fim de que soubessem separar o "joio do trigo".

Também participei de encontros nacionais e mesmo internacionais, como os de Pastoral Vocacional no Chile e em Curitiba, fiz alguns cursos maristas na Europa, e visitei Israel para um contato mais direto com as origens cristãs, peregrinando pelos caminhos de Jesus Cristo. Por meio de equipes constituídas por diversas Congregações religiosas, masculinas e femininas, ajudei a organizar encontros em diversos lugares do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás para reflexões sobre vida religiosa e outros temas eclesiais. Participei ainda de missões de solidariedade em períodos de férias, para as quais também convidei jovens Irmãos Maristas que hoje estão em postos-chaves na Província.

Passados já tantos anos desde o início de minha caminhada vocacional continuo feliz e louvando a Deus pelas graças recebidas, que são tantas. Caminhei ontem e continuo caminhando hoje junto ao povão, para uma maior adesão e amadurecimento do ser e do agir cristãos. Enquanto me for possível, continuarei acompanhando as pessoas – Irmãos, leigas e leigos –, e buscarei acolher com carinho os pobres nas favelas, nas periferias e onde mais Deus nos fizer encontrar-nos.

"Pela graça de Deus, sou o que sou. E a graça de Deus em mim não ficou vazia" (1Cor 15,10).

Sinto-me liberto e feliz

Ir. Severino Euzébio Leite

Nasci na cidade de Prata, região do semiárido paraibano. Sou um dos 5 filhos que se criaram [houve mais] de Severino Aureliano Leite, carpinteiro, e de Maria Eusébio de Farias, do lar, no começo; depois, servidora pública, zeladora de uma escola.

Penso que mamãe, sem o querer, interferiu na minha opção vocacional. Ela era devota de Nossa Senhora do Carmo e fazia promessas. Rezava o ofício e outras orações no seu quarto. Aprendi a rezar o "Lembrai-vos", ouvindo-a, pois o fazia em voz alta. O terço era, também, uma prática nossa. Desde pequeno, eu o rezava.

A minha história vocacional é meio estranha. Tudo começou mais ou menos nos anos de 1961 ou 1962. Eu tinha entre 8 e 9 anos de idade. Não sei por que, mas, um dia, eu disse a mamãe que queria ser padre. Lembro-me que ela chorou. Nunca lhe perguntei o porquê. Então ela me apresentou ao padre, que ia à nossa cidade de tempos em tempos e ele me fez ser acólito (coroinha). Entregou-me um livrinho para eu aprender a responder a Missa. Ainda era em latim.

Quando eu completei 12 anos, terminei o curso chamado primário (fundamental I). Era a hora de ir para o seminário, em Campina Grande-PB. Naquele ano, 1966, essa casa estava fechada, por motivo que eu ignoro. Na minha cidade natal não havia o curso ginasial (fundamental II). Tive que ir morar em Monteiro, sede da Paróquia, distante 30 km da minha cidade, onde residiam os meus avós maternos e algumas tias maternas. Ficaria, ali, durante 1 ano, e iria para o seminário. Porém, por outro motivo, o seminário não fora aberto. Fui ficando em Monteiro, morando com os meus avós. Nesse ínterim, aparece um Irmão Marista: Ir. Francisco de Assis Lacerda, recrutador. Ficara hospedado na casa paroquial e, à noite, foi à minha escola, entrando na sala em que eu estudava. Usava batina preta e era muito falante. Depois de conversar com a turma [não sei o que ele disse], perguntou quem queria ser padre. Três adolescentes levantaram a mão: eu e mais dois. Ele expôs algumas fotos. Só me lembro que havia umas palmeiras e uma frase assim: "Apipucos, capital do coração". Eu estava certo de que chegara a vez

de entrar, com aquele Irmão. Mas não entendia nada dessa história de ser Irmão. Esperei um tempão para ele retornar... Isto aconteceu somente em 1969! Com 16 anos, ainda menor de idade, ele quis falar com mamãe, mas ela morava na Prata. Minha irmã já tinha 21 anos, estava em Monteiro. Foi ela que assumiu o risco. Não sei em que mês estávamos, mas era final do ano. Foram acertados os detalhes: data de viagem, valor a ser pago mensalmente, enxoval [lista de vestuário, roupa de cama e banho e tudo o que eu deveria usar em Recife (Apipucos)].

No dia 22 de fevereiro de 1970, viajo de Monteiro para Campina Grande. Agora eu tinha 17 anos. Era a minha primeira viagem. Nunca tinha saído da Prata e de Monteiro. Eu estava num misto de alegria, por buscar o meu sonho, mas bastante espantado. Matutão da Silva! Sozinho, arriscando tudo! Cheguei a Campina Grande e deveria tomar outro ônibus para Lagoa Seca, onde ficaria por uma semana, para conhecer outros muitos colegas juvenistas [era assim que nos chamávamos]. Achava o ambiente da casa muito estranho, mas não queria demonstrar! Lá, conheci o Ir. José Milson, bem jovem, muita energia: cantava com a gente, jogava, fazia um bocado de estrepolia para nos animar. Eu, tímido, ficava muito recatado!

Depois da semana de convivência, fomos, em 2 ônibus, para Recife. Lembro-me que o Ir. Francisco Lacerda, o recrutador, ia conosco e cantávamos assim: "o Senhor me chamou a trabalhar, a messe é grande a ceifar; a ceifar o Senhor me chamou: Senhor, aqui estou! "

Daqui em diante, começaria, pra valer, a minha caminhada... Não dá pra contar detalhes. Fiquei em Recife 3 anos, até o postulantado. Em 1973, retornei a Lagoa Seca - PB, para o noviciado, voltando, a seguir, para Recife, onde fiz o escolasticado [juniorato]. Depois dessa etapa, fui para Maceió, onde iniciei o meu apostolado.

Na minha vida, fui marcado pelo testemunho de vários Irmãos. Alguns, pela simplicidade, com os quais aprendi a amar os pobres: Ir. Pedro Paulo, Ir. Lanfrânio, Ir. Damião Clemente...; outros, pelo zelo e lucidez: Ir. Wellington Medeiros, que era bem jovem, mas muito antenado; Ir. José Getúlio, sempre apressado e simples; Ir. Aroldo Agra, de profunda vida espiritual, trabalhador, e não gostava de conversas "fiadas". No serviço apostólico, foi significativa a presença do Ir. Antônio Aguiar, meu primeiro diretor, quando iniciei o apostolado em Maceió – AL. Homem de vida espiritual, valorizava o Irmão jovem, tinha alegria e leveza no trato com as pessoas.

Em Maceió, saindo do Marista, trabalhei em Juvenópolis durante 9 anos e meio. Foi uma grande experiência! Ali era um internato de meninos pobres, ao mesmo tempo, Escola popular, com 10 turmas e mais ou menos 500 alunos. Terminando a minha missão em Juvenópolis, fui nomeado para Iguatu, uma comunidade inserida. Sofri muito para me adaptar àquela realidade de muita pobreza. Tive que mergulhar naquele mundo. O povo é que me evangelizou! Depois de um ano, tive a chance de ser transferido e, conversando com o provincial, preferi ficar, senão eu sairia sem ter experimentado a realidade de Iguatu. Permaneci, lá, por 9 anos e trabalhei bastante. Aprendi muito com os pobres!

Assumi vários cargos em comunidades e cooperei na formação; porém, sinto-me à vontade partilhando a vida com as classes populares. A liturgia, a música e a Bíblia são os meus maiores campos de atuação. Vejo-me, sempre, entre os pobres. O tempo me fez sentir mais a pele dos outros e ajudar os mais simples, fazendo coisas que nunca pensara antes. Sinto-me liberto e feliz, e busco formar consciências críticas, a fim de que os mais vulneráveis não sejam transformados em "ovelhinhas", presas fáceis.

Roteiro para uma leitura orante do livro "simplesmente irmãos!"

1. **Preparação.** O nucleador seleciona, previamente, as autobiografias que proporá aos jovens para a leitura durante o encontro vocacional (poderá também sugerir que os próprios participantes escolham os textos que desejam ler). Ao distribuí-las entre os participantes explicará a dinâmica que será seguida, cujos passos serão: 1) meditação; 2) oração; 3) gesto concreto.

2. **Meditação**. O nucleador orienta o grupo para a realização de um tempo de leitura em particular ("deserto"). Caso julgue oportuno, poderá oferecer também algumas perguntas orientadoras:

   a) o que mais lhe chamou a atenção na história vocacional lida?

   b) que elementos – pessoas, acontecimentos, lugares – você percebe que contribuíram para a descoberta da vocação do Irmão...?

   c) ao relacionar a história vocacional do Irmão... com os seguintes textos bíblicos Jr 1, 4-10; 1Sm 3, 1-21; Lc 1, 26-38, que semelhanças você enco*ntra nas diferentes experiências vocacionais?*

3. **Oração.** Em grupo, repetir palavras, frases e expressões mais significativas encontradas nos textos lidos, intercalando-as com refrãos de cantos vocacionais. Concluir o momento rezando uma das orações vocacionais disponíveis no final do livro.

4. **Gesto concreto.** O nucleador poderá motivar os vocacionados a que individualmente ou em grupo escrevam cartas, enviem e-mails ou mensagens por redes sociais para os Irmãos cujas biografias foram lidas no encontro. Outra alternativa seria sugerir que eles divulguem em suas próprias redes sociais as histórias vocacionais que leram.

Pedimos ao Senhor da messe

(orações vocacionais)

Oração do promotor vocacional

Senhor Jesus, dia após dia, pões em minhas mãos a vocação de nossos adolescentes e jovens, aos quais chamas a construir teu Reino a partir das mais diversas vocações.

Transforma-me, Senhor! Quero ser tua voz que chama, teu testemunho que convida, tua mão que guia, teu amor e amizade que acompanham, teu coração que ama.

Infunde-me tua graça, sabedoria e paciência, constância, fidelidade e amor.

Quero trabalhar para que se faça tua vontade aqui na terra, e que assim venha teu Reino.

Maria, Rainha dos Apóstolos, guia-me em meu serviço para que eu desperte e acompanhe vocações e construa o Reino de teu filho, Jesus. Amém.

Oração pelas vocações maristas

Senhor Jesus, olhamos ao nosso redor e vemos as enormes necessidades das crianças, adolescentes e jovens de hoje.

Sabemos que é urgente poder contar com mensageiros de esperança, testemunhas de teu amor.

Damos-te graças, Senhor, por teu chamado pessoal para seguirmos uma vocação de serviço em tua Igreja.

Pedimos-te que nos dês as luzes necessárias para encontrarmos nosso caminho e força para viver de tal modo que nosso testemunho seja fonte de esperança e desperte, ao mesmo tempo, novas vocações para tua comunidade.

Oramos por todos aqueles e aquelas que convocas a viver hoje o sonho de Champagnat: seguir a Cristo como Maria, entre as crianças, adolescentes e jovens, particularmente os mais pobres.

Faze que aqueles que se sentem chamados a seguir-te como Irmãos Maristas sejam audazes para responder-te com paixão e generosos para serem fiéis.

Maria, modelo de entrega e fidelidade, roga por esta tua família. Amém.

Oração para pedir vocações

Senhor Jesus, que pediste a teus seguidores que vivessem o amor e a unidade, para que o mundo cresse em ti: dá-nos a graça de centrar nossas vidas em teu Evangelho, de tornar-te conhecido e de fazer-te amar.

Maria, nossa "Boa Mãe e Primeira Superiora", escuta nossa súplica confiante: "Esta obra é tua, tu nos reunistes apesar das dificuldades do mundo, para procurar a glória de teu divino filho. Se não nos ajudares, morreremos, vamos nos apagar como lamparina sem azeite... Tu fizeste tudo entre nós, contamos, pois, contigo, com tua ajuda poderosa, e queremos contar sempre com ela".

Intercede, Mãe de bondade, a teu Filho para que "envie operários à sua messe", vocações à Congregação Marista. Amém.

(Oração baseada em uma oração de Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas)

Oração à Boa Mãe Maria

Virgem Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja: tu conheces o plano de amor do Pai para todos os homens e sabes o que Deus quer de mim.

Intercede ao Senhor para que eu siga seus caminhos.

Em tuas mãos, minha Boa Mãe, ponho minha vida e todo o meu ser.

Quero confiar-te, de maneira especial, os que chamas a ser Irmãos Maristas.

Faze, Boa Mãe, que os jovens que sentem esta vocação sejam audazes para segui-la com paixão e generosos para serem fiéis Àquele que os chamou.

Maria, modelo de entrega e fidelidade, roga por nós e pelas vocações maristas. Amém.

(Textos traduzidos e adaptados do original espanhol pelo Ir. Rafael Ferreira Júnior a partir do material vocacional virtual organizado pela Província Marista Santa Maria de los Andes – Setor Bolívia. Disponível em: https://www.facebook.com/maristas.bolivia.5/media_set?set=a.1102108619935549.1073741961.100004092644293&type=3&feed=true)

Endereços da Animação Vocacional

Contate-nos pelos seguintes endereços:

Animação Vocacional

E-mail: pvocacional@marista.edu.br

Endereço QS 01, Rua 210, Lote 40, Edifício Taguatinga Shopping, Torre A – 10º andar, Águas Claras – Brasília – DF

CEP: 71.950-904

Site: www.marista.edu.br/vocacional

Facebook: www.facebook.com/marista.vocacional

Twitter: www.twitter.com/vocmarista